



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
CURSO DE MESTRADO
LINHA DE PESQUISA: PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

MARIA CRISTINA MAIA DE OLIVEIRA FERNANDES

O MUNDO DOS OBJETOS:
Uma via de conexão possível para o autista?

RECIFE

2019



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
CURSO DE MESTRADO
LINHA DE PESQUISA: PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

MARIA CRISTINA MAIA DE OLIVEIRA FERNANDES

O MUNDO DOS OBJETOS:

Uma via de conexão possível para o autista?

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica,

Orientação: Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz

RECIFE

2019

F363m

Fernandes, Maria Cristina Maia de Oliveira

O mundo dos objetos : uma via de conexão possível para o autista? / Maria Cristina Maia de Oliveira Fernandes, 2019.
109 f. : il.

Orientador: Edilene Freire de Queiroz

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Mestrado em Psicologia Clínica, 2019.

1. Psicanálise. 2. Autismo. 3. Psicopatologia. I. Título.

CDU 159.964.2

Ficha catalográfica elaborada por Pollyanna Alves - CRB4/1002

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
CURSO DE MESTRADO
LINHA DE PESQUISA: PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

MARIA CRISTINA MAIA DE OLIVEIRA FERNANDES

O MUNDO DOS OBJETOS:

Uma via de conexão possível para o autista?

Defesa de dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica,

Orientação: Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz

BANCA EXAMINADORA


Profª Drª Edilene Freire de Queiroz


Profª Drª Paula Cristina Monteiro de Barros


Profª Drª Cleide Pereira Monteiro

Recife, 26 de fevereiro de 2019

aos meus amores
bismarck,
daniel, luíza e leandro,
rafaele e allan,
gabriel, eduardo, marcela e bia,
dedico.

AGRADECIMENTOS

Ao companheiro de tantos anos, sempre ali, à mão, ao lado, na retaguarda, na vida;
aos que suportaram e suportam minhas ausências, sobretudo nos encontros familiares;
à orientadora, orientadora, pontual e precisa;
aos professores todos, admiráveis, cada um;
aos apoiadores do início ao final e além;
às companheiras de viagem, discussões, aulas, sushis e risadas... não seria o mesmo
sem as duas...
aos colegas e aos que se fizeram amigos inesquecíveis,
minha gratidão e meu carinho!

Invernáculo

*Esta língua não é minha,
qualquer um percebe.
Quando o sentido caminha,
a palavra permanece.
Quem sabe mal digo mentiras,
vai ver que só minto verdades.
Assim me falo, eu, mínima,
quem sabe, eu sinto, mal sabe.
Esta não é minha língua.
A língua que eu falo trava
uma canção longínqua,
a voz, além, nem palavra.
O dialeto que se usa
à margem esquerda da frase,
eis a fala que me lusa,
eu, meio, eu dentro, eu, quase.*

Paulo Leminski.

RESUMO

Esta dissertação surgiu de nossa experiência clínica e visou investigar a função que tem determinados objetos escolhidos pelo autista, priorizando como campo de análise para chegar ao foco pretendido, autobiografias de autistas. Neste percurso, investigamos o autismo e suas especificidades diagnósticas em suas diferenças com a psicose, enfatizando no autismo, a forclusão do furo que tem como consequência, a não constituição de um corpo para o autista, posto que se não há furo, não há borda. Concomitantemente, perseguimos o objeto cotidiano através do tempo, além de explorarmos algumas figuras mitológicas que portam nas mãos, objetos que os identificam e que carregam toda uma significação. Por se tratar de uma pesquisa que tem como lastro teórico, a psicanálise, foi imprescindível percorrer a questão do objeto em Freud. Consideramos de igual importância abordar a teoria do objeto transicional em Winnicott, enquanto buscamos em Lacan, o que ele, em seu retorno a Freud, marcou uma diferença e estabeleceu como objeto *a*. Tudo isso na tentativa de promover aproximações e distanciamentos destes objetos citados com o objeto nomeado autístico pela psicanálise. Para atingirmos nosso objetivo, realizamos uma pesquisa bibliográfica na qual investigamos três autobiografias de autistas (Daniel Tammet, Temple Grandin e Donna Williams), dando ênfase à existência e ao lugar que tais objetos ocuparam na constituição desses sujeitos, ou seja, sua função pacificadora, pois, frente ao gozo desenfreado que experimenta o autista, os objetos servem de barreira, de limite, de borda, de proteção, além de contribuir com a criação e manutenção do laço social. Finalmente, ao tentarmos compreender a relação que se estabelece entre o autista e estes objetos que não se emparelham com nenhum outro, posto que são ímpares, interessou-nos pesquisar, outrossim, acerca de sua utilidade na direção do tratamento na clínica psicanalítica do autismo.

Palavras-chave: Autismo. Objeto *a*. Objeto autístico. Psicanálise.

SUMMARY

This dissertation arose from our clinical experience and aimed to investigate the function that has certain objects chosen by the autistic, prioritizing autistic autobiographies as the field of analysis to reach the intended focus. In this course, we investigate autism and its diagnostic specificities in its differences with psychosis, emphasizing in autism, the forclusion of the hole that results in the non constitution of a body for the autistic, since if there is no hole, there is no edge. Concomitantly, we pursue the everyday object through time, in addition to exploring some mythological figures that carry in their hands, objects that identify them and carry a full significance. Because it is a research that has as its theoretical weight, psychoanalysis, it was essential to go through the question of the object in Freud. We consider it as equally important to approach the theory of the transitional object in Winnicott, while we search in Lacan, what he, in his return to Freud, marked a difference and established as object *a*. All this in the attempt to promote approximations and distances of these objects quoted with the object named autistic by psychoanalysis. To achieve our goal, we carried out a bibliographical research in which we investigated three autobiographies of autistic (Daniel Tammet, Temple Grandin and Donna Williams), emphasizing the existence and the place that these objects occupied in the constitution of these subjects, that is, their pacifying function, because, faced with the unbridled enjoyment of the autistic, objects serve as a barrier, limit, edge, protection, and contribute to the creation and maintenance of the social bond. Finally, when we try to understand the relationship between the autistic and these objects that do not pair with any other, since they are unparalleled, we were interested in investigating their usefulness in the treatment of the psychoanalytic clinic of autism.

Keywords: Autism. Object *a*. Autistic object. Psychoanalysis.

RÉSUMÉ

Cette thèse découlait de notre expérience clinique et visait à étudier la fonction de certains objets choisis par les autistes, en donnant la priorité aux autobiographies autistes comme champ d'analyse permettant d'atteindre le but recherché. Dans ce cours, nous étudions l'autisme et ses spécificités diagnostiques dans ses différences avec la psychose, en soulignant dans ce dernier la forclusion du trou qui aboutit à la non-constitution d'un corps pour les autistes, car s'il n'y a pas de trou, il n'y a pas de marge . De manière concomitante, nous poursuivons l'objet du quotidien à travers le temps, en plus d'explorer des figures mythologiques portant dans leurs mains des objets qui les identifient et qui ont une signification complète. Parce que c'est une recherche qui a pour poids théorique la psychanalyse, il était essentiel de passer par la question de l'objet dans Freud. Nous considérons qu'il est tout aussi important d'aborder la théorie de l'objet transitionnel chez Winnicott, alors que nous cherchons à Lacan, ce qu'il a, en revenant à Freud, marqué une différence et établi comme objet *a*. Tout cela dans le but de promouvoir les approximations et les distances de ces objets cités avec l'objet nommé autiste par la psychanalyse. Pour atteindre notre objectif, nous avons effectué une recherche bibliographique dans laquelle nous avons examiné trois autobiographies d'autistes (Daniel Tammet, Temple Grandin et Donna Williams), en soulignant l'existence et la place que ces objets occupaient dans la constitution de ces sujets, c'est-à-dire leur fonction pacifiante, parce que, face au plaisir effréné des autistes, les objets servent de barrière, de limite, de limite, de protection et contribuent à la création et au maintien du lien social. Enfin, lorsque nous essayons de comprendre la relation entre les autistes et ces objets qui ne s'apparentent pas entre eux, puisqu'ils sont sans précédent, nous nous sommes aussi intéressés à leur utilité dans le traitement de la clinique psychanalytique de l'autisme.

Mots-clés: Autisme. Objet *a*. Objet autistique. Psychanalyse.

RESUMEN

Esta disertación surgió de nuestra experiencia clínica y pretendió investigar la función que tiene determinados objetos escogidos por el autista, priorizando como campo de análisis para llegar al foco pretendido, autobiografías de autistas. En este recorrido, investigamos el autismo y sus especificidades diagnósticas en sus diferencias con la psicosis, enfatizando en el autismo, la forclusión del agujero que tiene como consecuencia, la no constitución de un cuerpo para el autista, puesto que si no hay agujero, no hay borde. Concomitantemente, perseguimos el objeto cotidiano a través del tiempo, además de explorar algunas figuras mitológicas que porta en las manos, objetos que los identifican y que cargan toda una significación. Por tratarse de una investigación que tiene como lastre teórico, el psicoanálisis, fue imprescindible recorrer la cuestión del objeto en Freud. Consideramos de igual importancia abordar la teoría del objeto transicional en Winnicott, mientras buscamos en Lacan, lo que él, en su regreso a Freud, marcó una diferencia y estableció como objeto *a*. Todo ello en la tentativa de promover aproximaciones y distanciamientos de estos objetos citados con el objeto nombrado autístico por el psicoanálisis. Para alcanzar nuestro objetivo, realizamos una investigación bibliográfica en la que investigamos tres autobiografías de autistas (Daniel Tammet, Temple Grandin y Donna Williams), dando énfasis a la existencia y al lugar que tales objetos ocuparon en la constitución de esos sujetos, o sea, su función pacificadora, por lo tanto, frente al goce desenfrenado que experimenta el autista, los objetos sirven de barrera, de límite, de borde, de protección, además de contribuir con la creación y mantenimiento del lazo social. Finalmente, al intentar comprender la relación que se establece entre el autista y estos objetos que no se emparejan con ningún otro, puesto que son impares, nos interesó investigar, además, acerca de su utilidad en la dirección del tratamiento en la clínica psicoanalítica del autismo.

Palabras clave: Autismo. Objeto *a*. Objeto autístico. Psicoanálisis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: esquema de Winnicott	51
Figura 2: dialética do arco de Lacan	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 AUTISMO, OBJETOS E PSICANÁLISE	22
2.1 O que é o autismo?.....	22
2.2 Como falar do objeto na atualidade?	28
2.3 Figuras mitológicas e seus objetos.....	34
2.4 O objeto para Freud	38
2.5 O objeto transicional.....	47
2.6 O objeto para Lacan	54
3 O OBJETO AUTÍSTICO	63
3.1 O objeto em Daniel Tammet.....	71
3.2 O Objeto em Temple Grandin	78
3.3 O Objeto em Donna Williams	82
4 OS AUTISTAS E AS ESCRITAS DE SI	88
4.1 Autobiografias: a dor de existir.....	88
4.2 Biografias: escritas de vida	94
5 AUTISMO, OBJETOS, AUTOBIOGRAFIAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
BIBLIOGRAFIA	103

1 INTRODUÇÃO

Minha alma é um quarto onde os objetos mais estranhos estão colocados; um do lado do outro, sem ordem, sem nenhuma intenção de fazer sentido.

(Rubem Alves)

O autismo ocupa hoje no mundo, um lugar de destaque entre as diversas formas de sofrimento psíquico. Nesta perspectiva, constitui um fecundo campo de pesquisa para a Psiquiatria, a Psicologia e a Psicanálise, cada uma dessas áreas investindo em descobertas que procuram definir o autismo, quais as suas causas, meios e formas diagnósticas, assim como intervenções e tratamentos. Nessa busca, percebemos que, ainda que haja um intenso debate sobre o tema, não há consenso entre as Ciências, no que diz respeito às questões elencadas.

Na clínica psicanalítica da atualidade, deparamo-nos com um excesso de casos de autismo que se apresentam de múltiplas maneiras quanto à manifestação e graus, e nos convocam, enquanto profissionais da área, a pensar sobre este fenômeno e suas formas de apresentação. Impressiona-nos, sobremaneira, a facilidade com que médicos e profissionais afins, profissionais de outras áreas e até mesmo leigos, autorizam-se tão rapidamente a diagnosticar e inserir numa categoria clínica, aquele sujeito que apresenta qualquer indício que seja correlato ao espectro autista - por mais discreto que seja - ou que saia do padrão de comportamento esperado pela sociedade.

A partir de nossa clínica privada, tem sido comum testemunhar que, com o diagnóstico em mãos, os pais geralmente empreendem verdadeiras e infundáveis peregrinações por médicos das mais diversas especialidades, submetem seus filhos a uma colossal bateria de exames, muitas vezes invasivos, para confirmarem - ou não - o diagnóstico que lhes chegou através da palavra do profissional. Frequentemente, esse processo diagnóstico vem acompanhado de prescrições medicamentosas, muitas vezes incompatíveis ou pouco adequadas à idade, com o objetivo de “tratar”, “curar” o autismo ou mesmo conter o autista em suas manifestações. Entre estas manifestações, pode ser incluída a interação ou mesmo uma adesividade a um objeto que o autista elege. Que objeto seria este? Que função ele teria?

Segundo a literatura consultada para dar contorno a esta dissertação, pôde-se constatar que há algumas teorias que convergem e outras que divergem acerca deste objeto com o qual a criança autista apresenta uma certa afinidade, uma “fixação”, e ao qual se apega de maneira

intensa, o que tem provocado debates e discussões e nos levou a pesquisar e discorrer sobre sua função.

Considerando este contexto, afirmamos que o que nos instigou à pesquisa empreendida diz respeito às manobras do autista para se desvencilhar desse Outro¹ que o apavora, diante do mal entendido que a linguagem comporta. Ou seja, a questão que insistiu desde o início deste percurso de investigação foi pensar se entre estas manobras, poderíamos incluir estes objetos ditos autísticos. Qual seria a melhor atuação do psicanalista frente a uma criança que chega ao consultório, cujo corpo é marcado pelo significante “autista” precisamente por essa escolha de adesividade a um objeto? Ou seja, o que dizer das crianças assim rotuladas e que apresentam “comportamentos estranhos”, tais como, contrariando uma dita “normatividade”, apegarem-se a objetos diversos que eles escolhem e dos quais não conseguem se separar? Qual a função desses objetos, notadamente utilizados pelos autistas? Como fazer uso destes objetos na atuação junto à criança autista na direção do tratamento? Seria possível?

Psicanalistas diversos apresentam posições algumas vezes divergentes sobre o tema do objeto para o autista. Mesmo Jean-Claude Maleval (2017)², enquanto grande estudioso do autismo na contemporaneidade, questiona se os ditos objetos autísticos servem como auxiliares ou entraves na construção subjetiva da criança, se estes seriam “vetores de abertura ou de fechamento” (p. 149).

Por exemplo, Frances Tustin³ (PIMENTA, 2014) foi a pioneira em destacar a concepção do objeto ao qual o autista se aferrava, pesquisando suas funções. Para Tustin (MALEVAL, 2017, p. 60), o objeto autístico seria um antecedente do objeto transicional criado por Winnicott, em se tratando de crianças não autistas, mas com igual especificidade, ou seja, seria percebido como “totalmente eu”. Ela teve uma clínica expressiva com autistas e assegurava um caráter patológico, “alienante” a estes objetos que ela considerava como parte do corpo, manobra danosa para o desenvolvimento da criança. Enfim, suas afirmativas se davam no sentido de que os objetos autísticos concorreriam para deter a criatividade, o que significava uma oposição à vida.

¹ Diferente do outro (com O minúsculo) que se refere ao semelhante, para Lacan, o grande Outro designa a alteridade radical, a outridade que transcende a outridade ilusória do imaginário (que tem a ver com o outro, semelhante) porque não pode assemelhar-se mediante a identificação. Evans, Diccionario Introductorio de Psicoanálisis Lacaniano. BsAs, Barcelona, México: Paidós, 2003.

² Psicanalista francês da AMP e da École de la Cause Freudienne.

³ Psicoterapeuta infantil inglesa de orientação kleiniana que se destacava por sua sensibilidade no trabalho com autismo a partir de sua formação na Clínica Tavistock, na Inglaterra.

Já Maleval (PIMENTA, 2014) assegura uma função importante destes objetos na defesa destas crianças. E até os classifica em simples e complexos, classificação que estaria ligada ao modo de inteirar-se com o objeto que estabelece o autista. Os simples seriam correlatos do objeto auto-erótico preconizado por Freud, proporcionando, portanto, uma sensação autoproduzida, a partir do corpo próprio, o que lhe possibilitaria um tratamento. Os objetos passariam a ser complexos se conseguissem organizar pulsionalmente o autista, proporcionando uma ponte entre ele e o mundo.

Podemos constatar, de acordo com estes autores citados, que há controvérsias quanto ao uso desses objetos. Assim, continuamos com nossas questões. E, a partir do exposto, também surgem inquietações de como pode aí operar o psicanalista, tanto na clínica privada quanto nas instituições que oferecem um espaço para a criança autista, principalmente quando é do nosso conhecimento, a existência de um firme movimento de resistência a esta abordagem e suas intervenções. Se levarmos em conta que a psicanálise considera que o autismo é uma maneira de estar no mundo - algo que está além da concepção de patologia - podemos atestar que não há o que “tratar”. As aspas no termo confirmam que não se trata de uma patologia, ainda que não excluamos o mal-estar que vive um sujeito; esse, sim, necessita ser tratado, seja em qualquer sujeito. E, nesse processo, há muito o que apreender, o que captar, o que extrair, num trabalho minucioso, rigoroso, preservando radicalmente a singularidade, cada autismo por si só e a maneira como cada sujeito escolheu para regular a ação e os efeitos da palavra que lhes causam tanto mal. E, com isto, alcançar mudanças em sua relação com o mundo do qual se defende. Assim, o autista inventa sua singular maneira de se manter na vida, ainda que estas invenções incluam a manipulação constante e diária de objetos escolhidos por ele.

Longe de investir numa normatização, numa pedagogia ou até mesmo em práticas educativas, nossa proposta enquanto psicanalistas tem sido mobilizar o autista, colocá-lo a trabalho. Consideramos o cuidado que se deve ter para que esse movimento não incorra em demandas de melhorias, retificações ou normalização, mas que, na contramão do discurso vigente nas ciências - o que inclui uma medicalização desregrada que o paralise - amplie espaços para que o autista tenha vez e, quem sabe, voz.

Em nosso percurso clínico, é evidente uma tendência e preocupação com a formação da criança, o que, conseqüentemente, nos remete ao que convivemos em nossos dias, que é um empuxo ao diagnóstico (principalmente de autismo e seus nomes) e à medicalização da criança, sobretudo com o objetivo de contenção, de evitar determinados comportamentos que incomodam aos pais, educadores ou a quem quer que se ocupe com o autista, incluindo o

apego a objetos. Por estes motivos, julgamos serem de vital importância estes temas, o que nos inspira a nos aprofundarmos e trazê-los a céu aberto.

Consideramos, inclusive, estes pontos elencados, de suma importância, do ponto de vista do imaginário cultural e diante do “sonho do filho idealizado”, praticamente um *gadget*⁴ na contemporaneidade, mas, sobretudo por advirem da nossa experiência clínica e, ao mesmo tempo, pelo realce que a literatura escolhida tem mostrado no que se refere ao apego a objetos que demonstram os autistas/autores das autobiografias aqui discutidas.

São inúmeras as questões que nos são suscitadas pelo autismo. Interessou-nos, porém, no que dizia respeito ao projeto inicial e ao percurso do mestrado, delimitar a temática no que tange a estes objetos que o autista elege e que não se emparelham com nenhum outro, mas que, apesar das controvérsias, parecem ter uma função de apaziguamento, de mediação para ele. É disso que nos propusemos tratar nesta pesquisa desenvolvida ao longo deste Mestrado em Psicologia Clínica na UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco - numa tentativa de produção de um saber que viesse a contribuir de maneira significativa para as discussões atuais sobre o tema, mas que também pudesse vir a ter incidência sobre a clínica psicanalítica, bem como à prática promovida por educadores e pais, no que se refere aos autistas.

Já levamos na bagagem, uma prática considerável em psicanálise. Entre tantos casos, a diversidade da clínica nos permitiu nos depararmos com casos de autismo, os quais sempre nos estimulavam à supervisão e a muitas leituras com o intuito de, além de investir numa formação em psicanálise de orientação lacaniana - que foi a nossa escolha desde a graduação - poder orientar os tratamentos numa via que pudesse contribuir para que os autistas encontrassem uma melhor maneira de estar no mundo e de estabelecer um laço possível com o outro e com a vida.

Ao mesmo tempo, coordenamos há quinze anos, um Núcleo em Pesquisa em Psicanálise com Crianças e Adolescentes na Contemporaneidade - o UNI DUNI TÊ - na Delegação PB da Escola Brasileira de Psicanálise, instituição da qual fazemos parte como membro desde 2006. Dentre as várias atividades que o Núcleo oferece semestralmente, esteve presente sempre uma preocupação em inserir módulos onde se pudesse debater o autismo, tema tão recorrente nas discussões e eventos, mas também nos casos que nos chegavam para supervisão, provocando muita angústia e dificuldades no manejo dos atendimentos por parte de profissionais ou mesmo de estudantes inseridos em CAPSi ou nas clínicas das

⁴ Gíria da tecnologia para dizer de um objeto de consumo, de um equipamento que sirva para facilitar o dia-a-dia.

universidades. Nestes momentos, quer fossem de atividades ou de momentos clínicos, perguntas sobre os objetos manipulados pelos autistas, qual a sua função, como manejar, como orientar o tratamento eram constantes e sempre fomentavam longos debates.

Outrossim, perseguimos já há algum tempo, a questão do diagnóstico, por considerar ser este, um tema fundamental e básico na clínica psicanalítica. A princípio, no que tange a um trabalho que efetuamos numa clínica psiquiátrica para adultos psicóticos, mas, jamais desprezando a clínica com crianças, sobretudo autistas, que vêm sofrendo na atualidade, com um excesso de nomes que são dados por um Outro, seja ele social, médico, da área psi ou educativa.

Aliado ao exposto, coordenamos em Campina Grande, PB, um Programa - o PIPA (e rabiola)⁵ - integrante do Núcleo de Referência⁶, que prioriza a discussão sobre o autismo, tendo como foco, diagnóstico, tratamento, impasses, quer dizer, as maneiras como a psicanálise de orientação lacaniana aborda e trata o autismo. O citado Núcleo está composto de algumas oficinas, tais como 'Autismo e Cinema', 'Quem é meu filho?' e 'Com o autismo na bagagem', esta, particularmente destinada à leitura e debate com educadores e pais, de autobiografias de autistas, momentos bastante fecundos e de aprendizagem para os participantes.

Partindo deste caminho percorrido, surgiu a preocupação de nos determos em uma escrita que abordasse temas numa junção diagnóstico/clínica com crianças - com o autismo em especial - particularmente abordando as invenções do autista para dar conta do mundo que lhe rodeia, tarefa tão espinhosa para ele. Ocasão mais que oportuna para reverenciar os objetos em questão, tão polemizados em nossas discussões: estes objetos com os quais os autistas apresentam afinidades.

Nossa prática tem mostrado o quanto é importante não recorrer à pressa para um momento de concluir, com práticas que só contribuem para o engessamento e conseqüente imobilidade da criança numa posição extremamente mortífera. Mas que, ao contrário, é preciso insistir, deter-se infinitamente num tempo de compreender, acolhendo seus ditos movimentos estereotipados, gritos sem endereço, apego aos seus objetos, repetições, encapsulamentos, numa tentativa de que ela tome a direção da invenção de algo que aponte para uma possível alteridade.

⁵ Programa de Investigação Psicanalítica do Autismo.

⁶ O **NÚCLEO DE REFERÊNCIA** é uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) certificada pelo Ministério da Justiça, fundada em 2004, que desenvolve projetos e ações fundamentados pela aproximação da Psicanálise com os Direitos Humanos, voltados para adultos, adolescentes, crianças e familiares.

Queiroz (2017), ao referir-se à psicanálise, afirma que esta não nos oferece apenas uma terapêutica e uma teoria, mas também um método de pesquisa sobre a experiência humana. Apesar da especificidade de seu objeto - o inconsciente - a psicanálise foi definida por Freud, como um método de tratamento, mas também de pesquisa. Assim, após um longo tempo de afastamento, ao pensar em retornar à universidade em busca de um Mestrado, a partir deste percurso empreendido, concluímos que não nos caberia outra escolha a não ser pela clínica e por esta linha de pesquisa⁷ que privilegia a psicopatologia e a psicanálise, um campo de saber profícuo, com o qual só temos a nos beneficiar. Ao mesmo tempo, visávamos incrementar os conhecimentos adquiridos ao longo da nossa prática clínica - que nos é tão cara - mas também da nossa própria experiência analítica. Concomitantemente, consideramos de grande relevância, sublinhar nossa intenção de submeter à academia, uma pesquisa e uma consequente escrita que pudesse vir a contribuir com a comunidade constituída por aqueles que, direta ou indiretamente, cuidam da criança autista, quer sejam pais, familiares, cuidadores ou educadores.

Com vistas a empreender a pesquisa, realizou-se uma consulta bibliográfica cuidadosa pelo universo de autobiografias de autistas, material que constituiu o objeto de análise deste trabalho dissertativo. Foram selecionadas três, de onde pudemos extrair as saídas que cada autista encontrou para (re)estabelecer laços com o mundo e com a vida. Com efeito, buscou-se investigar se nestes relatos estavam incluídos objetos - os chamados objetos autísticos - qual a função que eles ocupavam na constituição subjetiva desses sujeitos e como eles, destes se utilizavam. Podemos complementar dizendo que o pano de fundo da pesquisa foi tecido por depoimentos de autistas que relatam seus enredos mais particulares e detalham como é viver sendo autista, a sua dor de existir. Mas, ao mesmo tempo, não podemos deixar de destacar as biografias utilizadas com os mesmos fins, embora sejam relatos de terceiros sobre os autistas.

Com isto, demos um primeiro passo rumo à escrita quando, tomando como base teórica a premissa dos Lefort, introduzimos o autismo enquanto uma quarta estrutura e estabelecemos pontos de junção e disjunção entre autismo e psicose, para falar de diagnóstico, dispositivo fundamental para a condução do tratamento.

Por outro lado, embora consideremos aqui a relação autista/objeto, não é difícil perceber que não é apenas o autista que demonstra esta intimidade e apego, mas se trata de uma relação que podemos rastrear nos primórdios da história da humanidade. Assim, estas pertinentes reflexões engendraram o passo seguinte: realizamos através do tempo, uma busca

⁷ Psicopatologia fundamental e psicanálise.

de alguns objetos que tiveram - e ainda têm - relevância na história do mundo, retrocedendo até a Mitologia. Quer dizer, ainda que relevando a contemporaneidade, também focamos em algumas figuras mitológicas que portam nas mãos, objetos que os identificam e que carregam toda uma significação, estabelecendo uma comparação entre estes e os objetos, tanto da psicanálise, quanto os autísticos.

Para entrar no universo psicanalítico, investigamos o sentido de objeto para Freud e de objeto transicional para Winnicott, enquanto buscamos em Lacan, o que ele estabeleceu como objeto *a*, na tentativa de promover aproximações com o objeto nomeado autístico pela psicanálise. Quer dizer, mantendo a clínica psicanalítica num lugar privilegiado, rastreamos a questão do objeto em Freud, Winnicott e Lacan, além de alguns autores lacanianos que consideramos como referência para o tema do autismo, com o objetivo de darmos contorno teórico à pesquisa.

Particularizar o autismo dá-nos a possibilidade de ampliar sua margem de tratamento, pois cada autista é o autor, o *choffeur* que o dirige. Mas, é preciso sensibilidade e formação para captar este esforço. Com os aparatos que a psicanálise oferece é possível acolher as afinidades daquele que conta com poucos recursos para ordenar seu mundo caótico e incompreensível e, em parceria com ele, alinhar ou mesmo cerzir o abismo que se abriu entre ele e o mundo. Trabalhar nesta direção traduz o que há de singular em cada autismo. Neste ponto, alcançamos nossos fins, quando nos ativemos ao trabalho árduo e incansável do autista para se desvencilhar das garras do seu Outro ameaçador e se apaziguar, além de encaixar-se no mundo de uma maneira minimamente compatível com a vida, priorizando o objeto como recurso terapêutico.

Quer dizer, partindo de autobiografias de autistas, a ideia foi conferir qual o sentido do objeto escolhido e se havia uma relação entre este objeto dito autístico e um possível apaziguamento proveniente de uma conexão com o mundo e com a vida. Mas, não demos estes passos sem verificar a forma que a psicanálise de orientação lacaniana tem atuado com crianças autistas, priorizando a afinidade que estas estabelecem - cada uma - com objetos escolhidos.

A partir do exposto, podemos concluir que se tratou de uma pesquisa que teve como referencial teórico a psicanálise, uma vez que a necessidade de envidar esforços para que esta tomasse forma, adveio de uma prática clínica amparada nesta citada abordagem, incluindo os seus impasses. A ideia foi, pois, “formalizar essa experiência no desafio de sustentar uma clínica psicanalítica” e, ao mesmo tempo, “sistematizá-la no âmbito da pesquisa universitária” (FIGUEIREDO, 2001, p. 11), numa tentativa de produção de um saber acerca deste tema

atualmente tão em pauta, mas pouco aprofundado, pois que apresenta muitas lacunas no que diz respeito tanto à teoria quanto à prática.

Desta forma, confirmamos que empreendemos uma pesquisa bibliográfica com vistas a poder colaborar para a promoção de um trabalho que contribua de alguma maneira, na atenuação do sofrimento dessas crianças diagnosticadas com autismo. Sem pretender incidir num trabalho eminentemente normativo ou educacional, ratificamos a ideia de contribuir para a compreensão da função dos objetos eleitos pelo autista, deslizando para uma prática que possa interceder junto a familiares/cuidadores/profissionais, no que tange à forma como eles encaram esses objetos autísticos elegidos e com os quais os autistas apresentam afinidades, se acolhem ou não essas escolhas.

Consideramos, pois, termos atingido nossos objetivos ao procedermos à leitura das citadas autobiografias, literatura relativamente escassa, mas consideravelmente rica em detalhes da vida de cada um, incluindo o que nos interessava sobremaneira, o ponto central da nossa pesquisa. Sabemos que poucos autistas se dedicam à divulgação de seus testemunhos de vida e dos meios que lançam mão para amenizar sua angústia e se (re)conectar com o mundo. Mas, não é possível contentar-se em acentuar a raridade deste tipo de literatura - nosso campo de pesquisa em si - sem nos conduzir à busca das razões. Supomos que os motivos são desconhecidos, mas consideramos que há diversos níveis e tipos de autismos - alguns deles julgados incapacitantes - motivos que têm influência direta sobre uma possível produção escrita que venha a contribuir com a ampliação de conhecimentos gerais sobre o fenômeno e suas características, incorrendo, assim, numa grande dificuldade em tratar do autismo. Em nosso percurso, não consideramos ser este fato, sinônimo de empecilho, uma vez que o material utilizado já estava publicado e ao nosso alcance.

Enfim, com a pesquisa, pudemos levar a efeito, uma reflexão sobre as dificuldades que um autista enfrenta para estar no mundo - tarefa bastante árdua e complexa - e as maneiras que cada um encontra para se haver com o que o invade, o assusta, o ameaça. Destarte, consideramos que nossos estudos e conclusões servirão de suplemento para o que vem sendo pesquisado sobre o tema, mais precisamente no que tange à afinidade que tem alguns autistas com determinados objetos e o uso que fazem destes. Não temos dúvida que o método de busca aqui empregado - os testemunhos dos próprios autistas sobre si - fornece contribuições preciosas para um melhor esclarecimento sobre o *modus vivendi* desses sujeitos nomeados autistas e seus enigmáticos mundos, nos permitindo uma orientação a mais no trabalho clínico com eles.

Feita esta introdução, rastreamos a questão do objeto propriamente dito, mas não sem antes adentrarmos no mundo do autismo, destacando pontos que consideramos importantes para sua compreensão em articulação com o tema que nos concerne.

2 AUTISMO, OBJETOS E PSICANÁLISE

Munidos deste *mix* que conjuga autismo, objetos e psicanálise, demos contorno a este capítulo, relevando o tema que escolhemos dissertar. Entre conexões, retornos, citações, depoimentos, semelhanças e diferenças, tropeços, foi o objeto autístico que se instaurou no horizonte e nos fez seguir na pesquisa, na tentativa de descrevê-lo, escrevê-lo e inscrevê-lo numa prática já em curso, mas que apresentava lacunas teóricas.

2.1 O que é o autismo?

Para os autistas, viver é uma batalha sem trégua.

(Naoki Higashida)

Para explicitarmos o objetivo da dissertação aqui proposta e para o desenvolvimento da hipótese teórica e metodológica proposta *a priori* - de que os objetos têm uma função para o autista - pensamos ser de fundamental importância, considerar o que seria o autismo. Tratou-se aqui, não de defini-lo, mas de destacar algumas abordagens do termo desde que este surgiu pela primeira vez, a partir de Eugen Bleuler, em 1908⁸. Tendo em vista o afastamento que os esquizofrênicos mantinham com o mundo externo, Bleuler, ao tentar descrever a patologia, recusou-se a utilizar o termo “autoerotismo” que Freud tomou emprestado de Havelock Ellis, por considerá-lo de cunho muito sexual. Ao invés dele, preferiu o nome autismo - termo por ele forjado ao subtrair o *eros* do nome e fazer uma junção de *aut* e *ismo*, sobras da operação de extração - visando descrever o embotamento afetivo, distúrbio próprio da esquizofrenia dos adultos (ROUDINESCO, 1998, p. 78), nomenclatura acatada por autores subsequentes que se dedicaram ao tema.

Anos após, o psiquiatra americano Leo Kanner se empenhou em descrever, a partir de onze casos, um quadro clínico em crianças que divergia da esquizofrenia - apesar de, a princípio, constar entre elas - cuja principal característica era a incapacidade da criança em estabelecer contato com o seu meio (Idem, 1998, p. 43) desde uma idade muito precoce. Tratava-se de crianças que não se enquadravam em nenhum tipo de patologia anteriormente definida. Desses casos, Kanner elencou alguns sinais principais do que a princípio ele chamou de “distúrbio autístico do contato afetivo” e, posteriormente, de autismo: isolamento extremo, necessidade de imobilidade, estereotípias e os distúrbios de linguagem (ausência de fala ou fala destituída de significação, repetitiva, que não servia para a comunicação). E, com isso, ele pôde delimitar uma “síndrome específica” (STIGLITZ, 2008, p. 41).

⁸ Psiquiatra suíço, exímio pesquisador da esquizofrenia, contemporâneo de Sigmund Freud.

Concomitantemente à descoberta de Kanner, um pediatra austríaco se interessava por algumas crianças que apresentavam quadros semelhantes de dificuldade de integração social, o que ele denominou de “psicopatia autística” (RIBEIRO, 2012, pp. 77-89). Apesar disso, era uma patologia que divergia da descrita por Kanner, num ponto fundamental: as crianças apresentavam uma inteligência acima da média. Em 1981, uma psiquiatra - Lorna Wing⁹ - homenageou Asperger, nomeando estes autismos de “alto nível”, de Síndrome de Asperger.

Cabe aqui esclarecer uma importante questão quanto a nomenclaturas, no que se refere ao diagnóstico do autismo. Há um termo utilizado, Síndrome de Savant, que foi criado pelo Dr. J. Langdon Down¹⁰, em 1887, para falar de pessoas com severos comprometimentos psíquicos, mas que apresentava uma genialidade inesperada, “eventuais talentos espetaculares”, ao que Sacks¹¹ (1995, p. 259) chamou de “ilhas de capacidade”. Down os nomeava de “*idiot savants*”. Com o passar do tempo e com as diferentes versões dos DSM¹² - especificamente com a quinta versão que traz o termo TEA (Transtorno do Espectro Autista) - generalizando um diagnóstico para o autismo, esses termos tornaram-se obsoletos e o espectro passou a abranger, de forma ampla, os mais diversos níveis de autismo da atualidade.

Apesar de todo o esforço dos autores acima mencionados - além de outros - em descrever esta nova entidade nosológica, o autismo, ainda na atualidade, permanece sendo uma incógnita, o que lhe dá um lugar de relevância no campo da pesquisa em diversas áreas de saber. Questões como sua origem, desenvolvimento e tratamento se encontram, cada vez mais, nos discursos vigentes da atualidade, quer seja na educação, quer seja na medicina e nas abordagens psicoterapêuticas, uma vez que a incidência de casos se expande assustadoramente desde o primeiro caso relatado. Infelizmente, ainda sem muitas respostas exatas. Se antes podíamos falar de exceções, o autismo na atualidade tornou-se quase uma “epidemia”, pela excessiva incidência, apesar de não haver exames específicos que o detecte.

Quer dizer, são inegáveis os importantes avanços que a ciência tem alcançado ao longo de séculos, embora o autismo - ou Transtorno do Espectro Autista, como é também denominado hoje com base no DSM-5 - continue sendo um enigma, no que diz respeito principalmente ao manejo que se deve ter diante de atitudes ditas bizarras dos autistas, sobretudo quando se refere aos objetos por eles manipulados.

⁹ Psiquiatra inglesa, famosa por seus estudos sobre o autismo.

¹⁰ O mesmo que descobriu a síndrome de Down.

¹¹ Oliver Sacks, neurologista inglês, professor do Albert Einstein College of Medicine em New York, se interessava por pessoas que, em consequência de distúrbios e deficiências, desenvolviam talentos.

¹² Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais 5.ª edição ou DSM-5.

Éric Laurent (2014, p. 60)¹³ preocupa-se em acentuar a velocidade com que o autismo vem insistindo em progredir na atualidade e invoca um problema agudo: “como explicar que, em vinte anos, a quantidade de itens agrupados sob a categoria ‘autismo’ tenha se multiplicado por dez?”. A essa questão, ele acrescenta um comentário: “é uma proliferação que provoca angústia”. Assim, diante dessa angústia do indefinido e da ausência de especificidade dos fenômenos, o diagnóstico do autismo vem sendo feito de maneira empírica, através da observação de sinais, sintomas, comportamentos catalogados em questionários padronizados, iguais para todos, que não consideram a particularidade dos sintomas nem a singularidade de cada criança.

Diante de evidências clínicas experienciadas e compartilhadas, podemos constatar que não há dúvidas de que os autistas, de alguma maneira, entre outros sintomas, recusam-se a entrar no universo da linguagem, não cedem sua voz a uma articulação com o outro (LAURENT, 2014, p. 84). Para o autista, o Outro se apresenta, de antemão, maciço, invasivo. Deste Outro, é preciso se proteger. Para isto, o autista empreende uma frenética empreitada em que também pode culminar numa dissociação entre linguagem e voz. Em consequência desta disjunção, sua fala se torna vazia, sem endereço, literal, puro enunciado. Mas, ainda assim, é esta fala que vai lhe servir como anteparo ao que vem do Outro. Logo, o clássico encapsulamento tão minuciosamente descrito por vários autores que se dedicam ao tema do autismo, em que tão comumente, vemos o autista se encerrar, seria sua “bolha de proteção”, como afirma Laurent (2014, p. 78). Ao mesmo tempo, podemos destacar, tomando como base Maleval (2007), que o mutismo em que mergulha o autista seria, efetivamente, a enorme dificuldade que ele apresenta de se fazer de enunciatador de um discurso. O resultado disso costuma ser uma “fala sem voz”. É dilacerante para o autista, ceder o objeto do gozo vocal ao gozo do Outro. Assim, ele se protege, enclausurando-se no mais profundo silêncio, apesar de haver um intenso sofrimento neste silêncio e um esforço desmesurado para se comunicar.

Gustavo Stiglitz (2008, p. 42)¹⁴ se pergunta como não somos todos autistas, ao explorar como se introduz a linguagem no sujeito. Para orientar os analistas de como o verbo faz inscrição na carne, Lacan criou o neologismo “*lalangue*” (alíngua). É o impacto do significante sobre o corpo, é a junção da fala com o corpo que produz o ser falante: esse é o trauma da língua, que Lacan chamou de *troumatisme*, num trocadilho no qual condensou *trou* (buraco) e *traumatisme* (traumatismo). Nesse processo, dá-se uma primazia do significante sobre a significação que origina o sintoma; é o enxame de significantes unários que incidem

¹³ Psicanalista francês da AMP/ECF, que trabalhou em instituição com crianças autistas e psicóticas.

¹⁴ Psicanalista da Associação Mundial de Psicanálise/Escuela de Orientación Lacaniana, Argentina.

no sujeito, o *essain* de S_1 , segundo Lacan, que o representa para um outro significante e, assim, o faz único, ímpar. Dessa reflexão, Stiglitz constata que, para suportar tanto a própria voz quanto a do Outro, é fundamental que haja uma extração do objeto voz como pura sonoridade invasiva. Esta operação não se dá nos autistas, o que torna insuportável o traumatismo da língua no corpo. Assim, eles não conseguem ceder sua voz à articulação pulsional com o Outro, que permanece opaco, sem sentido, a cuspir significantes que não pedem nenhum complemento. Stiglitz complementa sua teoria, afirmando que seria por meio de objetos que os autistas acalmariam o seu Outro; objetos que teriam a função de intermediários, de “distanciadores”. A sensação autoerótica que o objeto produz, por demarcar um dentro e um fora do corpo, ameniza a angústia avassaladora que o acomete.

Importante acentuar que no autista, as pulsões encontram-se desreguladas, não se organizam para formar um corpo, pois as zonas erógenas não foram delimitadas. Segundo Pimenta (2012, p. 174), esta desregulação pulsional pode ser demonstrada pela ausência de extração do objeto. Ao tentar instaurar essa perda que não ocorreu a nível simbólico, o autista contempla este arremedo de extração do objeto, evidenciando a função vital, para ele, dos objetos autísticos. Então, reter estes objetos é uma forma de mediar sua apresentação ao Outro, de maneira cautelosa.

Prosseguindo, para uma melhor compreensão do autismo, recorreremos à questão diagnóstica - recurso fundamental para um acompanhamento consequente - e acentuamos a importância de se estabelecer diferenças entre autismo e psicose. Ainda que haja alguns fenômenos que coincidam - como distúrbios de linguagem, da identidade e de deslocalização do gozo, presentes em ambas estruturas - há outros que são absolutamente excludentes. Por estes e outros motivos, essa diferenciação é tão difícil e complexa. Por exemplo, podemos destacar o embotamento do esquizofrênico, tão semelhante ao isolamento buscado pelo autista, para se defender do que lhe ameaça, apesar de serem de naturezas distintas. Com a prática com psicóticos, é possível constatar seus embaraços para, a partir da foraclusão, inventar soluções para resolver seus problemas do corpo e de seu Outro¹⁵. Soluções que nem sempre se apresentam compatíveis com a criação de laço social, mas contribuem muito mais para a solidão, para o isolamento em que ele pode se encerrar. Acentuamos aqui, a foraclusão do Nome-do-Pai¹⁶, condição para que se fale da estrutura psicótica, o que difere do autismo, como veremos a seguir.

¹⁵ Miller, J-A. A invenção psicótica, In Opção 36, p.7.

¹⁶ Premissa de Lacan para dizer do significante fundamental que outorga identidade ao sujeito, o insere numa ordem simbólica.

Quanto a diferenças, é importante assinalar que no autismo, não há presença de alucinação nem delírios; na psicose, estes fenômenos são definidores para um diagnóstico. A sensibilidade interpretada como auditiva do autista - que fecha os ouvidos ao menor ruído - na verdade é do mesmo registro que a alucinação, mas não enquanto retorno do significante no real - decorrente da forclusão do Nome-do-Pai - condição da psicose. Laurent (2014, p. 91) estabelece esta diferença e adverte que no autismo, este ato tem como causa, “a impossível separação em relação ao ruído da língua como real insuportável”.

Ao mesmo tempo, a psicose tende a desencadear: frente a Um-pai¹⁷ real, na ausência de recursos simbólicos para responder, dá-se o desencadeamento. Já o autismo não é algo que irrompa, não desencadeia (MALEVAL, 2015, p. 9), ao contrário, está presente desde o início da vida, é permanente. É desde que nasce que o autista rejeita os braços de quem lhe cuida, a exemplo de Temple Grandin (1999) que não se aninhava, ficava rígida quando a mãe lhe pegava e, aos seis meses, chegava a agredi-la, “como um animal encurralado”, como ela própria se define. Atitudes agressivas estão, pois, no rol de reações comuns no autista, sobretudo quando ele é exposto a odores, sons ou contatos excessivos. No entanto, o esquizofrênico - como lindamente relatam os Lefort (2017, p. 50) - “funde-se nos braços de quem o envolve”, “é mole e passivo”. Mas, não podemos descartar a ideia de que, ainda que diante de quadros que se apresentem como graves, afirmamos que estamos diante do modo de apresentação do autista, mas não de patologia, como vimos afirmando neste trabalho.

Um ponto importante de diferenciação diz respeito à imagem: ambas as estruturas se utilizam do objeto enquanto imagem sob a forma de um duplo. Na psicose, é no eixo *a-a'*, eixo imaginário, que o psicótico se sustenta para manter uma identificação enquanto elemento estabilizador. Mas este mesmo objeto pode tornar-se ameaçador, persecutório e, dele, o psicótico não consegue se livrar deliberadamente, visto ser de natureza delirante. Para o autista, já podemos adiantar que este objeto é sempre amigável, apaziguador e ele o dispensa por decisão própria, se e quando considere conveniente e o objeto não cumpra mais os seus propósitos. Um exemplo que podemos citar é o de Tammet que, para compensar sua falta de amigos, criou “Anne”, uma velha senhora a quem ele deu vida e com quem mantinha longas conversas e passeios. No entanto, em um determinado momento, decidiu que Anne deveria “morrer”: “ao deixá-la partir, eu tomei a dolorosa decisão de tentar encontrar meu caminho no vasto mundo e nele viver” (TAMMET, 2007, p. 107).

¹⁷ Termo de Lacan em ‘De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose’, para explicar que quando o sujeito se encontra com um buraco no simbólico (em decorrência da forclusão do Nome-do-Pai), o que irrompe é Um-pai. p, 584.

O autismo se caracteriza basicamente pelo retraimento acentuado que chega ao extremo evitamento de qualquer contato com alguém; o bebê sequer procura o olhar da mãe, não ri nem se anima diante do rosto dela ou de quem lhe cuida, chega mesmo a agredir, como vimos. Ao mesmo tempo, está presente uma necessidade de imutabilidade radical, que leva o autista a se agarrar a regras para manter a mesmice das coisas e da vida e ter crises de raiva - muitas vezes violentas - quando algo muda. Além disso, o autista apresenta movimentos repetitivos e/ou estereotipados, inclusive com objetos que rodopiam ou com movimentos giratórios em torno do próprio corpo. Na maioria dos casos, há ausência de fala e, quando há, são falas monocórdicas, sem emoção, repetitivas que muitas vezes reproduzem falas de personagens de desenhos ou filmes. Frequentemente, sons, assobios, murmúrios também podem se apresentar como formas de comunicação, como era o caso de Grandin (1999) até os três anos, conforme seu próprio relato.

Mas, convém ressaltar, que, além destes fenômenos serem passíveis de modificações frequentes e de haverem outros menos clássicos do que estes elencados, nem todos estão presentes no mesmo autista. Tampouco o fato de não haver um ou outro(s) destes fenômenos na criança a ser tratada, não signifique que não estamos diante de uma estrutura autística. Ao mesmo tempo, ainda que tenhamos estas características para nos servir de norte para chegarmos a um veredicto para orientar a prática analítica, nem toda criança que apresenta uma ou mais destas características é, necessariamente, um autista. Aliado ao conhecimento sobre o tema, de braços dados com a prática, estamos convencidos de que é preciso uma boa dose de bom senso para não nomearmos uma criança inadequada e inadvertidamente, ato que poderia acarretar danos irreversíveis a sua vida.

Frequentemente, a medicina é um primeiro recurso buscado por pais diante da impotência em obter respostas para o inominável, para o diferente e, muitas vezes, difícil comportamento do filho. Mas, para alcançar uma definição diagnóstica, o que ela tem oferecido são procedimentos estandardizados, iguais para todos como questionários, exames muitas vezes agressivos, invasivos, que rastreiam a todo custo, uma resposta no corpo da criança, àquilo que, *a priori*, não tem nome. E o médico, adepto incontestável do *furor sanandis*, também se angustia diante dessa incógnita, desse não saber. Assim, por um imperativo superegoico, adere à série do automatismo diagnosticar - medicar - curar, prescrevendo drogas pesadas que só contribuem, muitas vezes, para camuflar os fenômenos, dificultando uma abordagem adequada à estrutura e à criança, que se debate entre médicos, pais atônitos, pílulas e práticas que não respeitam sua dor de existir. Enfim, um diagnóstico é uma construção que requer tempo, tempo para compreender antes de uma conclusão. Esperar,

zelar pelos mínimos detalhes que o autista esboça nunca é excessivo nesta clínica, quer seja numa fase preliminar do tratamento ou no seu decurso propriamente dito.

Com este capítulo, introduzimos o que é o autismo e pudemos tecer algumas aproximações e distanciamentos das estruturas autística e psicótica, destacando a fundamental importância de estarmos atentos ao diagnóstico, não para corroborar com um nome atribuído ao sujeito de antemão, mas para usá-lo como ferramenta na direção do tratamento, respeitando escolhas e dores, gritos e silêncios, o que quer que seja possível a cada autista trazer como elemento a ser tocado, cernido, utilizado ao longo de um processo terapêutico.

Como vimos descrevendo, temos como foco deste trabalho, o objeto autístico e sua função na vida do autista, investigado a partir de autobiografias. Para atingir nosso intento, consideramos de fundamental importância, abordar o objeto em outras áreas de saber, ontem e hoje, com o intuito de compor aproximações e distanciamentos deste com o objeto autístico. Com estes recursos, buscamos as condições para avançar na trilha que vimos seguindo e é este objeto que iremos abordar no capítulo seguinte.

2.2 Como falar do objeto na atualidade?

*As pessoas são solitárias porque constroem
muros ao invés de pontes.*

(Antoine de Saint-Exupéry)

Conforme foi mencionado, nos acercamos, neste trabalho dissertativo, do objeto autístico e sua(s) função(ões). Mas, o objeto em si, do que se trata? Pautados nesta questão, consideramos relevante buscar o lugar dos objetos na condição humana de uma maneira geral. Para isto, fizemos um rápido e breve passeio que teve início na atualidade e se deteve, retroativamente, na Mitologia, com o objetivo de refletir sobre o uso de alguns objetos através dos tempos e quais os seus empregos. Admitimos aqui, provisoriamente, ser uma reflexão sem grandes aprofundamentos, mas que tem como meta adicionar uma certa coerência e contribuição ao resultado.

Objetos resgatam a história do mundo, das civilizações, da humanidade. É o que os museus contam e demonstram através de uma multiplicidade de objetos que ali desfilam diante de nossos olhos e que contêm em si mesmos toda uma trajetória que justifique sua existência, mas também sua exibição. Segundo McGregor (2013, p. 16), não é possível contar a história do mundo apenas através de textos, pois a escrita nem sempre existiu. É preciso conjugar textos e objetos, através dos quais podemos nos fazer perguntas vitais, usar a imaginação, “envolvendo-nos com ele, tão generosa e poeticamente quanto pudermos, na

esperança de alcançar os vislumbres de compreensão que ele possa nos oferecer” (Idem, p. 17). Para o autor, uma história narrada por objetos permite que diferentes povos falem, a exemplo das pedras do início da história da humanidade. Mesmo assim, nunca será de uma fidelidade completa, pois “depende muito daquilo que sobrevive” (Idem, p. 19).

Em seu livro, o autor expõe cem objetos que tiveram alguma importância para o homem desde a Idade da Pedra até a atualidade, objetos que vão desde múmias do Egito, passando por moedas, pratos, esculturas, vasos, estatuetas e diversos outros, todos emblemáticos e importantes para suas épocas, descritos de maneira sensível e detalhada de forma a justificar sua existência. Curiosamente, seu histórico culmina - além da lâmpada movida a energia solar - no cartão de crédito, destacado por ele como a invenção do século XX de maior impacto sobre o dia a dia do sujeito da modernidade. Produto do fenômeno global em expansão, surgido em 1950, o cartão de crédito é sinônimo de dinheiro e representa um movimento de capital que jamais se poderia imaginar no século anterior. Mas, o tamanho desse pequeno objeto que cabe na palma da mão é incompatível com o poder que representa, pois, a depender de quem o porta, é capaz de agregar, mas também de destruir, inclusive nações inteiras, a exemplo das guerras e disputas pelo poder.

Dando continuidade ao pensamento do autor, consideramos relevante destacar ser inegável que, em paralelo ao cartão de crédito, o computador e o smartphone - que o autor apenas cita ligeiramente - ultrapassaram todas as expectativas humanas na atualidade, surpreendem a cada edição e passaram a ocupar espaços na vida dos sujeitos de maneira tal, que quem teve a experiência de possuí-los, deles não mais prescinde. Facilidades que vão além de uma mera comunicação oferecida *a priori*, como ver e ser visto enquanto se fala ao telefone, há como, através deles, efetuar operações bancárias sem ter que ir à agência, fazer reuniões e assistir conferências em tempo real estando em qualquer parte do mundo, enviar e receber documentos, fazer transações comerciais, “visitar” lugares, entre outros inúmeros serviços e facilidades ofertadas. Tudo isso ali à mão, condensados num único objeto que, de tão versátil, prático e complexo, tornou-se indispensável.

Levando em conta o tema do capítulo e deste comentário - o objeto e sua função na contemporaneidade - gostaríamos de destacar que o telefone, este objeto criado por Graham Bell para comunicação, a partir de sua recente denominação de *smart* (esperto), tem demonstrado outras facetas que preocupam. Estas preocupações têm sido o *start* de uma série de pesquisas científicas em torno do tema. O motivo principal é que este dispositivo domina a atenção dos sujeitos com tanta eficácia, que o mundo virtual passou a imperar sobre o

mundo real, imergindo os sujeitos na mais insólita solidão, muitas vezes, solidão a dois ou mesmo entre vários.

Em seu mais recente livro, Dunker (2017, p. 20) afirma que “solidão não é apenas introspecção ou introversão, mas dissolução da própria solidez do ser”. E, ao mesmo tempo, aponta que muitas formas de segregação e exclusão social também promovem solidão, mas esta seria falsa, uma vez que estes processos alimentam o fracasso de estar junto. A consequência disso é uma substituição da solidão pela indiferença, pelo vazio ou pelo ressentimento. Ele prossegue informando que a solidão se torna um transtorno quando assume duas dimensões: a de um *que não pode com* ou a dimensão de um “tem que”. Essa primeira forma seria uma espécie de “opção”, mas redundaria num engano, pois a liberdade de optar por ficar sozinho ou não, esta vontade de solidão é questionável. É o caso, por exemplo, do solitário que não frequenta festas, sempre diz não ao outro, mas acha - de maneira enganosa - que quando quiser ir, pode, consegue. Mas não leva em conta que “de tanto se ausentar, um dia a pessoa deixa de fazer falta”, como diz o adágio popular. E que não é bem assim, “optar por não estar com”, pois, “até que ponto a vontade é livre para ter vontade de vontade?”, questiona Dunker (p. 22), que de alguma maneira, patologiza esse excesso de “nãos”.

O segundo critério, que coincide com nossas elucubrações no que se refere ao tema deste trabalho – o tem que – vem geralmente acompanhado de um senão (tem que... senão...), que tem como paradigma, aquele sujeito que não consegue estar com o Outro¹⁸, por este ser ameaçador, invasivo (tem que se isolar, senão...). Nesse critério, ele destaca o autista e o portador da Síndrome de Asperger que, sabemos, mantém uma relação de evitamento a tudo que diz respeito ao mundo, pois caracteriza-se pelo déficit extremo de relacionamento. Do Outro, é preciso proteger-se.

No decorrer de seu livro, Dunker estabelece uma diferença entre solidão e solidude. Esta seria a solidão boa e necessária, pois é na solidão que o sujeito intensifica certas experiências perceptivas e de imaginação, pode reconhecer grandes questões. É a impossibilidade da solidude que consiste na patologia, pois o sujeito sempre acompanhado, esquece de si mesmo. Mas, ele salienta ainda que a solidão benéfica não tem a ver com prescindir do outro. É justamente por precisar do outro que a solidão se torna um espaço criativo, segundo Dunker (2017, p. 24). Quer dizer, a solidão faz bem quando é solidão

¹⁸ Diferente do outro (com minúsculo) que se refere ao semelhante, para Lacan, o grande Outro designa a alteridade radical, a outridade que transcende a outridade ilusória do imaginário (que tem a ver com o outro, semelhante) porque não pode assemelhar-se mediante a identificação. Evans, Diccionario Introductorio de Psicoanálisis Lacaniano. BsAs, Barcelona, México: Paidós, 2003.

reconhecida, é cultivo do Outro que habita o sujeito. A solidão seria deficitária quando é fracasso de se ficar sozinho. Enfim, para ele, a boa solidão é sentida como uma necessidade de estar só; a má solidão, como uma impossibilidade de ficar sozinho.

Quer dizer, o que se percebe na atualidade é que, de tanto se ocuparem deste objeto/smartphone, as pessoas vêm abrindo mão do corpo a corpo das relações, inclusive amorosas. Pesquisas demonstram estatisticamente que se passa mais tempo do dia conectado a(través) de um objeto do que sem ele. Quer dizer, sua função primordial de promover conexão entre as pessoas tem se perdido no vácuo das solidões, provocadas pela interação absoluta muito mais com o objeto e prescindindo-se, cada vez mais, da presença do outro. Mesmo as redes sociais – às quais também se tem acesso através dos smartphones – que estão impregnadas na vida das pessoas, tanto cooperam na criação de laços, quanto facilmente provocam rompimentos, além de afastamentos, dando consistência ao que Dunker chama de “dissolução da solidez do ser”.

Os comportamentos têm sido claramente modificados ao longo do tempo. Entre estas mudanças, salientamos o consumismo, que, como “atalho mais curto e seguro para a felicidade” (BAUMAN, 2013, p. 42), faz vítimas, entre as quais na sua maioria, jovens desencantados com a vida, sem objetivos, perdidos na ilusão de que determinados objetos irão lhes mergulhar num hedonismo generalizado que impera hoje nas massas. É “vital” ter o smartphone mais moderno, com mais recursos. Dedicase muito mais ao prazer imediato e fugaz, ainda que isso lhes custe, muitas vezes, a própria vida que se desperdiça. Na contramão do que diria Exupéry - “foi o tempo que perdi com a minha rosa que a fez tão importante” - não há tempo para investir na vida, no outro, é perda de tempo. Compra-se tudo - até sexo - on line e rapidamente! Tem-se pressa! De consumir, de comunicar, de mostrar, de ver, de agir... sem um mínimo de responsabilização pelos atos! Cativar tornou-se um verbo obsoleto, “a fila anda”. Então não é preciso se responsabilizar, como também exalta o citado escritor francês.

Os efeitos disso são sentidos na vida como um todo, mas isolamos aqui, os efeitos nefastos da escolha por um objeto em detrimento de uma inserção promotora de laço social. É um paradoxo que este exagero de conexão tenha como consequência, sujeitos tão desconectados. Essa formulação evidencia a relação fundamental que se estabeleceu entre o sujeito da contemporaneidade e o objeto smartphone que, ao mesmo tempo em que concorre para aproximar velozmente - a chamada “viralização” - com a mesma velocidade, afasta, desfaz, destrói relações, laços possíveis com o outro, com o semelhante. Será que podemos afirmar que o sujeito contemporâneo vem, gradativamente, substituindo o corpo pelo objeto, a

voz pela escrita, a exemplo do Whatsapp, aplicativo dos smartphones para envio de mensagens, imagens e chamadas rápidas de voz?

Observamos que na atualidade convivemos com uma “socialização/inserção-mania” que prescreve formas de atuar com determinados sujeitos, atendendo a um discurso social que não dá lugar ao um a um. Dessa forma, o discurso imposto pelas políticas de inserção dispensa a singularidade e as condições de cada um. Assim, socializar passou a ser um significante mestre que ordena práticas de inclusão e adaptação a qualquer custo. Percebemos que essa oferta da socialização/reinserção criou um movimento tsunâmico que tem no horizonte apenas o imperativo: “é imprescindível socializar”. Mas, essa questão toma uma maior complexidade quando estamos nos referindo ao autista, que vive às voltas com um Outro invasivo, ameaçador, não menos tsunâmico, do qual ele luta para se desvencilhar se utilizando de suas invenções, ainda que o preço a pagar seja exatamente a desinserção, a solidão.

“O desejo de inserção é, no ser falante, um desejo fundamental. O ser falante deseja se inserir” (MILLER, 2009, p. 9). É assim que Miller aborda o tema da inserção/desinserção, articulando com o que Lacan chamou o discurso do Outro, que implicaria em comunicação, em troca e inversão de mensagens. Isto nos dá a indicação de que o social é radicalmente, a raiz. Mas, para se pensar a desinserção, é preciso falar de lugar, o que remete a espaço métrico. Ou seja, o lugar que se tem em relação ao dos outros, que é muito importante para cada um. Se aí se produz uma troca, se sabe dos problemas que isso pode produzir em um sujeito. Miller afirma que “fazer parte, pertencer, a clínica nos mostra a que ponto isto é importante para cada um” (Idem, p. 10) e que quando o sujeito perde isso, advém patologias de todo tipo, pois toca o ser, toca o objeto *a*.

Após este caminho percorrido, nos ficaram alguns questionamentos, que gostaríamos de partilhar. Em um dado momento, Dunker (2017, pp. 19-20) afirma que “a solidão é uma das faces do que os psicanalistas chamam de separação ou de castração”. Assim, se partirmos da premissa que o autista não está submetido à castração, como pensar o seu isolamento, esta recusa que faz o autista a tudo que vem do seu entorno? Poderíamos chamar de solidão? Que solidão para o autista?

Tomando como referência o segundo critério acima citado que Dunker aponta, podemos afirmar que a solidão para o autista seria de outra ordem distinta da que vimos aludindo. É evidente que não se pode estabelecer um correlato entre a solidão proveniente do uso desmedido do objeto smartphone e aquela do autista. Tomamos, para uma melhor

explanação, a introdução da autobiografia de Naoki Higashida escrita por um jornalista¹⁹ que destaca a importância do seu conteúdo. Ele afirma que a autobiografia vai muito além de fornecer informações, mas “oferece uma prova de que, encerrada no corpo aparentemente incapaz do autista, está uma mente tão curiosa, perspicaz e complexa quanto a de qualquer pessoa”, pois até por necessidade, ele chega a ter mais recursos do que uma pessoa que não esteja dentro do espectro autista. Mas, mais do que isso, ele destaca que o livro “desautoriza um dos mais tenebrosos mitos sobre o autismo: que as pessoas com essa condição são solitários antissociais e desprovidos de empatia”.

Para melhor elucidar o que vimos discutindo, gostaríamos de dar relevo a uma pergunta que fizeram a Naoki, o autor da autobiografia “O que me faz pular”: “você prefere ficar só?” (2014, p. 55). Antes de dar uma resposta, ele esclarece que é comum ouvir o seguinte comentário: “Ah, não se preocupe, ele gosta de ficar sozinho”. Mas, ele contesta e explica o quanto é difícil ficar perto de alguém, o quanto angustia, mas que gosta de ter companhia, apesar de saber que pode causar problemas. E conclui dizendo que o autista acaba por se acostumar com a solidão, sem sequer perceber como isso aconteceu. No decorrer de nossa pesquisa, ao tomar como base de leitura, outras autobiografias de autistas²⁰, constatamos que não é apenas Naoki que se sente como “um antropólogo em Marte” - como definiu-se a si mesma, Temple Grandin, autista de alto nível (SACKS, 1995, p. 267). Afinal, há alguém mais solitário (pois que sem valia) do que um antropólogo onde não existem seres humanos?

A linguagem é um sistema de significantes que permite ao sujeito - além de obter o reconhecimento do outro - também inserir-se num sistema linguístico que favoreça uma troca e introduza o sujeito num laço social. É interessante constatar que, mesmo diante de todas as dificuldades e embaraços que o autista apresenta com a fala, a cada dia têm surgido endereços nas redes sociais onde autistas descortinam seus mundos e dão um certo norte de como tratar, como proceder com estes “estranhos sujeitos” tão especiais, quer seja na clínica ou no dia a dia, o que inclui os familiares. Ou seja, autistas também estão aderindo ao objeto - seja smartphone ou computador - ainda que o seu uso tenha uma vertente muito mais informativa e mantenha o outro à distância (ou talvez para isto mesmo). Quer dizer, evidenciamos que, através de objetos, lhes tem sido possível “derrubar” muros e “construir pontes”.

¹⁹ David Mitchell, jornalista irlandês, pai de uma criança autista.

²⁰ “Nascido em um dia azul”, de Daniel Tammet; “Meu mundo misterioso”, de Donna Williams; “Uma menina estranha”, de Temple Grandin; “Carly’s Voice”, de Arthur e Carly Fleischmann, entre outros.

Prosseguindo no desenvolvimento do tema e pautados na proposta lançada de abordagem do objeto em outras áreas de saber – ontem e hoje - trazemos as questões: e na mitologia, como podemos nos referir a objetos? Que lugar para estes frente a personagens mitológicos? Tomando como norte estes questionamentos, é que no tópico seguinte nos deteremos em alguns heróis do campo da mitologia que se apresentam com objetos nas mãos, numa tentativa de analisar seus usos e funções.

2.3 Figuras mitológicas e seus objetos

A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia.

(Sigmund Freud)

[...] a pulsão faz parte de nossos mitos.

(Jacques Lacan)

Segundo o dicionário²¹, mito vem do latim *mythus* e se refere, entre outras significações, à narrativa na qual aparecem seres e acontecimentos imaginários que simbolizam forças da natureza, aspectos da vida humana, etc. Um conjunto de mitos constitui a Mitologia, a qual abarca histórias fabulosas de figuras próprias de um povo, de uma civilização, de uma religião, o que inclui heróis, ninfas, musas, deuses e deusas, monstros, criaturas mágicas, além de outros. É um mundo imaginário que serviu de aporte para muitas teorias – inclusive da psicanálise - a exemplo do Complexo de Édipo para Freud, mas também quando ele afirma que “as pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão” (1933[1932], p. 119).

Sendo assim, é uma ciência que abrange povos em todo o mundo, como a mitologia do antigo Oriente Próximo, a egípcia, a grega, a romana, a nórdica, bem como a mitologia indiana, chinesa, japonesa, americana - onde se inclui a brasileira, com seus mitos populares e indígenas - a africana e, finalmente, a mitologia da Oceania.

Cabe ressaltar que aqui, para falar de mito, tomamos como referencial, as definições de Eliade (1972) que enfatizam a complexidade da realidade cultural de um mito, o que tem como consequência, múltiplas interpretações. Para ele, “o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento ocorrido num tempo primordial [...]” (Idem, p. 9). Quer dizer, o mito é capaz de narrar como uma realidade passa a existir, total ou apenas parcialmente, a partir

²¹ Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

das façanhas dos seres sobrenaturais. Portanto, é a narrativa de uma “criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser” (Idem, p. 9).

Lacan também se preocupou com o mito e sua função, destinando dois capítulos de seu seminário dedicado à relação de objeto. Ele afirma que, apesar de seu caráter de ficção, o mito é estável (LACAN, 1995, p. 258), não é passível de modificações, por isso sua mensagem indica a verdade. É um tipo certo de verdade que tem a ver com a relação do homem com algo que ele se pergunta o que é. Lacan tenta responder com algumas hipóteses: se se trata da relação do homem com a natureza, a resposta não satisfaz, pois é uma relação “desnaturada”. Se responde que é com o ser, teria que ir para Heidegger, para a filosofia. Enfim, ele responde provisoriamente que cabe a cada um perceber que se trata de “temas da vida e da morte, da existência e da não-existência, do nascimento, em especial, isto é, da aparição daquilo que ainda não existe” (Idem, p. 259). Ele se refere, com esta afirmação, que se trata da existência do próprio sujeito e aos horizontes que sua experiência lhe traz. Então, tal como se apresentam a partir de ficções, os mitos visam à origem individual do homem, mas também “a sua origem específica, à criação do homem, à gênese de suas relações nutrizas fundamentais, à invenção dos grandes recursos humanos, ao fogo, à agricultura, à domesticação de animais” (Idem, pp. 259-260). Enfim, à relação do homem com uma força secreta, maléfica ou benéfica, mas que tem a ver com o sagrado.

Para adentrarmos no tema que nos interessa neste trabalho, observamos que não é incomum, ao mergulharmos nas histórias de heróis e deuses da mitologia, chamar nossa atenção, suas imagens com objetos diversos nas mãos, seja um escudo ou uma arma, ou mesmo instrumentos musicais, vasos, animais, crianças, bigas, tochas, um cajado, além de outros. A que será que se destinam?

Breves recortes foram efetuados na mitologia grega, para isolar alguns personagens que se destacam exatamente por portar objetos, como alguns deuses. Estes são seres que possuem descendências privilegiadas e sobre-humanas, seres cujas histórias estão diretamente vinculadas a mistérios relacionados ao combate, ao divino, a rituais, à medicina, enfim, à morte (BRANDÃO, 1987, p. 19).

A natureza selvagem e combativa destes deuses confere uma vinculação entre o objeto que carregam em mãos e a função simbólica a ele atribuída, com tamanha relevância que se mantém presente e imutável neste tipo de literatura até os dias atuais, são atemporais. Um exemplo disso é o símbolo de algumas profissões como a Medicina, que é representada pelo caduceu de Hermes, como descreveremos logo abaixo. O mesmo se dá com o símbolo da Psicologia, a letra grega Psi. Há quem a relacione ao tridente de Poseidon, mas também se

atribui seu significado à palavra grega *ψυχή* (psique), que significa alma, daí a relação com a profissão.

Para inaugurar os exemplos propostos, podemos citar Hermes, originalmente deus da fertilidade, filho de Zeus com sua amante Maia. Dotado de uma inteligência incomum desde o nascimento, teve a ele creditado várias invenções da humanidade, tais como instrumentos musicais, o alfabeto, o fogo, além de rituais de sacrifício.²² Conta o mito que no dia em que nasceu, utilizando o casco de uma tartaruga e as vísceras de um animal como corda, Hermes criou a primeira lira. Depois, amarrando feixes de junco, criou a primeira flauta. Além de muito sagaz e astucioso, sua habilidade para a música era tamanha, que o deus Apolo trocou seu gado e seu cajado de ouro pelos instrumentos. Hermes aceitou a proposta, mas na condição de também receber dele, lições da arte da profecia, da qual Apolo era o patrono (KURY, 1994, p. 193). Aceito o desafio por Apolo, o cajado de ouro tornou-se um dos atributos de Hermes, o caduceu.

O caduceu - o *kerykeion* em grego - constitui uma insígnia de arauto²³ apresentada como um bastão com duas serpentes enroladas no sentido inverso com as cabeças voltadas uma para a outra (LEXIKON, 1990, p. 41). Havia uma crença na Grécia de que as cobras eram animais dotados de grande sabedoria. O fato de estarem uma em posição simétrica e oposta à outra significava o veneno e o antídoto. As duas asas na extremidade superior do bastão conferem a Hermes, o reconhecimento como mensageiro dos deuses.

Apesar de ter sido interpretado de várias maneiras, há versões mitológicas que afirmam que o caduceu foi dado a Hermes por seu pai Zeus, que se orgulhava de seu espírito inventivo e sua atuação, para que ele pudesse prestar os seus serviços a Hades e Perséfone, os reis do inferno. É este caduceu, a imagem simbólica que está conectada à profissão médica até os dias atuais.

Dotado de uma estatura elevada e de uma beleza ímpar e serena, segundo a mitologia, Apolo era um deus ovacionado nos festivais musicais e dramáticos no Olimpo, como mestre do coro das musas e da poesia. Auferida de Hermes por negociata, a lira - ou harpa ou cítara - que vemos em suas figuras é um instrumento musical de cordas, em formato de U cortado no alto por uma barra onde se fixavam as extremidades superiores das cordas. Portada por Apolo, passou a ser o “símbolo da harmonia cósmica e da união harmônica entre o céu e a terra” (LEXIKON, 1990, p. 142), pois seus sons eram mágicos e utilizados, principalmente, para amansar animais selvagens, dado a suas melodias prestigiosas.

²² Guia Visual da Mitologia no Mundo. National Geographic. São Paulo: Editora Abril, 2010.

²³ Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, “emissário, mensageiro, pregoeiro”.

Além dos dons artísticos que apresentava, Apolo era considerado o deus da medicina e da cura, um bravo guerreiro e grande arqueiro. Por isso, sua figura é representada portando, além da lira, um arco e flecha, símbolo da guerra e do poder. Segundo Lexikon (1990, p. 22), “o arco indica muitas vezes elasticidade e força vital”, da mesma forma que a flecha seria “símbolo da rapidez”, ultrapassagem de limites, mas também o raio do sol, como as flechas de Apolo, que também era considerado o deus da luz e do sol.

Também considerado deus da luz, dos céus e dos raios, Zeus - que significa céu - é considerado o deus maior da mitologia grega, o patriarca dos deuses, o rei dos reis. Como tantas outras versões mitológicas, há controvérsias quanto ao seu nascimento, mas a versão mais difundida de sua história é que ele nasceu em Creta. Sexto filho de Cronos e da irmã Rea, quando esta deu à luz, resolveu esconder Zeus para que ele não fosse engolido por Cronos, a exemplo dos demais filhos, uma vez que o seu pai Urano havia profetizado no leito de morte que Cronos seria destronado por um dos próprios filhos. Assim, Zeus foi criado escondido numa caverna por ninfas e espíritos que faziam barulho para que Cronos não escutasse seu choro e soubesse de sua existência.

Quando adulto, Zeus resolveu conquistar o poder até então exercido por seu pai Cronos (KURY, 1994, p. 401). Destituído o pai, já com o poder em mãos, Zeus consultou o oráculo da Prudência de quem recebeu uma droga mágica que fez Cronos vomitar e devolver à vida, seus irmãos e irmãs, entre os quais constam Poseidon e Hades, que pediram que Zeus os liderasse (GRAVES, 2008, p. 57). Assim, Zeus assumiu o controle da terra e, em seguida, a dividiu em três partes: a Poseidon coube o poder sobre os mares, a Hades foi reservado o submundo e a Zeus, o céu.

Assim, como deus dos céus e dos raios, a figura de Zeus está sempre articulada à ideia de poder e de força. Por este motivo, os objetos que o representam são a águia, carvalhos - posto que atraem raios - e relâmpagos.

A águia é a rainha das aves e a única que voa em direção ao sol sem queimar os olhos, por isso é um símbolo bastante conhecido em sua relação com o céu, com o sol e com trovões e raios, sobretudo no que diz respeito a sua força e resistência.

Ao mesmo tempo, o raio é considerado “instrumento e arma divinos, principalmente entre as mãos de Zeus”. Como seu atributo, o raio pode ser representado como uma espécie de grande fuso com dardos que saem dele em ziguezague. Da mesma forma, pode ser uma lança pontiaguda, um tridente ou qualquer instrumento semelhante”, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 765).

E por falar em Poseidon, para concluir este aparte, podemos destacar outro objeto que ele porta em suas batalhas no mar, o tridente. Este também é um emblema solar e símbolo do raio (suas pontas são relâmpagos) e caracteriza o deus dos oceanos, apontando para o seu domínio sobre as águas, o poder de agitá-las ou acalmá-las (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2009, p. 905).

Com estes pontos abordados, a ideia era nos situar no debate, colocando a questão do objeto na mitologia, enfatizando sua função para aquele que o tinha em mãos, mas não sem pensá-los em relação ao autismo. Como pudemos constatar, o objeto mitológico é sempre impregnado de uma significação que, além de representar o seu portador, lhe confere um *plus*, um poder complementar capaz, inclusive, de mover forças da natureza. Além disso, apenas personagens dignos - como deuses e heróis - estão autorizados a portá-los. São, portanto, objetos simbólicos, fixos, geralmente belos que estão sempre atrelados a uma mesma figura mitológica, atribuindo-lhe identidade, poder e um lugar hierarquicamente superior aos mortais. Estas características diferem radicalmente do objeto autístico que se trata de uma invenção contingente e singular que não tem nenhum efeito de significação, tampouco identifica o autista. No entanto, tem o “poder” de lhe permitir estabelecer uma possível relação de troca, de inserção em um laço social - por mínimas que sejam - sem necessariamente ser algo formal nem com forma definida (pode ser até um pedacinho de pano) que lhe confira uma beleza agalmática. Para concluir, talvez pudéssemos pensar que a utilização de ambas as categorias de objetos tem no horizonte, um Outro, quer seja para confrontá-lo, sobrepujá-lo ou para dele se defender.

Enfim, estabelecidas estas comparações sobre o objeto autístico e o mitológico, nos perguntamos: e na psicanálise, como podemos falar de objeto? Para ensaiar uma resposta, começamos percorrendo o trajeto que fez Freud quando descobriu o inconsciente e suas conexões com o que, nos primórdios de sua teoria, ele revelou como sendo o objeto que, uma vez perdido, o sujeito perseguiria vida afora, numa tentativa de reencontrá-lo.

2.4 O objeto para Freud

O encontro com o objeto é, na verdade, um reencontro.

(Sigmund Freud)

Sigmund Freud e a histérica seguiram de mãos dadas num tortuoso caminho que culminou na criação da psicanálise, o que auferiu ao primeiro, a paternidade da descoberta. Ela, na impossibilidade de falar do desejo, o presentificava através de uma multiplicidade de sintomas. Ele, tentando significantizar cada fragmento, cada indício que dela emanava, com

uma singular capacidade de perceber além do óbvio e do aparente. Por conseguinte, o surgimento da psicanálise só se tornou possível a partir desta parceria essencial: de um lado, a histérica com seu sintoma, pedindo a todo instante um deciframento; do outro, Freud, sôfrego por produzir teorias onde se pudesse pensar o sujeito e seu psiquismo.

Ao longo do tempo, a histeria era vista com descaso, ironia e desprezo, era tida como a mais enigmática das doenças nervosas. Não se dava crédito às histéricas; no discurso médico, elas eram nomeadas como simuladoras de doenças. De toda forma, a Medicina não dava conta de uma paralisia que anatomicamente não tinha explicação para existir, desobedecia às leis fisiológicas do corpo. Qualquer referencial de onde se partisse para capturar o significado da histeria era inepto, pois a histérica findava por transcender a todos. Com este movimento, ela denunciava a impotência do saber médico que se sobrepunha à subjetividade. Freud operou uma ruptura com o saber médico vigente da época e supôs um saber do lado da histérica, retirando-a do lugar de simuladora. Quer dizer, ao se deparar com o corpo que a histérica oferecia como objeto de contemplação, Freud colocou-se num lugar até então desabitado: o de escuta.

Partindo da ideia de que o sintoma fala, Freud foi, cuidadosamente, à procura de causas que o justificasse. Ao contrário da Medicina que se propunha tratar a histérica partindo de causas já pré-estabelecidas, ele deixava que a causa fosse produzida como efeito da fala. A própria paciente indicaria a especificidade do seu sintoma, numa mostra evidente da radical distinção de um distúrbio orgânico. Cético diante de saberes constituídos, Freud propôs teorias originais, conferindo à histérica - mais que um lugar de simples objeto de demonstração teórica - um lugar de produção de saber. Corpo histericizado que fala de um desejo, Freud entrou em cena não para desmascará-lo, tal qual a prática vigente na época, mas para dar-lhe um sentido. Dessa forma, o ato inovador de Freud foi colocar em jogo a abertura de caminhos que levassem a paciente a se deparar com seus enigmas fundamentais.

Freud foi incansável em sua empreitada de compreender a formação do sintoma, sua dinâmica e seu sentido que, para ele, estaria relacionado com as experiências individuais do paciente, ou seja, seria o testemunho atualizado de situações traumáticas vivenciadas em um passado remoto, “[...] determinadas por certas experiências do paciente que atuaram de modo traumático em sua vida psíquica sob a forma de símbolos mnêmicos” (FREUD, 1896, p. 180). Em um primeiro momento, estas experiências traumáticas das quais os sintomas são símbolos mnêmicos, provocam afetos aflitivos, tais como susto, dor, vergonha e repugnância. No entanto, aos poucos, no decorrer de suas investigações, descobre que a experiência traumática é invariavelmente de cunho sexual e o período onde ocorre tal vivência, é a infância.

Assim, o sexual, pré-condição do sintoma, é traumático à criança porque esta o recebe de forma passiva sem nenhuma possibilidade de tradução. No entanto, a experiência sexual infantil provocadora do sintoma permanece inicialmente sem efeito, só exercendo um efeito traumático depois, ao serem despertadas após a puberdade, sob a forma de lembranças inconscientes. Ele afirmava que “a lembrança atua como se fosse um evento contemporâneo. O que acontece é, por assim dizer, a ação póstuma de um trauma sexual” (FREUD, 1896, p. 146).

Com isto, Freud nos indica os dois tempos lógicos necessários ao trauma. Ou seja, se para que haja trauma é preciso duas cenas, a relação entre elas só pode ser pensada na defasagem, onde está em questão, não uma temporalidade linear, mas um “só depois”. A primeira cena só passa a ter significação traumática quando, em um segundo tempo, uma outra cena possibilita o despertar da lembrança daquela primeira cena. Este segundo momento, onde a primeira cena adquire valor traumático, é também o tempo do sintoma

Podemos, a partir do exposto, afirmar que, em um primeiro tempo, temos a presença de uma sexualidade importada de fora, em um corpo não sexualizado; em um segundo momento, teríamos uma sexualidade que se faz presente na lembrança, apesar da ausência da cena sexual. Com isto, Freud não estaria negando a veracidade das lembranças sexuais da criança, mas está legitimando sua teoria da fantasia que se sustenta numa cena que se apresenta na imaginação e que tem a ver com um desejo inconsciente.

Dando continuidade ao que vimos percorrendo numa coerência com o presente tópico que propõe trazer o objeto em Freud, concluímos que o sexual seria da ordem do traumático, uma vez que é fundado para o sujeito a partir de um outro materno, do investimento libidinal que a mãe realiza no corpo do filho, transformando esse corpo em objeto de seu desejo. É na relação primária com a mãe - ou quem da criança cuida - sendo inicialmente objeto oferecido ao seu desejo, que a criança enquanto sujeito se constitui como um corpo erogeneizado. A sexualidade importada do Outro advém como traumática pelo fato de a criança não possuir ferramentas para traduzir essa investida, essa “fonte infindável de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas”, segundo Freud (1905, p. 231).

Aprendemos, pois, com Freud, que no sintoma - via régia da histérica até ele - estão imbrincadas outras formações e conceitos fundamentais da psicanálise, entre eles o de objeto, ponto no qual nos deteremos mais diretamente a partir desta explicação primordial.

A psicanálise nos ensina que o vivenciado nos primeiros anos de vida, acontecimentos que transitaram por veredas desconhecidas, vicissitudes, tramas complicadas, fazem marcas no corpo do sujeito, em resposta à interpretação que ele dá ao desejo do Outro. O infantil

estaria, portanto, atrelado à questão fundante de saciar ou não a necessidade fálica do Outro, satisfazê-lo ou não. Desde Hans, Freud nos advertiu que, além das histéricas, há algo nas crianças a ser escutado. Ainda que de forma enviesada, através dos pais de Hans, foi possível a Freud efetuar intervenções, no sentido de apaziguar sua fobia a cavalos, pois, como foi abordado, o pai da psicanálise acreditava que o sintoma continha uma verdade passível de deciframento.

Para Freud, a relação do sujeito com seu corpo, longe de ser simples e tranquila, é marcada por um vazio central relativo a uma perda primordial que nenhum objeto pode reparar. E esta negatização empreende o sujeito numa busca incessante de recuperação. Como vimos, foi Freud que, ao dar lugar à palavra, pôde instaurar o corpo numa perspectiva distinta da ciência médica. E em toda a sua obra, nos deparamos com a teoria pulsional que deu ênfase às zonas erógenas, à libido, às pulsões e suas satisfações e migrações, proposições diretamente relacionadas com o objeto.

Mas, talvez, a mais importante das afirmações de Freud diz respeito às teorias sexuais infantis. Suas suposições provocaram uma reviravolta na maneira como a criança era vista até então e a inseriu num outro registro. Em contraponto à inocência que lhe era atribuída, num mundo atravessado por teorias vitorianas cuja moral rechaçava o acesso ao gozo sexual, Freud assegurava que era um “equivoco de graves consequências” (FREUD, 1905, p. 162) partilhar com a opinião popular, a teoria de que a pulsão sexual estava ausente na criança. Com esta afirmação, nos aproximamos da noção da criança enquanto atrelada a algo que diz respeito ao pulsional, o que inclui a demanda e, conseqüentemente, o Outro, se engatarmos estas assertivas ao ensino de Lacan. Miller, em *Lacan Elucidado*, a respeito disso, afirma que “somos crianças todo o tempo em que estamos vinculados à demanda” (1997, p. 455) e o mais importante dessa demanda é o fato de que o Outro responde, dando algo. Quer dizer, o sujeito se constitui a partir do Outro que, com seus ditos, soletra o corpo da criança com significantes que o determinam, mesmo antes de sua chegada. A criança surge enquanto identificada às letras gravadas em seu corpo. Podemos dizer, com isso, que a princípio se inscreve o objeto. Isto antecede a subjetividade.

O “Projeto para uma psicologia científica” de Freud (1905[1895]) - apesar de ter um caráter eminentemente neurológico e ser anterior as suas teorias psicanalíticas propriamente ditas - apresenta-se como um prenúncio do que se seguiria em seu percurso, como ele mesmo demonstra em sua correspondência com Fliess, quando lhe fazia confidências e descrevia o rumo do seu pensamento. Quer dizer, como ele mesmo confessava, partindo das afasias, o que

Freud vinha elaborando era um modelo de aparelho que ele chamaria de psíquico, mas tendo como pano de fundo, a sua histérica, a quem ele tanto demonstrava respeito e curiosidade.

Falando da correspondência ao seu amigo mais íntimo - Wilhelm Fliess - recorreremos à carta 52²⁴ (FREUD, FLIESS, 1896, p. 208), onde Freud tenta explicar os fenômenos de memória – que não tem nada a ver com a consciência - mas também o que não vai bem nesse âmbito (LACAN, 1956, p. 175). Ou seja, aquilo que se inscreve para o sujeito desde o momento que ele surge para o mundo - ou antes, segundo Lacan (Idem, p. 192) - e que em sua singularidade, lhe determina o lugar a ser ocupado na vida.

Entraremos aqui no conceito de pulsão em Freud para dar coerência ao que vimos explanando, pois não é possível falar de objeto sem nos remetermos a isto que constitui o núcleo central da teoria da sexualidade. A pulsão, apesar de ter como objetivo principal sua satisfação, ela jamais a alcançará, mas sempre irá dar voltas em torno do objeto que poderia vir a satisfazê-la. Esta característica marca uma diferença fundamental entre a pulsão e a necessidade, a qual, por sua vez, aponta para um objeto e se satisfaz com ele. Para Freud, as pulsões eram parciais e se dirigiam a fontes distintas, a zonas erógenas como a boca e o ânus (pulsão oral ou anal) como forma de se satisfazerem. Elas estariam conformadas de forma independente e desorganizada a princípio - a perversão polimorfa - mas na puberdade, este polimorfismo iria se organizar nos órgãos genitais.

Então, é na vivência de satisfação que consiste na “mola pulsional do mecanismo psíquico” (GARCIA-ROZA, 1991, p. 128). Sem termos a pretensão de nos determos numa teoria neurológica de Freud, gostaríamos de trazer a primeira experiência de um bebê quando nasce e sente fome. Essa necessidade corporal é urgente! O bebê chora, se contorce, balança os braços, grita, num sinal claro de desconforto que precisa ser modificado por aquele que o tem sob os seus cuidados. “É fome!”, é assim interpretado. Daí faz-se necessária uma “ação específica” (FREUD, 1895, p. 431) que intervenha neste estado de sofrimento no interior do corpo e o atenua, pelo menos, provisoriamente. Esta intervenção, com o objetivo de descarregar o excesso de excitação decorrente da experiência da fome terá que vir de fora - o alimento - uma vez que o bebê não tem condições de fazê-la sozinho devido a sua condição primordial de desamparo.

Assim, este evento, em sua totalidade, será o que constitui a experiência de satisfação e que, para Freud, tem consequências, tais como: a eliminação da urgência que causou o desprazer; a catexização no *pallium* (manto, capa) daquilo que corresponde à percepção do

²⁴ Carta de 6 de dezembro de 1896.

objeto que promoveu a satisfação; e informações sobre este evento a partir de uma ação específica. Ou seja, esta experiência teria uma função secundária de comunicação, numa clara aproximação do que afirmamos anteriormente, da criança enquanto atrelada a algo que vem do outro que lhe despande cuidados.

Então, este alívio da tensão obtido através dos “resultados subsidiários” passa a ser uma informação que a criança guarda de que cada oportunidade de novas excitações sensoriais produz uma imagem motora, ou seja, a cada nova experiência de necessidade - o reaparecimento do estado de urgência - um impulso psíquico irá reinvestir na imagem mnêmica catexizada do objeto, para obter uma diminuição na tensão e reproduzir a satisfação. Ainda que isto se dê pela via da alucinação, caso o objeto não se apresente, causando desapontamento na criança. Nesse sentido, Freud afirma que “é provável que a imagem mnêmica do objeto seja a primeira a ser afetada pela *ativação do desejo*” (FREUD, 1905, p. 433).

Caberia nesse ponto, um realce para este objeto primordial, aquele que fica marcado para o sujeito por lhe socorrer e anular um estímulo endógeno desconfortável, causando-lhe satisfação. Esta experiência, longe de ser apenas um evento de necessidade/atendimento da necessidade, introduz a linguagem e insere o sujeito numa ordem simbólica. Trata-se de um grito que a princípio é um pedido de satisfação de necessidade, mas que, ao ser interpretado pelo Outro, introduz a demanda.

Tomando essa vertente, relacionamos ao que vimos trazendo com a questão do objeto. Para isto, demos um salto na obra de Freud, para seu texto de 1915 sobre as pulsões, seu primeiro texto metapsicológico, fundamental para compreender a constituição do objeto. Apesar de conceituar a pulsão enquanto situada na fronteira entre o mental o somático, Freud afirma ser ela, “o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente” (FREUD, 1915, vol. XIV, p. 142), interligando definitivamente corpo e psique e, a partir daí, examina a pulsão de acordo com a pressão, a finalidade, o objeto e a fonte.

A pressão, comum a toda pulsão, está relacionada ao fator motor, à exigência de trabalho, é a essência da pulsão, que tem uma única finalidade: satisfazer-se. Esta satisfação só chega a ser obtida se for eliminada a estimulação na fonte da pulsão, o que se pode se dar por caminhos diversos. Isso significa dizer que, embora o objetivo seja sempre uma satisfação, uma pulsão possui uma diversidade de finalidades ou pode ser inibida neste fim. Já o objeto da pulsão seria “a coisa em relação à qual ou através da qual, a pulsão é capaz de atingir sua finalidade” (Idem, p. 143), ou seja, sua satisfação.

É interessante observar o termo que Freud usa no título do texto - vicissitudes - para dizer da sucessão de variações e modificações que sofre a pulsão durante o seu trajeto, ao mesmo tempo em que comenta sobre algumas peculiaridades análogas do objeto: não é necessariamente algo estranho, pode ser uma parte do corpo do sujeito, é passível de modificação, o mesmo objeto pode servir para a satisfação de pulsões simultâneas. Por fonte, Freud entende um processo somático, cuja representação psíquica é a pulsão.

Entre as vicissitudes sofridas pela pulsão - que ele considera modalidades de defesa - Freud aponta quatro: reversão ao seu oposto, retorno ao próprio eu (*self*), recalque e sublimação. Mas, ele descreve e examina apenas as duas primeiras, usando o verbo e o amor para concluir que a voz da pulsão não é nem ativa, nem passiva, mas reflexiva.

Neste ponto, gostaríamos de enfatizar alguns comentários que Freud faz nesse texto, para tentarmos pensar sobre o que vimos discorrendo, quando ele fala do narcisismo, uma forma auto-erótica de obter satisfação. Aí, ele descreve uma situação primordial em que o ego é catexizado com as pulsões, sendo capaz de satisfazê-las, bastando-se a si mesmo. Ele diz que com isso, “o mundo externo não é catexizado com interesse” (Idem, p. 157), é indiferente aos processos de satisfação, fazendo coincidir ego e satisfação. Mas, sob o domínio do princípio do prazer, o ego sofre um desenvolvimento quando, na medida em que os objetos que lhe são apresentados constituem fonte de prazer, ele os toma para si próprio e expelle o que objetos introjetados que causam desprazer. Assim, o ego da realidade (que distingue interno e externo) se transforma em ego do prazer, característica que vai estar acima de todas as outras. “Para o ego do prazer, o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho” (Idem, pp. 157-158), hostil. Com esse “arranjo”, sujeito do ego e prazer coincidem e o mundo externo seria desprazeroso.

Dando outro salto para seus Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade, particularmente no que se refere à sexualidade infantil, vemos que Freud, não à toa, começou introduzindo “dois termos: *objeto sexual*, a pessoa de quem provém a atração sexual, e *alvo sexual*, a ação para a qual a pulsão impele” (1905, p. 127). Na segunda parte do texto, ele destaca a importância de se prestar atenção à fase pré-histórica - a infância - do adulto e a influência em sua vida, sobretudo no que diz respeito aos esquecimentos. Ele se pergunta “por que terá nossa memória ficado tão para trás em relação a nossas atividades anímicas” (Idem, p. 163) ainda que saibamos que nossa capacidade de recepção e reprodução são intensas exatamente neste período da infância e que deixaram “os mais profundos rastros em nossa vida anímica e se tornaram determinantes para todo nosso desenvolvimento posterior” (Idem,

p. 164)? A partir desta questão, ele afirma que se impôs aí, a fórmula de que a sexualidade dos psiconeuróticos preserva o estado infantil ou é reconduzida a ele. Ele se refere com esta afirmação, aos traços mnêmicos a serviço do recalque presentes na histérica.

Seguindo no texto, oscilando entre uma teoria da hereditariedade e outra do psiquismo, Freud discorre sobre a educação enquanto um “entrave” no caminho da pulsão sexual e se questiona sobre os meios para serem erigidas construções para a cultura e a normalidade de alguém, além das manifestações da sexualidade infantil. Entre estas manifestações, ele dá proeminência ao chuchar, que consiste no toque de objetos (uma parte dos lábios, língua, dedão do pé, etc) pela boca, a sucção excessiva sem o propósito de nutrição. A esta lista ele acrescenta o puxão da própria orelha, fricção com qualquer parte sensível do corpo (como seios ou genitália) com o mesmo fim e atribui ao ato, uma semelhança com uma espécie de orgasmo, o que afirma sua hipótese de existência de atividade sexual infantil.

Partindo desta premissa, Freud articula este movimento às primeiras vivências de satisfação do bebê que ele “se esforça por renovar” (1905, p. 170), algo que foi vivenciado e assim lembrado: a estimulação pelo fluxo cálido do leite passando pelos lábios seria a origem da sensação prazerosa, constituindo estes lábios como zona erógena. Neste sugar com deleite, Freud salienta três características essenciais da vida sexual infantil: que esta nasce se apoiando em uma função somática vital (necessidade de alimentação); ainda não conhece um objeto sexual (é auto-erótica); e seu alvo se encontra sob o domínio de uma zona erógena, sendo esta um fragmento de pele ou mucosa que, quando estimulado, provoca prazer. Porém, ele admite que, apesar da preponderância das zonas erógenas, a vida sexual da criança envolve “outras pessoas como objetos sexuais” (Idem, p. 179), daí advindo as pulsões relativas ao olhar e à exibição, bem como à crueldade, que se apresenta independente da zona erógena, que tem mais a ver com a dominação. Baseado nesta pluralidade da pulsão é que Freud afirma sua parcialidade, pois que pode ser oral e anal, a depender da fonte de onde se origina o prazer.

Para complementar, podemos afirmar com Freud, que é com base na vida sexual infantil que se constitui a vida sexual do adulto, na qual “a obtenção do prazer fica a serviço da função reprodutora e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena” (Idem, p. 182), o que daria à pulsão sexual, a possibilidade de se satisfazer em um objeto sexual alheio. Quer dizer, a escolha pelo objeto já se dá na infância, mas de maneira ainda muito incompleta, para se firmar definitivamente apenas na puberdade. Com estas afirmações, Freud aufere dois tempos a essa escolha objetal: uma primeira na infância caracterizada pela

natureza infantil do(s) alvo(s) sexual(is) e uma segunda, definitiva na configuração sexual, que “tem que renunciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente sensual” (p. 188).

Finalmente, para falar de uma configuração sexual definitiva, Freud fala da puberdade e de suas mudanças e reordenações. Sem querermos nos ater a uma questão de escolha sexual - o que nos conduziria a uma discussão quanto a questões de gênero - nossa intenção é seguir na ideia do prazer relativo ao objeto, numa articulação com o tema deste trabalho dissertativo. Ou seja, retomamos o “encontro do objeto, para o qual o caminho fora preparado desde a mais tenra infância” (Idem, p. 209). Com isto, para concluir, Freud relembra a primitiva satisfação sexual da criança com o seio materno e a representação global da pessoa que lhe dispensava satisfação. Enfim, ele dá um contorno de peso especial para a amamentação no seio materno, que se torna “modelar” para todos os relacionamentos amorosos. Por este motivo, empreende-se obstinadamente uma busca pela satisfação experimentada, a fim de restaurar a felicidade perdida. Com base neste raciocínio é que Freud vai afirmar que “o encontro com o objeto é, na verdade, um reencontro”. (Idem, p. 209)

Cabe aqui um parêntese para seguir falando da questão do objeto, mencionando o jogo do Fort-Da que Freud introduz em Além do Princípio do Prazer (1920, p. 25), a partir da observação de uma criança - um menino de um ano e meio - que parece ser seu neto. Por causa da idade, a criança proferia apenas algumas palavras e, ainda assim, de forma incompreensível para os que lhe rodeavam. Ao observá-lo atirar seus brinquedos enquanto brincava, Freud percebeu que ela emitia sons que se assemelhavam à palavra alemã Fort, que significa “foi”. Não tardou para Freud constatar que o movimento constituía um jogo e que “o único uso que o menino fazia de seus brinquedos, era brincar de ‘ir embora’ com eles” (Idem, p. 26). Então, certo dia, Freud o flagrou brincando com um carretel amarrado a um cordão, enquanto dizia “Fort” (vai!) ao impulsioná-lo e dizia “da” (ali) ao puxá-lo de volta, ao que Freud compreendeu como “uma brincadeira completa: desaparecimento e retorno”. Com isto, Freud interpretou o jogo como “uma renúncia pulsional relacionada à ausência da mãe”. Desse modo, a criança se compensava, encenando “o desaparecimento e a volta dos objetos” (Idem, p. 27), retorno no qual “residia o verdadeiro propósito do jogo”.

É inegável que a questão do objeto é perseguida por Freud durante toda a sua obra, pois não temos como desvinculá-la da origem de seus estudos e especulações iniciais sobre a histeria e seus consequentes desenvolvimentos, incluindo o inconsciente e a pulsão. Mas, na impossibilidade de abordar o tema na sua totalidade ou de forma mais ampla, é preciso, no momento, nos determos neste percurso que vimos trilhando e prosseguirmos com este trabalho. Para tanto, abordaremos teorias relativas ao objeto em dois outros autores

fundamentais para a práxis psicanalítica - Donald Winnicott e Jacques Lacan - mas também para termos um material razoável para, juntamente com os depoimentos de autistas quanto ao objeto autístico, tecermos nossas considerações.

2.5 O objeto transicional

Para captarmos a lógica do pensamento de Donald Winnicott, pensamos ser importante comentar um pouco de sua vida pessoal e profissional e as vicissitudes que lhe conduziram à psicanálise. Ele era inglês, nascido em Plymouth, um vilarejo marítimo perto de Londres. De formação médica, teve a experiência de abordar as doenças pela via organicista, mas nunca duvidou da importância dos aspectos psíquicos delas.

Apesar de sua preferência pela pediatria, uma contingência lhe afetou o rumo profissional, promovendo um desvio importante: o advento da primeira guerra mundial, que lhe obrigou a exercer o posto de cirurgião em um submarino, antes mesmo de concluir seus estudos, como estagiário. Finda a guerra, munido da experiência vivida, Winnicott pôde retomar seus estudos e seu caminho inicial, ao ser posteriormente nomeado para o *Paddington Green Children's Hospital*, onde permaneceria durante quarenta anos dedicado às crianças.

Pensando em sua formação, analisou-se com James Strachey por dez anos e fez supervisão de casos com Melanie Klein, por cinco anos. Considerava-se independente teoricamente, mas pertenceu à *British Psychoanalytical Society*, da qual foi presidente por dois períodos (BERMEJO, 2017, p. 53), onde, juntamente com outros colegas como Fairbairn, Balint e Bowlby, se implicou em “trabalhos psicossociais com crianças maltratadas pelas famílias, separadas de seus pais por causa de circunstâncias externas ou atendendo ao sofrimento físico de doentes ou de cuidadores”.

Com a irrupção da segunda guerra, Winnicott foi nomeado psiquiatra conselheiro, designação que teve influência definitiva em sua vida profissional. A partir desse lugar, juntamente com outros colegas psiquiatras, foi-lhe possível denunciar as consequências sofridas pelas crianças que tinham que ser deslocadas às pressas de seus lares em função dos ataques - sobretudo as crianças de 2 a 5 anos - as quais tinham suas histórias modificadas bruscamente com separações, perdas ou famílias desfeitas. Foi, portanto, deste sofrimento explícito, que surgiu a clínica da primeira infância, a qual produziu efeitos marcantes na teoria e na clínica psicanalítica, segundo Harrus-Révidi (2010, p. 8). Para ela, a “descoberta” do objeto transicional - carro-chefe da obra de Winnicott - seria o resultado de um encontro entre um pediatra particularmente sensível e intuitivo e a guerra. O próprio Winnicott (1971, p. 10) afirmou que lhe coube ser psicanalista, exatamente pelo fato de ter sido pediatra e estar atento ao viver imaginativo e criador - fenômeno que ele considerava universal - na vida dos bebês

que observava, integrado ao seu processo de desenvolvimento. Esta teria sido a base principal de tudo o que se erigiu em teoria.

Apesar de ter casado duas vezes, ele não teve filhos. Mas isto não lhe impediu de se relacionar de maneira sensível e próxima com as crianças. Bermejo conta que Winnicott devia ser uma pessoa solidária diante das necessidades dos mais débeis, “que esteve plenamente convencido de que o entorno facilitava e proporcionava às crianças, as condições necessárias para garantir um crescimento adequado” (2017, p. 61).

Assim, tal como o modelo impresso por Freud, suas suposições advinham de observações clínicas. Tomando o primeiro ano de vida do bebê em sua relação com a mãe como suporte para suas premissas, Winnicott introduziu alguns conceitos importantes para a prática psicanalítica com crianças. Quer dizer, segundo Loparic, “Winnicott teoriza a respeito do desenvolvimento humano a partir do seguinte paradigma: o bebê no colo da mãe” (Apud KLAUTAU, 2002, p. 32). Neste sentido, este seria o alicerce para a construção do psiquismo em Winnicott.

Sua teoria tinha como base o binômio psique-soma, ou seja, ele afirmava que a psique não pré-existe ao sujeito, mas se constitui a partir do corpo e de suas funções. Outrossim, as elaborações imaginativas daí decorrentes estariam diretamente ligadas à mãe que, a princípio, seria o ambiente da criança, dela inseparável. Por isso, Winnicott falava de uma unidade psíquica entre a criança e o bebê, onde era possível observar os fenômenos de adoecimento, uma vez que um estaria diretamente ligado ao outro.

Winnicott elaborou o que ele chamou de “contribuição própria”, o seu escrito “Objetos e fenômenos transicionais”, para apresentar na Sociedade Psicanalítica Britânica, em maio de 1951, momento em que Anna Freud e Melanie Klein divergiam ferozmente quanto a questões teóricas referentes à dialética dos objetos. Segundo Harrus-Révidi (2010, p. 10)²⁵, Winnicott se instalou prudentemente - mas não sem ironia - no “grupo do meio”, entre as duas, com seu objeto de transição, “transicional”.

Numa observação atenta com bebês, Winnicott entrou em um tema que ele considerava ter sido negligenciado pelos analistas até então e extraiu sua hipótese de que os bebês de ambos os sexos tendem a se interessar por sugar dedos, o punho e polegares, para satisfação da pulsão oral, o que teria como consequência, uma certa calma.

²⁵ HARRUS-RÉVIDI, Gisèle. *Violences et douceur. Préface au livre Les Objets Transitionnels*, de Donald W. Winnicott.

Posteriormente, essas escolhas mudariam, pois eles passariam a eleger bonecas - ou algum outro objeto citado acima - para dar continuidade a esse movimento de busca de satisfação. Estas escolhas se realizariam com anuência das mães, que permitiriam a seus bebês “algum objeto especial, esperando que eles se tornem, por assim dizer, apegados a tais objetos” (WINNICOTT, 1975, p. 13).

Winnicott estabelece uma relação entre os dois momentos e destaca o tempo que se interpõe entre ambos. Assim, ele introduz os termos “objetos transicionais” e “fenômenos transicionais” para

designar a área intermediária de experiência entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta (Diga: “bigado”). (WINNICOTT, 1975, p.11).

Winnicott também evidencia uma diferença que ele considera importante marcar entre o objeto por ele descoberto e o objeto interno de Melanie Klein - em quem ele se apoia em alguns momentos para criar suas teorias - que é um conceito mental. Para ele, o objeto transicional é uma possessão, mas não é um objeto externo.

Ao mesmo tempo, ele chama a atenção para o fato de que, na verdade, a importância não está no objeto escolhido, mas no uso que o bebê faz desse objeto, o que ele considera um paradoxo. Sobre isso, ele diz: “não estou estudando especificamente o primeiro objeto das relações de objeto. Estou interessado na primeira possessão e na área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido” (Idem, p. 13), ou seja, um estado intermediário entre a inabilidade de um bebê e sua crescente habilidade em reconhecer e aceitar a realidade.

Teriam incidência nessa área intermediária enquanto objetos transicionais, o balbúcio do bebê ou as canções que ele cantarola para se fazer dormir ou mesmo os objetos que lhe são ofertados, ainda que eles não os reconheçam como externos ao seu corpo a princípio. Essas ações persistiriam por toda a vida, funcionando, segundo Winnicott, como defesa contra a angústia.

Ele forjou um termo que se tornou uma formulação de sua autoria: a “mãe suficientemente boa”. Esta deveria estar atenta às necessidades do bebê e não às dela própria, dando-lhe a ilusão de potência, condição necessária para que o bebê se desenvolva de maneira saudável. A mãe suficientemente boa - que para o autor não é necessariamente a própria mãe do bebê - “é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação

que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e tolerar os resultados da frustração” (Idem, p. 25).

Quer dizer, esta mãe, segundo ele, “começa com uma adaptação quase completa às necessidades de seu bebê e, à medida que o tempo passa, adapta-se, cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela” (Idem, p. 25). E esta adaptação estaria ligada a três sucessivos estágios de desenvolvimento em relação à dependência, que poderia ser absoluta, relativa e, a seguir, o bebê estaria no rumo da independência.

Para livrar-se da dependência absoluta da mãe no primeiro ano de vida, rumo a uma dependência relativa, o bebê lançaria mão de objetos que não fazem parte do seu próprio corpo, fossem eles quais fossem, como bichos de pelúcia, cobertores, bonecas, até mesmo uma ponta de lençol, um edredon ou um pedaço de tecido. Segundo ele, “não há diferença digna de nota entre menino e menina em seu uso de possessão original ‘não-eu’”, que é o que ele denomina de objeto transicional (Idem, p. 17).

Para seguir abordando este conceito de objeto em Winnicott, é importante destacar que sua concepção pode ser dividida em três momentos que traçariam um percurso: a princípio, o objeto enquanto subjetivamente percebido para, na sequência, ceder lugar ao objeto transicional e, finalmente, ser sucedido pela percepção objetiva da realidade que acontece através do uso do objeto (KLAUTAU, 2002, p. 34).

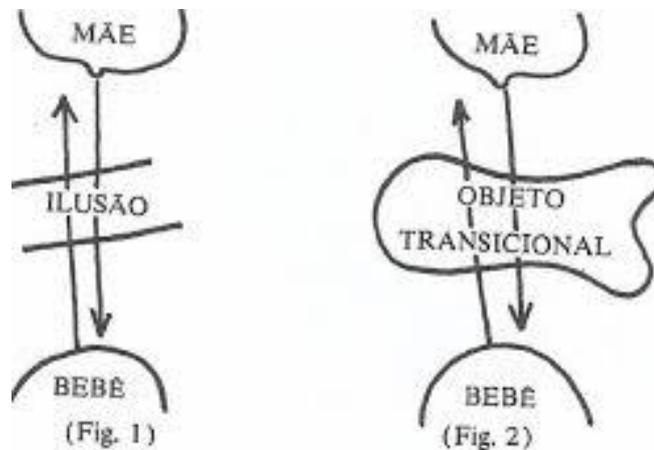
O objeto seria subjetivo quando estivesse relacionado aos primeiros relacionamentos do recém-nascido e seu entorno, momento em que o psiquismo ainda não se estruturou, quando ainda não há uma distinção entre eu-não-eu. Assim, este relacionamento primário com a realidade se dá quando “o bebê entra em contato com o primeiro objeto de forma subjetiva”, que “é e não é um objeto”, “é e não é subjetivo” (KLAUTAU, 2002, p. 35).

Winnicott também se preocupou em definir o que seria o uso do objeto, diferenciando este conceito da relação de objeto, que seriam distintos. Nesta última, o objeto tornou-se significativo e o sujeito “permite que se efetuem certas alterações no eu (*self*)” (1975, p. 123). É uma experiência ímpar do sujeito com o objeto, onde mecanismos de defesa - projeções e identificações - atuam, esvaziando o sujeito a tal ponto que ele e o objeto se confundem, “algo de seu ser pode ser encontrado no objeto, embora enriquecido pelo sentimento” (Idem, p. 123), segundo ele. Assim, o uso do objeto envolve a natureza e o comportamento do objeto, mas não como projeção.

O autor segue seu raciocínio, afirmando que, “para usar um objeto, um sujeito precisa ter desenvolvido a capacidade de usar objetos” (Idem, p. 125), condição que nem é inata nem

garantida. Isto estaria relacionado à mudança para o princípio de realidade, um amadurecimento que depende de um meio ambiente que dê condições para tal. Neste intervalo entre a relação do objeto e seu uso, Winnicott diz que o sujeito “coloca o objeto fora da área de seu controle onipotente” (Idem, p. 125), o destrói. Mas, é também possível que ele sobreviva e o sujeito passe a viver no mundo dos objetos, “mas o preço tem de ser pago na aceitação da destruição em progresso na fantasia inconsciente com respeito à relação de objeto” (Idem, p. 126).

Figura 1: esquema de Winnicott



Fonte: Winnicott, D. O Brincar e a realidade, 1975, p. 27.

Este esquema de Winnicott mostra, na primeira figura, a ilusão efetuada pela mãe na sua preocupação com o bebê. No segundo, já há o objeto transicional introduzido em lugar da ilusão primária, constituindo uma área intermediária entre o bebê e a mãe. De acordo com o esquema, reforçando o que já foi destacado, asseguramos que estes objetos teriam um lugar de importância para a criança como substitutos da mãe, como defesa contra a ansiedade. Desta forma, até mesmo os pais passariam a reconhecer o seu valor, não prescindindo deles em momentos como a hora de dormir, momentos de solidão, depressão ou situações de privação em geral. Para Laurent (2015, p. 104), o objeto transicional é feito de palavras da criança. Destacado do corpo da mãe, situa-se em uma zona que é inimputável. É isso que o permite circular entre a criança e o Outro.

Para começar a concluir este tópico, entre outros conceitos, não podemos deixar de dar relevo à articulação que Winnicott fazia entre criatividade, brincar e saúde. Ele conferia à percepção criativa a capacidade de dar à vida, dignidade para ser vivida (1975, p. 95); a criatividade (enquanto impulsos criativos, motores e sensoriais) seria a matéria-prima do brincar. “É com base no brincar que se constrói a totalidade da existência experiencial do

homem”, afirmou ele, para acrescentar a isto, a ideia de que se experimenta a vida na área dos fenômenos transicionais, “no excitante entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva e numa área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externo aos indivíduos” (1975, p. 93). Em outros termos, “é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde” (1975, p. 63), uma vez que colabora no crescimento, nas relações grupais e é o meio de comunicação na psicoterapia, entre outros benefícios.

Também não iremos desprezar a contribuição de Lacan para a teoria de Winnicott, no que diz respeito ao papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento da criança, ainda que Winnicott interprete que este citado texto de Lacan estaria referido “ao uso do espelho no desenvolvimento do ego de cada indivíduo” (1917, p. 153). Ele confia que o texto do Estádio do Espelho de Lacan o influenciou na ideia de que, “no desenvolvimento emocional individual, o precursor do espelho é o rosto da mãe” (Idem, p. 153), referindo-se aos bebês que gozam de uma visão normal. Winnicott enuncia a importância do ambiente, quando o bebê ainda não separou de si mesmo, separação que será gradual entre o não-eu e o eu. Neste momento, é preciso que alguém esteja ali para ser mãe e permitir ao bebê, o segurar, o manejar e a apresentação dos objetos, promovendo uma maturação. Ao ser segurado, manejado e aceito, o bebê adquire uma potência que lhe atribui a capacidade de usar o objeto e “sentir-se como se esse objeto fosse um objeto subjetivo, criado por ele” (Idem, p. 154). Assim, quando o bebê olha para o rosto da mãe, o que ele vê é ele próprio, quer dizer, “aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali”. Ao mesmo tempo, Winnicott fala dos estragos se a mãe não reage, quando os bebês não recebem de volta o que estão dando. “Eles olham e não se veem a si mesmos” (Idem, p. 154), ele complementa. Isto significa dizer que, para o autor, o que funda uma dimensão subjetiva na relação primária de dependência do bebê são as respostas que ele capta do rosto da mãe, na realidade, ou seja, para ver, é preciso que a criança tenha sido vista.

Nesse ponto, gostaríamos de introduzir uma impressão de Lacan acerca do pensamento winnicottiano de objeto, uma vez que é perceptível que as obras de ambos se entrecruzam em algum momento. Em seu seminário sobre a relação de objeto, Lacan critica a posição de Winnicott que concebia a relação mãe-bebê como dual, completa, suplementar, “é importante que tudo corra bem” (LACAN, 1995, p. 34), ou seja, não pode haver falta. Aí, Lacan afirma veementemente a falta do objeto como imprescindível na relação do sujeito com o mundo, é uma noção central, a própria mola desta relação. Partindo dessa assertiva, ele aborda as três maneiras da falta do objeto: castração, frustração e privação. Com base nesta

noção, ele discorda de Winnicott que afirma que a primeira relação da criança com a realidade estaria ligada ao fato de a necessidade ser ou não atendida, conforme postulou, e sustenta que não é disso que se trata, mas de falta, o que remete ao desejo.

No entanto, para Winnicott, esta mãe suficientemente boa precisa ter a capacidade de, aos poucos, introduzir um não atendimento às necessidades do bebê, que se sente ameaçado diante da possibilidade de ruptura. É neste espaço, que ele chama potencial, que se constituem os objetos e fenômenos transicionais, para que o bebê suporte a separação e possa cerzir a distância produzida.

Destarte, a contribuição de Winnicott para a psicanálise não se limita aos conceitos elencados, mas apresenta uma vasta amplidão que conferiram acréscimos à clínica com crianças, a exemplo dos casos que ele expõe em sua obra. No entanto, com este conteúdo ora manifestado, nossa intenção foi a de demonstrar em Winnicott, o que ele trouxe como objeto, na intenção de pensar qual a relação com os objetos que propomos ora investigar, os objetos autísticos, tema do nosso trabalho, fazendo-os dialogar um pouco.

Como pudemos observar a partir de nossa investigação, a introdução de um objeto para a criança em Winnicott trata-se precisamente de uma manobra que não confere nenhuma patologia à criança, uma vez que serviria como anteparo à angústia, enquanto representante do seio materno, já que a mãe está “perdida”. Quer dizer, o objeto transicional revela que a perda do objeto primordial vai dar origem a objetos substitutos, através dos quais, a criança também vai obter satisfação, segundo Maleval (2017, p. 162). Ao mesmo tempo, ele lembra que, diferentemente do objeto autístico, por ter o objeto transicional a função de substituto para uma perda sofrida pela criança, aí já se instaura uma falta e o faz desejanter. Assim, o objeto transicional seria um objeto falicizado, uma simbolização dessa perda, ao mesmo tempo em que testemunha que uma regulação das pulsões se operou para a criança.

De antemão, já podemos antecipar que o objeto autístico - diferentemente do objeto para Winnicott - não está a serviço de uma satisfação substituta, mas confere ao autista a entrada em um circuito que lhe permita uma conexão mínima com o mundo.

Segundo Maleval, há semelhanças e diferenças entre objeto autístico e objeto transicional, embora eles até possam se confundir entre si. Em comum, eles teriam a característica de acalmar, “ambos são sedativos” (2017, p. 163). Quanto às diferenças entre os dois, podemos apontar que o objeto transicional tende a desaparecer com o tempo, como aponta Winnicott, é destruído, pode ser dispensado pelo autista. No entanto, o objeto autístico tende a persistir, como o brete de Grandin, por exemplo, que lhe atribuiu um lugar no mundo laboral. Em uma carta para Grandin, sua mãe lhe lembrou que ela, quando pequena,

“rejeitava qualquer nana (paninho)”. Com base neste exemplo, Maleval afirma que uma característica da criança autista é não ter objeto transicional. Laurent (2014, p. 86), no entanto, discorda desta afirmação, quando menciona Grandin e suas *cattle chutes* (gaiolas para reses), atribuindo a estas, a categoria de objeto transicional. Com base na citada carta da mãe de Grandin, ele, à diferença de Maleval, alinha o brete aos *comfies* (paninhos), seus “socorros”.

Seguindo na nossa linha de raciocínio, para dar continuidade ao que vimos trilhando, consideramos de grande importância, entrarmos numa via da psicanálise tão cara ao nosso percurso, a orientação lacaniana, uma vez que, para a nossa formação, seguimos pela trilha de seu ensino - além de Freud - mas, principalmente, para adentrarmos na sua teoria sobre o objeto.

2.6 O objeto para Lacan

Jamais, em nossa experiência concreta da teoria analítica, podemos prescindir de uma noção da falta do objeto como central.

(Jacques Lacan)

Vimos aprendendo com a psicanálise e seus ensinamentos, que a vivência dos primeiros anos de vida, acontecimentos que transitaram por veredas desconhecidas, vicissitudes, tramas complicadas, fazem marcas no corpo do sujeito, em resposta à interpretação que ele dá ao desejo do Outro. Apoiamo-nos na teoria de Lacan para afirmar que o que ele chama infantil estaria atrelado à questão do saciar ou não a necessidade fálica do Outro, satisfazê-lo ou não. Esta manobra corresponde a um “eu me pergunto o que queres” que se equilibra num “eu te pergunto o que eu quero” (LACAN, 1968-1969/2008, p. 99), operação determinante para o sujeito e que Lacan traduz da seguinte forma: “tudo o que está na origem, como indica a seta retroativa, converge para o desejo do Outro” (Idem, p. 99).

Retornando a Freud - caminho que fez Lacan para se orientar em suas teorias - conferimos em “Mais Além do Princípio do prazer” que ele falava de uma pulsão vinculada à morte, que impulsiona o sujeito a repetir compulsivamente quando não consegue recordar a origem das pulsões. Para referir-se a essa compulsão a repetir, Lacan fala de “instância”, insistência do significante ou de sua cadeia, ou da letra. São significantes que insistem em se repetir na vida do sujeito e o condenam a um excesso de gozo que retorna sempre, numa tentativa de transgressão aos limites do princípio do prazer e busca pela morte.

Antes de prosseguir com o desenvolvimento do pensamento, consideramos importante elucidar um pouco do que se trata quando falamos de significante. Lacan tomou emprestado de Saussure este termo, ainda que para se contrapor à forma como ele o apresenta. Saussure

afirmava que o significante seria a imagem mental do som, imagem acústica do signo, o que lhe atribuiria um significado fixo. Significado e significante teriam, então, o mesmo estatuto, estariam relacionados ao signo. Para Lacan, o significante vem primeiro, é sem sentido, mas produz significado, um significado único e singular. Quer dizer, o significado não se dá *a priori*, mas é produzido, no um a um. E são estes significantes sem sentido - “opacos”, como define Lacan (1968-1969, p. 21) - que determinam o sujeito; e seus efeitos constituem o inconsciente. Já trouxemos anteriormente que a linguagem consiste num sistema de significantes que possibilita ao sujeito obter o reconhecimento do outro e se inserir num sistema linguístico que favoreça trocas e o insira num laço social. O conceito de linguagem em Lacan passa por diversas fases e modificações, mas ele durante todo o seu ensino, se ampara na ideia de que a unidade básica da linguagem não é o signo - como afirmava Saussure - mas o significante, sendo este o que dá sustentação ao inconsciente.

Em um seminário que versa sobre O Desejo e sua Interpretação, Lacan aponta para a problemática que é implicar o sujeito no significante, sendo este a única base sobre a qual se pode engendrar um sujeito (1958-1959/2016, p. 21). Logo cedo, a criança aprende que a linguagem é a via pela qual as suas necessidades serão percebidas e satisfeitas. Além das lutas por um corpo que possa vir a ser conquistado, a criança enfrenta enormes batalhas para se introduzir na linguagem. Ou seja, são os pais - ou substitutos - que, através do discurso, determinam o lugar que esse pequeno ser ocupa na família e no mundo. A saber, são os significantes que os ditos familiares veiculam que marcam o corpo da criança e o inscrevem na cadeia de gerações que diz quem ele é. Assim, são estes nomes dados ao sujeito pelo Outro que os engancham em teias sintomáticas tecidas de fios de uma trama traçada pelo Outro que os constitui enquanto sujeitos. Portanto, “não é na via da consciência que o sujeito se reconhece, existe outra coisa e um mais-além”, Lacan (1956-1957/1995, p. 16) assegura, no que diz respeito à estrutura, à origem do sujeito. Isso traduz o que Lacan sustenta de que “só existe o sujeito de um dizer” (1968-1969/2008, p. 64), ou seja, ele é efeito do Outro que lhe fornece a textura.

Dando continuidade a nossas elucubrações sobre o objeto, surge uma pergunta: qual o estatuto do objeto na psicanálise, que não se reduz a um objeto completo? Lembramos que para Freud, o objeto se apresenta como perdido, atualizando-se na repetição, como foi mencionado anteriormente. Como bom freudiano que se afirmava ser, Lacan concorda, mas acrescenta a esta teoria, o traço, que ele reconhece ser o que inscreve a repetição. Essa repetição - que é significante - vai delineando um percurso em torno de um ponto, fixo, o S_1 ,

só, sem sentido, que não está ligado ao Outro, mas ao gozo. Estamos nos referindo à pulsão - na qual nos deteremos um pouco mais adiante - que só tem um objetivo: gozar.

Longe de pretendermos fazer uma peregrinação pela via do objeto em Lacan, elencamos aqui algumas menções consideradas fundamentais para o que vimos discorrendo. Falar de objeto em Lacan é falar de *a*, objeto *a*, objeto pequeno *a*. Esta letra *a* é um símbolo algébrico utilizado por ele, a princípio em sua montagem do esquema L, esquema em que ele tentou formalizar topologicamente a relação simbólica do sujeito com o Outro, já na introdução do seminário em que se dedica à relação de objeto (LACAN, 1956-1957). Segundo Lacan, “esta é a relação de fala virtual, pela qual o sujeito recebe do Outro sua própria mensagem, sob a forma de uma palavra inconsciente” (Idem, p. 10). Esta mensagem estaria sempre interdita pelo imaginário, eixo que ele representou com *a-a'*, que seriam o eu e o outro, o semelhante. Ele também acentua que o objeto *a* não tem valor de uso, nem de troca. Não é um objeto como outro qualquer, não se denomina, mas “é o que anima tudo que está em jogo na relação do homem com a fala” (1968-1969/2008, p. 175). Nesse sentido, é possível supor que este “estranho objeto” é, ao mesmo tempo, um objeto do corpo e do Outro, é feito de palavras e se situa em uma zona onde não se sabe dar-lhe um lugar em relação ao corpo. Assim, “o objeto *a* é um verdadeiro aparelho” (LAURENT, 2015, p. 103), segundo ele, é um aparelho da palavra transformada em *a*-palavra, como diz Lacan.

Para desenvolver sua teoria da relação de objeto, Lacan, mais uma vez, retorna a Freud, na última parte dos Três Ensaios, para dizer que ali se fala “implicitamente” do objeto, sempre que entra em cena a noção de realidade, mas também quando se trata da ambivalência da relação do sujeito com o objeto, quando ele se faz de objeto para o outro. Esta reciprocidade seria patente e constituinte. Neste seminário, Lacan marca a natureza deste objeto que se trata na psicanálise e lembra que Freud indica que “o objeto é apreendido pela via de uma busca do objeto perdido” (1956-1957/1995, p. 13), diferentemente do objeto da realidade. Ainda que o sujeito nostalgicamente busque repetidamente este objeto perdido, “não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo” (Idem, p. 13). Instaura-se aí, uma discordância exatamente em decorrência desta repetição. Quer dizer, uma tensão fundamental faz com que “o que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado” (Idem, p. 13). A satisfação obtida anteriormente nunca vai ser reencontrada aonde é buscada. Neste ponto, Lacan situa o caráter conflitivo da teoria freudiana de objeto e se pergunta como poderia ser diferente, uma vez que, para ele, se trata muito mais de oposição entre princípio de realidade e princípio de prazer, que estariam incluídos um no outro numa relação dialética. Ou seja, o princípio do prazer tende a se realizar em formações profundamente irrealistas. Já o

princípio de realidade “implica a existência de uma organização ou de uma estruturação diferente e autônoma, condicionando que o que ela apreende pode ser, justamente, fundamentalmente diferente daquilo que é desejado” (Idem, p. 14). O retorno é, neste sentido, da ordem do impossível.

Com a psicanálise, aprendemos que a pulsão é inerente ao humano e nunca será satisfeita, pois que, para esta, o que se apresenta no horizonte é o objeto, sempre buscado, mas nunca (re)encontrado, conforme foi mencionado anteriormente. A esse objeto que, primordialmente, é a mãe - ou seu substituto - é a quem a criança se endereça. E é aí que tudo começa: seu primeiro grito. Dependendo da resposta do adulto, esta reação primária se converte em significante... ou não. Melhor explicitando: se o bebê grita e a mãe acha que ele quer dizer algo, ela está reconhecendo que ali tem um sujeito, que há linguagem. “É a partir disso que o bebê vai tornar-se não apenas um organismo com necessidades incontornáveis, mas um ser falante sob a forma de seu balbucio muito precoce” (LEFORT, 1997, p. 18), afirmam os Lefort. E complementam: “se a fonte é o som escutado da palavra do Outro, não é evidentemente, de comunicação nem de sentido que se trata [...]” (Idem, p. 19), mas de gozo de ser e que vai marcar inicialmente, a relação do pequeno sujeito ao significante. Com isto, permitimo-nos explicitar com Lacan, que um significante representa o sujeito para um outro significante. Na neurose, o S1 - significante primordial que se inscreve a partir do Outro - desliza, remete a um saber, S2; são significantes que estão diferenciados entre si. Na psicose, como consequência da forclusão do Nome-do-Pai, estes significantes não se separam, estão amalgamados, não há intervalo entre os dois, dá-se o que Lacan chama de holófrase. Já no autismo, temos a noção de um S1 sozinho que, ao invés se de repetir, itera.

Lacan era crítico em relação às fases de desenvolvimento pelas quais a criança deveria passar para atingir a fase adulta; ele acreditava que “não existe gente grande”. Em seu seminário de número 16²⁶, ele se refere ao adulto como “essencialmente adulterado” (1968-1969, p. 321), para dizer do jogo que ocorre entre o sujeito e o Outro, pois é em torno do desejo do Outro que o discurso enfatiza a demanda, é do desejo do Outro que se engendra o sujeito. A princípio, enquanto objeto do fantasma materno, enredado nas teias do desejo materno. É isso que escreve sua “biografia primária” (Idem, p. 321), dita infantil, que está relacionada à maneira como se apresentaram os desejos no pai e na mãe, isto é, a maneira como eles ofereceram ao sujeito, o saber, o gozo e o objeto *a*. Lacan convida neste momento, no processo analítico, “a não apenas explorar a história do sujeito, mas o modo de presença

²⁶ De um Outro ao outro.

pelo qual lhe foi oferecido cada um dos três termos” (Idem, p. 321). Neste sentido, podemos pensar numa articulação com uma análise e o saber que nela se alcança. Este saber tem exatamente a ver com o Outro, com isso que foi passado à criança no discurso e determinou sua vida; o gozo é correlato ao traumático no seu encontro com esse Outro, e o objeto *a* aponta ao que ela foi no desejo do Outro.

Em sua “Nota sobre a criança”, Lacan (1969/2003) refere-se à função da família conjugal enquanto resíduo de algo que não se resume à satisfação das necessidades, mas se sustenta num desejo que não seja anônimo, para que aí se constitua uma subjetividade. Com isso, ele chama a atenção para aspectos das funções materna e paterna: a primeira enquanto contendo um desejo particularizado e o segundo, enquanto encarnando a lei a partir do seu nome, o que vai servir de vetor para o desejo. Por essa via, “o sintoma da criança acha-se em condições de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar” (p. 369). Caso esta lei não opere como mediadora entre o ideal do eu e o desejo da mãe, a criança se apresenta como correlata da fantasia materna. Quer dizer, a criança é tomada como objeto *a* da fantasia da mãe, saturando sua falta e revelando a verdade desse objeto. Ela se substitui a esse objeto e aliena qualquer acesso possível a sua própria verdade, o que tem consequências e é determinante na constituição subjetiva, na forma como essa subjetividade se engendra.

A que Lacan se refere quando fala de subjetividade? Abrimos aqui um aparte para falar desta noção que perpassa a psicanálise de todas as maneiras, uma vez que é o sujeito que está no centro de toda discussão, é o pivô que dá vida à teoria descoberta por Freud, a partir de suas observações e pesquisas. Segundo o dicionário, subjetivo é tudo aquilo “que pertence ao sujeito pensante e a seu íntimo; o que é pertinente a ou característico de um indivíduo; individual, pessoal, particular”. Levando em conta estas definições, observamos que não se pode desconectar subjetividade e psicanálise, mas, ao contrário, é preciso dar ênfase à relação inerente a ambas, desde os primórdios da descoberta freudiana. Ainda que se (re)conheça o caminho traçado por Freud sobre a subjetividade, Cabas (2009) infere que as referências de Freud ao uso do termo sujeito se apresentavam de forma implícita e não direta, pois seu foco era o inconsciente. Apenas Lacan, em seu ensino que teve como slogan um “retorno a Freud”, pôs o sujeito no ápice, “toda a obra de Lacan é um debate em torno da noção de sujeito” (p. 13). Evans partilha com Cabas dessa assertiva, quando diz que “a palavra [sujeito] não faz parte do vocabulário teórico de Freud” (2003, p. 184), mas ocupa uma posição central na obra de Lacan, ainda que se apresente com uma diversidade de nuances e de sentidos ao longo de seus escritos e seminários, relativos a diversas áreas de saber, tais como a jurídica, a filosofia, a linguística, a lógica, etc.

Estamos certos de que quando falamos de sujeito, nos deparamos com uma multiplicidade de formas de interpretações ou mesmo de definições. Mas, gostaríamos de abrir aqui um parêntese para problematizar um pouco, uma afirmação frequentemente escutada de que “no autismo não há sujeito”. Para tanto, escolhemos nos apoiar na máxima de Lacan no Seminário 11 que já citamos, quando ele afirma que “um significante é aquilo que representa um sujeito para um outro significante” (1964/1988, p. 196). Do que se trata? E quanto ao autismo, poderíamos afirmar o mesmo? Nesta citada lição, Lacan é enfático ao afirmar que o Outro é quem comanda tudo, é o lugar de constituição da subjetividade, tudo passa pelo Outro. Desse movimento, adviria a pulsão, que é o “vivo” do sujeito, posto que se instaura pela via da falta. Assim, ele acentua “as operações da classificação do sujeito em sua dependência significativa ao lugar do Outro”. Com estas afirmações, Lacan introduz e assegura a articulação entre sujeito e significante.

Diferentemente do signo - que representa algo para alguém - o significante é o que representa o sujeito para outro significante. Ao se produzir no campo do Outro, o significante faz surgir o sujeito de sua significação (LACAN, 1964/1988, p. 197). Como no autismo, a operação de subtração primordial - o que faz falta, vivifica - não acontece, não podemos falar de um sujeito nos moldes daquele representado pelo significante. Pois, no autismo é o signo que impera, há um “primado do signo”, termo de Maleval (2012, p. 57) para designar o privilégio dos elementos linguísticos isolados do autista, em detrimento de uma apreensão contextual. Uma consequência disto é a dificuldade do autista de apagar a coisa representada, o que o leva a formar imagens para uma melhor compreensão do contexto. Outro efeito que podemos constatar é a não representação da pulsão, o que desconecta linguagem e afeto, evidenciando uma característica evidente do autismo, a ausência de afetividade.

Prosseguindo, insistimos em trazer Lacan no Seminário ‘De um Outro ao outro’ (1968-1969/2008, p. 21), onde ele afirma que seja qual for a forma em que se produza um sujeito, isto não se dá sem que se produza uma perda de objeto *a* e relaciona esta operação à repetição em Freud. Como já vimos anteriormente, as pulsões encontram-se desreguladas no autista, não se organizaram, as zonas erógenas não foram delimitadas. A consequência disso é que o corpo não adquire forma (Pimenta, 2003). Esta desregulação pulsional se evidencia pela ausência de extração do objeto, operação primária fundamental para que uma falta se inscreva e o sujeito possa se constituir. Assim, ao tentar instaurar essa perda que não se deu no simbólico, o autista tem que se virar com um arremedo de extração do objeto, sendo os objetos autísticos, vitais para alinhavar esse contorno, construir uma borda num corpo que não se efetivou.

Ao abordar os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, entre os quais conta a pulsão, Lacan faz um retorno a Freud, momento em que introduz esse conceito de borda, tão importante para abordarmos a questão do objeto autístico. Levando em conta as vicissitudes que sofre a pulsão durante sua existência, Freud afirma que ela sofre uma força motora (**pressão**) para se satisfazer (**finalidade**) através do **objeto**, determinada por uma **fonte** que a determina. Seriam quatro, portanto, os temas por ele propostos.

No entanto, Lacan vem introduzir aí, um quinto elemento, que seria o circuito. Ele afirma que este conceito de satisfação absoluta em Freud é paradoxal, posto que é impossível de se obter. “O caminho do sujeito - para pronunciar aqui o termo em relação ao qual, só, pode se situar a satisfação - o caminho do sujeito passa entre duas muralhas do impossível” (LACAN, 1964/1973, p. 158), ele diz, referindo-se ao real. Assim, ele discorda de Freud quanto à ideia de que a pulsão se satisfaz apreendendo seu objeto, ainda que seja por alucinação, pois “nenhum objeto de nenhuma *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão”. (Idem, p. 159); não é o leite, mas o seio da mãe que deve ser revisado quanto a sua função de objeto. Nesse sentido, ele fala de *a*, objeto causa do desejo, que a pulsão contorna²⁷, *turn*, é a borda em torno da qual, se dá a volta, e *trick* (truque), volta de uma escamoteação.” (Idem, p. 160).

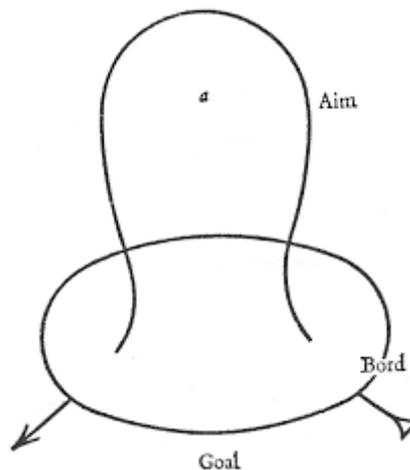
Então, para Lacan, a pulsão é sem pé e sem cabeça, não tem começo nem fim, é uma colagem surrealista, é montagem, uma vez que, para nos reportarmos a ela, temos que recorrer à linguagem. Não é de organismo que se trata, de zonas reduzidas a essa função de satisfação, mas de desejo; a pulsão é essa montagem “pela qual a sexualidade participa da vida psíquica de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente” (Idem, p. 167). Nesse sentido, a função central da pulsão, a satisfação que ela engendra é justamente na medida em que as zonas anexas, conexas, são excluídas e outras tomam sua função erógena, tornam-se fontes específicas para a pulsão. Sexualidade e desejo se integram no corpo enquanto aparelho, tudo se embrulha.

Tomando o termo “reversão ao seu oposto” relativo à pulsão em Freud, Lacan vem nomear de reversão significativa, para dizer de sua importância ao nível de cada pulsão, pois “é o vaivém em que ela se estrutura” (Idem, p. 168), é o seu caráter circular. Para ele, a pulsão atinge sua satisfação sem atingir o alvo, porque mais importante é o caminho (*Aim*), o trajeto, conforme vemos no esquema a seguir. “O alvo tem outra forma, que é o *goal*”, mas é o

²⁷ Aqui, Lacan brinca com a ambiguidade da palavra ‘contorno’ em português que permite falar de dar a volta em torno de algo (*turn*, em inglês) e apresentam homofonia entre ambas.

retorno no circuito. Então, resumindo: há um impulso (*Drang*) na origem que atravessa a fonte (a zona erógena da pulsão que Lacan chamou de borda) e a tensão sempre se dá por um retorno sobre a zona erógena; quer dizer, o sujeito joga o seu laço para nada içar, posto que nunca vai reencontrar o objeto. O que há é a presença de um “cavo, de um vazio, ocupável” (Idem, p. 170) seja por que objeto for. É a esse objeto que Lacan chama de *a* que, longe de satisfazer a pulsão oral, apenas contorna o objeto “eternamente faltante” (Idem, p. 170).

Figura 2: Dialética do Arco de Lacan.



Fonte: Lacan, J. O Seminário, Livro XI, p. 169, 1964.

Com este recorrido, arrematamos este tópico com a importância do objeto *a* para a exploração da clínica psicanalítica, sobretudo neste trabalho, no que tange ao autismo e às afinidades dos autistas aos objetos. Referindo-se ao caso de Joey, de Bruno Bettelheim²⁸, Laurent (2015) traz Lacan e a interpretação que ele dá através da perspectiva do objeto *a*. Diferentemente do autor que dizia que a criança autista - Joey, no caso - procura o inanimado para tentar reduzir o vivo às leis de funcionamento, Lacan sustenta que a máquina de Joey é viva, é um objeto animado, transformado. Laurent demonstra que esta perspectiva nos permite apreender que a aparelhagem do corpo do sujeito com a máquina, vivifica, ao mesmo tempo em que mortifica. Seria esta uma maneira “de introduzir leis num vivo caótico que se rouba, uma maneira de regular a vida” (LAURENT, 2015, p. 105). Assim, o objeto *a* seria uma revolução porque permite apreender que não há oposição entre o diálogo com a criança aparelhada, perdida na máquina, e com a criança que não está. Ou seja, nos dois casos, trata-se de falar com um sujeito através das máquinas e *com* as máquinas, não houve incompatibilidade entre diálogo e máquinas, estas permitem dialogar. Podemos, enfim, aplicar

²⁸ Caso Joey, autista que tinha afinidade com máquinas, relatado em ‘A Fortaleza vazia’, de Bruno Bettelheim.

esta perspectiva aos demais casos relatados das autobiografias, numa tentativa de confirmar nossas hipóteses iniciais sobre a utilidade dos objetos para a aproximação do autista com a vida.

Assim, finalizamos este tópico para adentrarmos, mais específica e diretamente, no tema que sugerimos contemplar neste trabalho dissertativo - o objeto autístico - contemplando sua utilidade e efeito na vida de sujeitos nomeados autistas. Ou seja, o objeto do qual estes se acompanham, que pode ser algo simples ou mais elaborado, mais complexo, mas que capta seu interesse e, como já vimos, tem uma função importante para sua manutenção no mundo.

3 O OBJETO AUTÍSTICO

Enfim, após percorrer este caminho pelas veredas do objeto, tanto na psicanálise quanto em outras áreas, focamos mais diretamente no tema do nosso trabalho de dissertação, que é o objeto autístico em si, apesar de havermos comentado sobre o mesmo sempre que foi oportuno durante o percurso feito até aqui. O que viria a ser um objeto autístico? Como toda teoria, esta também apresenta controvérsias - neste caso, quanto a sua definição e usos - como já foi mencionado na introdução deste trabalho. É lançado, então, o desafio de pensar qual o estatuto desse objeto que o autista elege, que não é da ordem do reencontro, como postula Freud, tampouco se assemelha ao objeto que Lacan aponta como causa do desejo, o objeto *a*.

Retomando nossos desenvolvimentos sobre o objeto, constatamos que, sob o ponto de vista da psicanálise lacaniana, pautado em um raciocínio linguageiro, o autismo se daria como resultado de uma disjunção no processo linguagem-corpo. O primeiro grito da criança - que deveria ser interpretado pelo Outro com fins de facilitar sua entrada na linguagem - cai no vazio. Nesse sentido, podemos supor que é nesse ponto que poderíamos situar um desvio - se assim podemos nomear - no processo que instauraria a linguagem. Em função desta disjunção, o inconsciente estruturado como uma linguagem - tal como Lacan anuncia - não se efetiva nos moldes que vimos apresentando, seja em Freud ou em Lacan, pois, é em uma etapa primeva que se unem objeto *a*/voz e o significante. Este processo não se cumpre no autismo.

Quer dizer, segundo Maleval, o autista não incorpora o objeto vocal que dá lugar ao S_1 ²⁹ que o representaria. Se o gozo não é cifrado no S_1 , não irá representar o sujeito para outro significante e o que vem como resposta é uma “dolorosa cisão entre os afetos e o intelecto” (2007, p. 69). Tudo o mais seria consequência desta cisão. Podemos citar como exemplo, o mutismo do autista que seria, efetivamente, a enorme dificuldade do sujeito em se fazer de enunciador, tornando-se uma “fala sem voz”, como aponta Maleval (Idem, p. 72). É dilacerante para ele, ceder o objeto do gozo vocal ao gozo do Outro. Assim, ele se protege, enclausurando-se no mais profundo silêncio, apesar de haver um sofrimento neste silêncio e um esforço desmesurado para comunicar-se e, ao mesmo tempo, colocar-se em lugar de enunciador. Quer dizer, ele até fala, mas na condição de não dizer, não por em jogo seu gozo vocal, nem sua presença, nem seus afetos (2008, p. 18). A palavra pode interessar ao autista, mas na condição de que ela não seja portadora da voz. Por isso, ele se interessa pela falação vazia e a música da palavra. Ou seja, a verbosidade autística é um exercício que o autista se utiliza para assegurar uma palavra sem voz.

²⁹ S_1 enquanto significante mestre que representa o sujeito para outros significantes.

A partir de depoimentos dos próprios autistas, podemos testemunhar a dificuldade - muitas vezes o pavor - que ele experimenta quando se depara com a fala do Outro ou mesmo com a sua. Sua voz, por não estar submetida à castração, conseqüentemente não falicizada, lhe traz horror e lhe impulsiona a dedicar desmedidos esforços para dela, sumir. Já vimos que para que o processo de alienação significativa se dê, é preciso passar pelo S₁, significativo unário, que representa o sujeito. Como para o autista esta alienação não se opera, a palavra do Outro que deveria representá-lo, lhe chega de forma maciça, intrusiva, pavorosa. É com muita angústia - traduzida em gritos, palavras soltas, impulsos agressivos etc. - que ele consegue sair, muitas vezes, de seu silêncio e ceder algo ao Outro. Mas, é possível. É o que vemos em depoimentos, como: “as pessoas sempre dizem que, quando falo comigo mesmo, minha voz é bem alta, ainda que eu não consiga dizer o que preciso e que, em outros momentos, ela soa muito baixo. É uma daquelas coisas que não consigo controlar”³⁰. Nesse enunciado de um adolescente autista, podemos constatar uma desordem do corpo, quando ele não consegue regular a voz, também efeito da citada disjunção entre corpo e linguagem. Muitas vezes, ele diz que sua voz escapa de sua boca sem que ele controle, como se fosse um reflexo.

Em seu seminário sobre as psicoses, Lacan (1956, pp. 98-99) estabelece uma diferença entre *Verwerfung* e *Bejahung* - termos que ele extrai de Freud - no que se refere à relação do sujeito com o símbolo. Isto se daria num tempo que, mais que cronológico, é lógico, tempo em que a criança está se introduzindo na dimensão do símbolo, seriam suas “primeiras articulações simbólicas” (LACAN, 1956, p. 98). No entanto, ele esclarece que pode acontecer algo de primordial quanto ao ser do sujeito que o impeça de entrar na simbolização. Daí, o símbolo, ao invés de ser recalcado, seja rejeitado e venha a se manifestar no real. Neste caso, trata-se da *Verwerfung*, o que em português traduzimos como rejeição e que Lacan virá a relacionar, posteriormente, com a forclusão, mecanismo determinante da psicose. No entanto, quem está submetido à “*Behajung* pura, primitiva” (aceitação, admissão ou afirmação da representação), segundo ele, terá diversos destinos; seria o caso do recalque e o conseqüente sintoma, evidência de uma neurose. Mas, não à toa, Lacan adverte que “no interior da *Behajung*, acontecem todas as espécies de acidentes. Nada nos indica que a supressão primitiva tenha sido produzida de maneira apropriada” (1956, p. 99). Ele está se referindo à lei da simbolização que tem um papel primordial e fundamental na constituição da subjetividade. No caso do autismo, não podemos falar nem de *Bejahung* nem de *Verwerfung*, pois que não se trata de neurose, tampouco de psicose.

³⁰ Higashida, Naoki. O que me faz pular, p. 29.

Em termos estruturais, Laurent propôs para o autismo, o termo “foraclusão do furo”, para explicar que são crianças para quem nada falta, “pois nada pode faltar. Não há furo e, portanto, nada pode ser extraído para ser posto neste furo - que não há” (2014, p. 80). Esta foraclusão implica, portanto, em uma ausência da falta. Então, se não há furo, não há borda, posto que não houve extração do objeto. A consequência disso é a não constituição de um corpo, o que o autista tenta suprir com artifícios do tipo carapaças de proteção (até mesmo a roupa funciona como envoltório) ou manobras para dar consistência a esse corpo (como pular, mexer as mãos, deambular em excesso).

Esta foraclusão do furo é a fonte da extrema angústia do autista diante de buracos - como portas, no caso de Grandin - ou perdas, como por exemplo, o ato de defecar. Se não há furo, tampouco há borda, posto que a extração do objeto não se operou. Laurent comenta: “no registro do real não há furo, exceto aquele que uma automutilação tenta criar” (Idem, p. 80). Quer dizer, a automutilação seria a única maneira de extrair algo do corpo, solução para abrandar o excesso de gozo invasivo que o ameaça. Baseados nisto e na singularidade da configuração ímpar desta estrutura, Rosine e Robert Lefort (2017) não hesitaram em falar do autismo enquanto uma quarta estrutura subjetiva, afirmação que acatamos em nossa clínica e repetimos neste trabalho. Levamos aqui em conta o que Lacan, no seu primeiro ensino, recolhe das categorias nosográficas, evidenciando três estruturas - neurose, psicose e perversão - excludentes entre si, que, muito mais que um aglomerado de sintomas, dizia da posição do sujeito em relação ao Outro.

No entanto, diante do exposto até o momento, podemos concluir que o autismo não é algo que se inclui no campo do patológico. Muitas afirmações advindas, particularmente do campo da medicina, inserem o autismo no DSM - III (1980) e em sua versão revisada, o DSM-III-TR (1987), definitivamente, como uma entidade nosográfica. Do mesmo modo, afastado radicalmente de qualquer ideia psicanalítica, o DSM-V (1994) sofreu muita influência da farmacologia e do resultado das pesquisas das neurociências. Percebe-se que, com esta patologização do autismo, perdeu-se o sujeito de vista.

Há teorias que conferem ao autista, um lugar de exclusão quanto à linguagem, teoria da qual discordamos, apesar da cisão primária entre linguagem e corpo inerente ao autismo e, com Michel Silvestre (1997, p. 9), podemos afirmar que o autista se encontra nos “limites da linguagem”. Tampouco seria recomendável reduzi-lo a suas determinações bio-psico-sociais, ou seja, “grau zero” de indivíduo. Com esta afirmação, corroboramos com a ideia de que o autismo não é uma doença nem uma patologia que deve ser tratada, medicada. Aqui, entramos no mérito do capitalismo que, em conjunção com as políticas da saúde mental, prescrevem

medicações, cada vez mais avançadas e de primeira linha, também para o autismo. Para “tratar” o quê?

Um dado já constatado sobre os autistas é que eles se apresentam mais íntimos dos objetos do que das pessoas, conforme vimos a partir de alguns exemplos citados. Também já mencionamos a função de inclusão de alguns objetos que têm a função de inserção em um laço social. Então, como complemento, trazemos Pimenta e sua afirmação de que “ser um objeto, aderir-se a um, transitivamente, é a posição do autista” (2012, p. 170). Ela se refere a estas escolhas que fazem alguns autistas por determinados objetos, recurso que tem significados diferentes, ímpares, com funções específicas para cada um, singularmente. Assim, apesar de toda a controvérsia criada em torno do uso destes objetos, percebemos - a partir do depoimento dos próprios autistas - que estes não são eleitos à toa, mas, ao contrário, são de um auxílio fundamental na sua defesa e na criação de laço social, dois fatores importantes que contribuem ostensivamente para que os autistas se (re)conectem e se mantenham no mundo de uma maneira, minimamente, suportável.

Quanto aos objetos, Maleval os classifica em simples e complexos. Os objetos simples foram observados por Tustin como estabelecendo uma função transitivista com a criança, uma colagem, e são objetos “duros e tesos”, segundo ela (PIMENTA, 2012, p. 170). Essas características estão presentes nos objetos escolhidos porque estes não se diferenciariam do corpo do autista, que são, eles mesmos, destituídos de maleabilidade, são dominados por uma sensação de dureza, de rigidez. Mas, ao mesmo tempo, Maleval lembra que não podemos contestar que há autistas que escolhem outros objetos de texturas mais tenras e que tenham movimento, são dinâmicos, como piões, ventiladores, carrosséis (como a fixação de Grandin quando criança), objetos animados. É importante frisar que, sejam eles duros ou maleáveis, os objetos simples estariam a serviço de uma “sensação autoproduzida, engendrada pelo próprio corpo” (PIMENTA, 2012, p. 170), ou seja, causam satisfação. Seja qual for sua forma, é inegável que esta preferência possibilita um tratamento à imagem do corpo, pois faz barreira ao mundo externo e defende o autista da angústia. Mas, ao mesmo tempo, vivifica o corpo mortificado do autista, concede-lhe um certo dinamismo, quando se oferece como borda para um retorno de gozo. Para complementar, cito Maleval: “caso participe de uma ilha de competência, [o objeto simples] torna-se um objeto autístico complexo, cujas ramificações conseguem, por vezes, estender-se até o campo social” (2017, p. 169).

Assim, como é possível perceber, os objetos complexos são objetos simples que, aliados a uma competência do autista, estabelece uma ponte com o mundo e, em alguns casos - como já citamos e prosseguiremos citando com casos - engendra uma vida social, que pode

desembocar numa profissão que dê autonomia, inclusive financeira, ao sujeito. Eles diferem dos objetos autísticos simples porque, ao invés de gerar um gozo auto-erótico, no próprio corpo, servem de borda para circunscrever o gozo excessivo que invade e ameaça o autista. Quer dizer, os primeiros promovem isolamento, enquanto os segundos abrem para uma realidade e uma vida social. E, de alguma forma, há um saber do autista sobre as benesses que um objeto pode lhe proporcionar, haja vista a insistência de Grandin, desde uma idade tão precoce, em inventar uma máquina que lhe podasse o incômodo excesso de excitação no corpo.

Para melhor explorar o objeto autístico, consideramos de fundamental importância colocar acento no conceito de “borda”, que Éric Laurent (2014, p. 78) tomou emprestado de Lacan. Equivalente à carapaça de defesa do autista, a borda constituiria uma barreira - “uma neobarreira” para Laurent - que lhe dá condições de defender-se das manifestações do Outro. Trabalhando com crianças psicóticas e autistas, ele percebeu que diferentemente da psicose (na paranoia, o retorno do gozo se dá no Outro; na esquizofrenia, há retorno no corpo), o retorno do gozo no autismo se dá numa borda. Então, para ele a borda é “uma zona fronteira, possível de ser transposta, é o lugar onde contatos e trocas podem acontecer” (Idem, pp. 79-82). Partindo dessa definição, ele afirma que o próprio corpo do autista é uma neo-borda, visto que ele circunscreve o limite do seu espaço, delimita e impede a aproximação do Outro.

Ao mesmo tempo, Maleval toma emprestado de Donna Williams um termo - “disjuntor” (2017, p. 124) - e esclarece que a borda constituiria uma espécie de disjuntor³¹ que controla o excesso de gozo no corpo que tanta angústia causa ao autista. Ele dá exemplos como o de Grandin que denominava a sua vivência de excesso como “excitação nervosa” ou as alterações de humor de Donna Williams, que também definia a vida emocional do autista como algo sempre prestes a transbordar. Para definir este estado, ela dizia: “o termostato afetivo é demasiado sensível ou, como queiram, seu limite de sensibilidade é demasiado baixo e o disjuntor cai rápido demais” (Idem, p. 124). Então, o autista evita a todo custo o gozo sem sentido que lhe invade o corpo. Daí, a criação de uma borda quando toca o sinal de alerta, com o intuito de separar “seu mundo tranquilizante e controlado do mundo caótico e incompreensível” (Idem, p. 124), delimitando, assim, um espaço onde ele se preserve e se

³¹De acordo com definições da Engenharia Elétrica, disjuntor é um dispositivo mecânico com desarme automático que é acionado quando o mesmo recebe uma corrente elétrica de sobrecarga ou curto-circuito. Foi desenvolvido com o objetivo de proteger os elementos existentes no circuito caso ocorra uma corrente de pico maior suportado pelo mesmo.

mantenha a salvo. E Maleval acrescenta: “quando a borda é débil, malformada ou destruída pelo entorno, o sujeito tem a sensação de ser objeto de um gozo maligno” (p. 126), o que detona experiências de violência, como automutilação, despedaçamento e urros.

Desse conceito de borda, Laurent deriva um outro, as ilhas de competência que, juntamente com a imagem do duplo e com o objeto autístico, consistem nos ingredientes que compõem a borda e concorrem para a estabilização e calma do autista. As ilhas de competência - equivalentes às “ilhas de capacidade” de que fala Zack (1995, p. 259) - seriam correlatos das fixações, obsessões, afinidades, ou como se queira denominar, as capacidades intelectuais de cada autista, algo que capture sua atenção, para dar conta do excesso de gozo que ameaça. É frequente tomarmos conhecimento sobre crianças autistas que se interessam de maneira insistente por coisas incomuns como números, cores, calendários, plantas, animais, horários fixos, desenhos, bonecos, desenhos animados, filmes (ou algum elemento ou cena de um filme), objetos e até mesmo leituras de artigos científicos sobre um determinado tema, etc. Estas afinidades constituem o que se conhece como as ilhas de competência, que podem, além de acalmar, “abrir as portas para o social” (MALEVAL, 2017, p. 201). Caso persistam, concorrem, inclusive, para orientar o sujeito autista rumo a uma profissão, como é o caso de Tammet e sua afinidade pelos números e letras, ou Grandin, com seu brete.

E o que chamamos de duplo do autista? Talvez possamos afirmar que é outro recurso para inventar um corpo, uma borda fora do corpo para suprir essa deficiência. Para Maleval, o duplo “se impõe para o sujeito como uma estrutura privilegiada para sair de sua solidão” (2017, p. 128). O autista situa o gozo excessivo no duplo, desviando-o, transformando-o, amenizando-o de forma a poder suportar e no duplo, se apoiar. Isto reforça nossa menção anterior de que - diferentemente dos casos de psicose - o duplo do autista é sempre apaziguador. Além disso, o autista toma emprestado, muitas vezes, a enunciação do seu duplo e dele se apodera, constituindo o que Maleval chamou de “enunciação artificial” (Idem, p. 135), posto que não é autêntica como seria, caso tivesse havido primordialmente, a junção fala/corpo. Um exemplo característico - e extremamente rico - desta manobra é o caso de Owen Suskind, autista que fez de personagens de filmes de Walt Disney, duplos eficazes em lhe dar voz, de forma que lhe foi possível voltar a falar. Após quatro anos de silêncio, os pais de Owen perceberam que ele via os filmes para entender o mundo. Também encarnando personagens, os pais - numa parceria incansável com o filho - passaram a encenar as histórias dos filmes, reproduzindo cenas e diálogos com ele. “É quase como se não houvesse autismo”, disse o pai sobre as encenações. Owen não interpretava tão bem quanto eles; interpretava *melhor*, segundo eles. (2017, p. 66) A partir desse avanço do filho, todos da família

representavam trechos de dezenas de filmes - “cenas de alegria, de duelo, de bobagens” (Idem, p. 66) - e passaram a conversar com regularidade através de diálogos da Disney. Este procedimento é comum entre os autistas. Eles se “apagam” e falam “por procuração” (Maleval, 2017, p. 133), ou seja, não são eles que falam, mas seu duplo. Assim, além de se protegerem do desejo do Outro, eles evitam a imposição de ter que habitar a sua fala.

Da mesma forma, Donna Williams³² criou dois amigos imaginários: Willie e Carol. Willie “era apenas um par de olhos verdes luzindo na obscuridade” (1992, p. 39), a quem ela decidiu tratar como amigo, apesar de temê-lo. Willie era sua “encarnação exterior [...] uma criatura de olhar flamejante de hiena, de boca apertada e punhos cerrados”, que chutava e cuspiam quando contrariado. E Williams pagava o preço. Mas, foi através dele, que Williams pôde, aos três anos, “entrar em relações com o mundo exterior” (Idem, p. 39). Ademais, foi ao tornar-se Carol que ela aprendeu a se comunicar, saiu do isolamento, porque “Carol falava com as pessoas” (Idem, p. 40), as pessoas gostavam de Carol.

Abrimos aqui um aparte para pensar que tipo de relação seria possível de estabelecer entre os objetos autísticos e os objetos mitológicos anteriormente evidenciados. Vimos que a própria natureza selvagem e combativa dos deuses confere uma vinculação entre o objeto que carregam em mãos e sua relevante e imutável função simbólica é o que os representa. Não é o caso do autista que - apesar de também ser um “guerreiro” - trava um outro combate, sua luta é contra seu Outro ameaçador. Além disso, seu objeto não lhe representa, mas lhe serve muito mais de “escudo” contra o que lhe invade. Mas, ao mesmo tempo, pode servir de ponte, cerzindo o abismo aberto entre ele e o mundo.

No rol de tentativas de tratamento para os autistas que temos conhecimento na atualidade, algumas práticas educativas existentes procuram integrar o autista ao mundo, para que eles tenham independência na vida adulta, possam trabalhar, produzir, consumir. São práticas e métodos baseados em treinamentos que - desconsiderando os objetos eleitos e suas funções - desprezam a possibilidade de produção de um sujeito ao encontro de um significante que lhe abra uma via para a escrita de uma história pessoal. É evidente que não se pode abrir mão de uma boa educação - qualquer que seja a estrutura - mas também não se pode restringir apenas a ela, pois há uma vida em jogo. Grandin é uma defensora contumaz do uso das fixações em objetos como meio de tratamento, ainda que os terapeutas se oponham, pois, por sua própria experiência, ela sabe que “concentrando-se na fixação, elas [as crianças autistas] conseguem bloquear outros estímulos com que não são capazes de lidar” (1999, p.

³² Autista de alto nível que comentaremos mais detidamente a seguir.

109), quer dizer, “tem a ver com a necessidade de reduzir a excitação de um sistema nervoso superativo”.

Considerando os comentários que tecemos sobre o autista viver imerso em um mundo só dele, que ele não percebe nem sente todo o resto, mas também sobre a inexistência de sujeito no autismo, testemunhamos neste trabalho e em nossa prática que os autistas, com seus autismos - que são vários e ímpares - dão respostas que vão na contramão ao que chamamos de “padrão”, apesar de serem rotulados por um diagnóstico que os limita e da roupagem ilusória de amplitude sob a denominação de “espectro”. Em contrapartida, para além das controvérsias existentes no campo teórico e prático, a psicanálise se dispõe a um trabalho diferenciado, antecipando, assim, nos autistas, “sujeitos” que para muitos não existem.

Como já inferimos, a psicanálise considera que o autismo não é uma patologia, mas uma maneira de estar no mundo. Com isso, confirmamos que não há o que “tratar”, mas sim o que apreender, o que captar, o que extrair, num trabalho minucioso, rigoroso, numa aposta que um mínimo de subjetividade possa ali, advir. E é apenas preservando a singularidade, cada autismo na sua particularidade e a maneira como cada sujeito escolheu para regular a ação e os efeitos da palavra que lhes causam tanto mal, que é possível contribuir nas suas escolhas de retificação de sua relação com o mundo do qual ele se defende. Assim, longe de investir numa normatização, exclusivamente numa pedagogia ou até mesmo em práticas eminentemente educativas, nossa proposta enquanto psicanalistas tem sido mobilizar o autista, colocá-lo a trabalho e, enquanto parceiros dessa empreitada, agarrar toda e qualquer produção que ocorra. Ainda que a princípio a criança não apresente nenhum objeto, nenhuma escolha, que não fale, que rejeite todo e qualquer contato, com a psicanálise, a ideia é que é preciso esperar. A psicanálise, por consistir numa clínica orientada pelo real, a aposta do analista é, dentro do tempo e da maneira de cada um, tratar esse real esmagador, mantendo-se um pouco à margem, sem demandas diretas, sobretudo de melhorias e/ou retificações. E seguir, dia após dia, apostando que algo possa acontecer nessa relação, num processo de elaboração de uma produção singular, permitindo-lhes uma mínima inscrição que seja em um laço social. Longe de dissolver uma possível subjetividade com artifícios ou práticas que esmaguem o autista, a ideia é ultrapassar as propostas das ciências, numa perspectiva que ouse ir além de um diagnóstico, de medicamentos ou de treinamentos educativos. É esse o lugar da psicanálise, visto que apesar do direcionamento do tratamento se pautar no singular de cada sujeito, se faz necessário uma teoria, na qual possa ser dada uma orientação nesse percurso (PIMENTA, 2003).

O objeto dito autístico, portanto, entra nesse circuito de peculiaridades de produção de cada criança, lhe acalmando, pois que serve de borda para circunscrever e frear o gozo, mas também como proteção contra o Outro, fonte de angústia e medo. Não podemos esquecer da importante função que tem o objeto, de permitir ao autista, abrir-se para o mundo. O analista, por sua vez, busca reconhecer o valor de cada descoberta, cada passo dado, cada indício, cada pista, num trabalho de suporte onde o autista possa, lançando mão daquele objeto que escolheu, traçar caminhos, fazer buracos, instituir faltas, abrir portas, ainda que se protegendo, ainda que titubeando em seu mundo caótico, recuando diante do Outro, num vaivém vacilante. Nesse sentido, quer seja o analista, pais ou cuidadores e professores, é preciso interpretar o objeto autístico muito mais como instrumento de trabalho do que como uma ameaça que se repete, algo que precisa ser extirpado a todo custo, num *automaton* que mortifica.

E por falar em pistas, para concluir este tópico, trago Suskind (PERRIN, 2015, p. 27), pai de Owen, autista que escolheu personagens de filmes e desenhos animados da Disney como objeto para refazer seus laços antes perdidos. Suskind relata sobre as pistas que esta afinidade do seu filho lhes deu para que fosse possível uma (re)aproximação entre eles: “esta sua paixão, muito tempo considerada pelos pesquisadores e clínicos como ‘obsessão redutora’ - algo a ser erradicado ou transformado numa ferramenta comportamental grosseira - parecia muito mais uma via de acesso do que uma prisão” (Idem, p. 27). Foi por isso que os pais, em lugar de forçar o filho a entrar no mundo deles, permitiu que Owen os arrastasse para o seu (Idem, p. 27). A leitura que o pai fez do movimento de Owen é que ele havia descoberto esquemas e verdades profundas e “descobriu nosso DNA em todos os grãos de areia e flores silvestres evocados por Blake”³³ (Idem, p. 27).

Cientes de que o objeto constitui, em si mesmo, uma tentativa terapêutica para o autista, entramos no tópico seguinte, na fonte que nos forneceu o material para o trabalho - as autobiografias - localizando em cada uma, objeto(s) elencado(s), apontando sua utilidade de transição entre espaços nunca antes alcançados e oferecendo-lhe uma continuidade e oportunidades de intercâmbio com o mundo.

3.1 O objeto em Daniel Tammet

Os números são meus amigos, eles jamais estão longe de mim.

³³“Ver um mundo em um grão de areia e um céu numa flor selvagem é ter o infinito na palma da mão e a eternidade em uma hora”, frase de William Blake de ‘Augúrios da inocência’.

(Daniel Tammet)

Para iniciar nosso trajeto rumo ao objeto eleito pelos autistas e nomear os elencados nesta pesquisa, escolhemos nos centrar inicialmente em Daniel Tammet, autista de alto nível que desde uma idade muito precoce aferrou-se a números e cores, como descreveremos a seguir. Traremos, inicialmente, alguns dados de sua vida para adentrarmos no ponto que nos interessa e que já vimos perseguindo: o objeto autístico.

“Dizem que a chegada de uma criança muda tudo e, sem nenhuma dúvida, meu nascimento perturbou a existência de meus pais – para sempre”, afirma Tammet (1966, p. 27). Filho primogênito do casal, não correspondeu em nada ao que os pais esperavam, segundo ele, pois chorava sem parar, não dormia, nenhuma forma de acalanto o apaziguava. Aos dois anos, começaram os movimentos repetitivos, balançava o corpo para frente e para trás, metia a cabeça na parede, tinha crises violentas de cólera, gritava “a plenos pulmões” (p. 31). Não havia maneira de acalmá-lo. Mas, ainda que o quadro perdurasse, com um ano já andava e pronunciava algumas palavras, por isso, duvidavam do seu autismo. Mormente, seus pais não queriam que ele fosse um caso à parte, apesar de tudo e, quando amigos e familiares questionavam sua conduta, os pais diziam que ele era “tímido” e “sensível”. Mas, sobretudo, queriam que ele fosse feliz, tivesse boa saúde e fosse capaz de levar uma vida normal.

Como tantos outros autistas, Tammet apresentava preferência por alguns alimentos (cereal, pão e leite) e tinha “um apetite de passarinho”. Frequentou o berçário aos dois anos - sua “primeira experiência do mundo exterior” (p. 32) - mas lá se isolava, era tido como “uma criança em seu mundo” (Idem, p. 32). Tinha dificuldades para dormir por causa de pesadelos e reivindicava a cama dos pais, além de um coelho vermelho, todas as noites. Não gostava de barulho – incomodava até o som das páginas dos livros passando - fazia pilhas e pilhas de livros no quarto, era aficionado por buracos, gostava de rodar no carrossel (experiência que lhe dava enorme prazer), não gostava de ser tocado (causava-lhe terror), tinha obsessão por coleções. Sentia-se muito só, um de seus maiores entraves era estabelecer contato social e olhar nos olhos de alguém. Tais particularidades não diferem do que é relatado em outras histórias de autistas. A diferença que se pode destacar são os aparatos de cada um para amenizar o sofrimento, inclusive a solidão, tão patente nesses casos.

Em “Nascido em um dia azul”, seu primeiro livro, Tammet esclareceu que desde sempre, teve uma “experiência visual e sinestésica” dos números, os quais considerava “sua língua materna” (Idem, p. 17). Era através dos números (suas imagens) que ele pensava e sentia. Com este recurso, ele podia parar e gerenciar a situação, qualquer que fosse ela. Quer

dizer, apegar-se aos números constituía a sua borda de captação do gozo invasivo que lhe causava muita agitação. E com esses componentes da borda, com seus objetos eleitos, ele conseguia transpor obstáculos que sua condição de autista lhe imputava e lhe abriu para o social, para a vida. Desse modo, ele driblava sua dificuldade de compreender ou reagir às emoções dos outros, recorrendo aos números.

Na falta do significante que lhe ordene a vida, “o ideal do autista consiste numa codificação do mundo pelo signo” (MALEVAL, 2017, p. 200), ou seja, a saída estratégica se dá pela via do signo que orienta. Assim, ao contar, os números - signos - lhe suscitavam imagens e formas sólidas e tranquilizadoras. Ele assim definia a experiência: “quando o estresse é muito importante e eu mal consigo respirar, eu fecho meus olhos e conto. Pensar nos números me apazigua. Os números são meus amigos, eles jamais estão longe de mim”. (2007, p. 10). Esta manobra incluía numerar cenas descritas por outras pessoas para poder sentir-se próximo delas, único recurso que possuía para compreendê-las.

Outro exemplo de si que dava Tammet: com a leitura de um artigo sobre alguém intimidado por algo, ele se imaginava ao lado do número 9. Se alguém lhe falava sobre um lugar bonito que visitou, ele associava a paisagens numéricas, de maneira que se mostrassem bonitas para ele. Só assim, lhe era possível captar o que lhe descrevia seu interlocutor. Era sua maneira de pensar por imagens, característica frequente nos autistas, para compreender o entorno.

Laurent comenta sobre o estilo de escrita de Tammet que, apesar de elegante, não tem diálogos nem humor. Perde-se em detalhes, sobretudo quando aborda suas paixões, como acontece com a estrutura da linguagem, pois “seu cérebro decompõe tudo em elementos concretos e tangíveis” (2014, p. 75), ele descreve. Nele, é tudo muito pragmático, abstrato, “portanto, indizível” (Idem, p. 75), acrescenta Laurent. Quando iniciou seu livro ‘Nascido em um dia azul’, já no primeiro capítulo que se intitula ‘Os 9 são azuis, as palavras, vermelhas’, ele escreveu:

Nasci em 31 de janeiro de 1979. Uma quarta-feira. Eu sei disso porque, no meu ponto de vista, o 31 de janeiro de 1979 é azul. As quartas são sempre azuis, da mesma forma que é azul o número 9 ou o barulho de uma briga. Eu gosto da data do meu aniversário porque quando eu visualizo os números que a compõem, eu vejo suas formas suaves e redondas, como seixos em uma praia” (TAMMET, DANIEL, 2006, p. 9).

Observando atentamente suas experiências, podemos constatar que se trata de números primos - 31, 19, 197, 97, 79 e 1979 – aqueles números naturais que só são divisíveis por eles mesmos e por 1, pelos quais Tammet tinha uma enorme afinidade. E, por mais bizarro que

possa parecer, esta sua impressão imediata de “seixo” é o que lhe permite reconhecer cada número primo até 9.973: “é assim que funciona meu cérebro” (Idem, p. 9), esclarece.

Para ele, o 1 é branco e brilhante, como o feixe de uma lâmpada diretamente nos seus olhos. O 5 é como uma trovoadas ou são ondas que batem nos rochedos. O 37 é granuloso como o mingau, assim como o 89 lembra a neve que cai. Sempre calculando de cabeça, Tammet não utiliza a escrita para fazer cálculos, pois lhe é muito fácil visualizar as respostas. Quando se trata de uma multiplicação, vê os números e suas formas distintas. “É como fazer matemática sem pensar nela” (Idem, p. 14), ele explica. As formas diferem de acordo com as operações. Da mesma maneira, segundo os números, ele experimenta sensações e sentimentos distintos, pois tem respostas visuais e, por vezes “emocionais”, para cada número até 10.000.

Assinalamos um destaque para os números primos, a que tão frequentemente os autistas apresentam afinidades, mesmo aqueles que não tem nos números, uma maior competência. A solidão e o caráter de unicidade destes números provocam fascínio, pois, ainda que sua natureza de infinitude lhes cause inquietação, remetem a uma ordenação do mundo, tão buscada pelos autistas, servem como “baliza fascinante”, segundo Maleval (2017, p. 206). Exatamente, por não poderem ser decompostos, os números primos parecem ser fundadores, fixos, imutáveis. São, portanto, signos, que prevalecem para o autista na ausência do significante. Relacionando-se com eles, não é preciso enfrentar o desencontro inerente à linguagem na relação com o Outro. Para Maleval, os números primos revelam dois tipos de signo: os compostos, que repousam nos números primos, que os engendram; e os indecomponíveis, que surgem *ex nihilo*, do nada e, por isto, tem afinidade com o significantemente, que constitui o elemento base da linguagem. Eles são diferentes porque os indecomponíveis não têm a ver com o simbólico, mas com uma cifração do gozo do sujeito. Quer dizer, seria um signo primordial que se basta a si mesmo, é unívoco, não se decompõe.

Especificamente, para Tammet, os números primos provocavam sensações fortes, particulares, “como se de repente, eu fosse picado por alfinetes ou agulhas”, ele afirma. Fechando os olhos, ele conseguia ver com “os olhos do espírito” (2007, p. 19), a beleza notável dos números primos, beleza que ele contemplava obstinadamente, com ênfase na solidão e na diferença radical entre eles. A consequência disto era apaziguamento, tranquilidade, calma, pois, ao evocar estes signos primos, o simbólico é suturado, fecha-se toda e qualquer hiância que surja no saber, tão desconcertante para o autista.

Com estes relatos, estamos falando sobre o objeto escolhido por Tammet na sua trajetória de vida autista, com todas as suas vicissitudes, para dar um tratamento ao que lhe apavorava: os números. Para ele, cada número tinha uma forma completa, com cor e textura e,

ocasionalmente, movimento; e cada forma tinha um significado. Significado este que podia ser pictográfico³⁴: por exemplo, 99 era azul marinho, a cor de um céu de tempestade ameaçadora, com uma textura frisada e um esvoaçante e giratório movimento para baixo que ele entendeu como “neve” ou, mais amplamente, “inverno”. Toda essa imagem foi construída quando Tammet, aos sete anos, viu a neve pela primeira vez, da janela do seu quarto. O pensamento que lhe ocorreu foi “99”, pensamento que cruzou fortemente sua mente e o levou a deslizar para um outro pensamento: 979. Assim, a cena da janela lembrava 979, o brilho e a beleza do 11, expandindo, literalmente multiplicando 89 redemoinhos de inverno³⁵. Para ele, isto foi comovente, pois, primogênito da família, havia nascido em um janeiro de 1979 - como já mencionamos - em meio à neve, como ele tanto enfatiza. E toda vez que a neve caía, parecia que vinha com significados particulares muito intensos.

Como um poeta que associa certas palavras, Tammet fazia combinações numéricas e considerava algumas mais bonitas que outras. A isto, ele chamava de “dimensão estética de sua sinestesia” (2006, p. 15) que, segundo ele, tinha um lado bom e um lado ruim, pois há combinações que lhe fazem mal, segundo sua descrição. Ele ainda relatava que antes de dormir, sentia como se sua alma se enchesse de uma luz brilhante e ele não via nada além dos números - centenas e milhares deles - que passavam rapidamente diante de seus olhos. “É uma bela experiência que me apazigua” (Idem, p. 17), afirma Tammet.

Da mesma forma, os calendários também faziam parte do arsenal de defesa de Tammet, por causa dos números e formas que ali se encontram e pela própria previsibilidade dos números, pois que são fixos, imutáveis. À cada dia da semana, ele atribuía cores e emoções distintas. Assim, as segundas eram de cor quente enquanto as quintas eram fofas (p. 18).

Ao mesmo tempo, constatamos com seus escritos, que Tammet recorreu às diferentes cores para diferenciar os nomes, os verbos e os adjetivos, o que lhe deu acesso a uma introdução eficaz à gramática (p. 275). Àquilo que os médicos denominam de ‘sinestesia’ - uma confusão neurológica de sentido, muito rara, de ver números e letras coloridas - ele chamava de “minha experiência visual e emocional com os números e palavras” e pôde fazer desta sinestesia, um bom uso. Entre tantos outros feitos que Tammet alcançou, o mais genial foi recitar publicamente a constante *Pi* para 22.514 dígitos, façanha que durou mais de cinco horas de forma ininterrupta, o que lhe deu bastante notoriedade entre os matemáticos.

³⁴ A pictografia é um sistema primitivo de escrita em que se exprimiam as ideias por meio de cenas figuradas ou simbólicas.

³⁵ (11 x 89 = 979).

Com o apoio dos pais - que Tammet reconhece e a este suporte atribui o seu sucesso na vida - ele frequentou a escola, onde, ancorado em sua fixação por números, passou a se destacar. “Matemática era, naturalmente, uma das minhas matérias favoritas” (2006, p. 129), distinção que lhe conferiu respeito entre os colegas, apesar de suas bizarrices. No entanto, ele gostava também de história, estatística, educação física e línguas, matéria que lhe deu notoriedade e um impulso para buscar um intercâmbio de um ano na Lituânia, no leste europeu, um país recém-libertado da União Soviética. Lá, ele deveria dar aulas de inglês aos jovens. Foi lá também que ele aprendeu a cozinhar, morar sozinho, teve amigos e descobriu o seu dom para as línguas, quando facilmente aprendeu o lituano. Para ele, o intercâmbio foi o seu maior desafio, mas ele sabia da importância desta vivência para adquirir sua independência. Mas, a língua inglesa, na qual ele não se reconhecia, apesar de ter lhe transformado em “um estrangeiro”, também fez dele um escritor, foi “o mais fiel historiador” de sua metamorfose (2017, p. 17), pois ele nunca abandonou o idioma em seus escritos.

Depois da experiência do intercâmbio, não foi difícil aprender outras línguas, incluindo o espanhol que aprendeu em uma semana. Ademais, criou sua própria língua - o Mänti - e aceitou o desafio feito por uma cadeia de TV, de aprender o islandês - a língua mais difícil do mundo - em apenas uma semana e diante das câmeras. Ele declarou: “a relação que eu tenho com as línguas é uma relação estética: algumas palavras e certas combinações de palavras me parecem particularmente belas e me estimulam”. (2006, p. 204).

Como estamos acompanhando, tal como outros autistas, Tammet também recorreu à escrita para descrever o seu autismo de maneira detalhada. Ele consegue esmiuçar muito profundamente sobre as manobras que utilizou frente à ausência do significante que lhe serviria de norte para um funcionamento linguageiro em direção ao Outro e ao mundo, apesar do mal-entendido que a linguagem comporta. Este mal estar com a língua é evidenciado no poético título de seu mais recente livro, “Toda palavra é um pássaro que nós ensinamos a cantar”, numa demonstração clara da difícil relação do autista com a linguagem e com a fala, incluindo a sua.

Como assimilava melhor a imagem do que a palavra, Tammet fazia correspondências interessantes e até engraçadas entre as coisas e seus nomes. Por exemplo, uma framboesa seria, ao mesmo tempo, uma palavra e uma fruta vermelha (*red*) (2017, p. 21). Ao contrário, ele pensava que há palavras que não correspondem ao que elas designam. Mesmo assim, perceber as cores e texturas de cada palavra o permitia memorizar melhor fatos e nomes. Por exemplo: ao encontrar alguém pela primeira vez, ele associava o nome a cores com o único objetivo de memorizá-los. Desta forma, os Richard eram vermelhos, os John eram amarelos e

os Henry, brancos. Dessa forma, Tammet associava diferentes cores e emoções de cada palavra e de cada significação para lhes injetar vida, pois quando lia ou pensava numa palavra, ele via imediatamente sua cor que evocava sua significação. Graças a estes recursos a que recorreu desde a sua infância, ele desenvolveu várias ilhas de competência, incluindo seu talento especial com as línguas estrangeiras, ao atingir fluência em 10 línguas.

Anos antes dos médicos lhe informarem sobre seu autismo de alto funcionamento e a desconexão que isto causava entre homem e linguagem, Tammet relatou que teve que descobrir a palavra, da melhor maneira que pôde. Ele se definia como um “desajuste”, pois descobriu que “o mundo era feito de palavras”, mas, ele pensava e sentia e, algumas vezes, sonhava, com uma linguagem privada de números (2017, p. 3). E foi a partir daí que Tammet mergulhou fundo neste universo e criou a sua gramática de números. Ele conta que quando criança, em uma de suas tentativas iniciais para ler, aconteceu-lhe algo “inusitado”, um “choque de alegria” lhe atravessou. Espontaneamente, ele conseguiu ler *lollipop* (pirulito), mas de uma maneira bem peculiar: 1011ipop. Para ele, foi a coisa mais bonita que havia visto até então: metade número e metade palavra.

Neste seu mais recente livro³⁶, Tammet se pergunta, bem freudianamente, se o vocabulário é destino. Já no capítulo inicial, ele buscou “encontrar a sua voz”. Mas, lacanianamente talvez, ele disse que “apesar do inglês ser a língua de seus pais, a língua na qual ele cresceu e foi escolarizado, nunca se sentiu pertencendo a ela. “Eu aprendi a língua materna conscientemente, muitas vezes de forma confusa, como se minha mãe fosse estrangeira para mim e sua única língua, a minha segunda” (2017, p. 3), ele completa.

Neste novo livro, Tammet faz um tour pelo mundo das palavras, como se as quisesse franquear, conferir-lhes veracidade ou até mesmo dar-lhes contorno, circunscrevê-las. Assim, ele passeia por línguas “mortas” como o Esperanto; fala com carinho e admiração de um poeta australiano, autista de alto funcionamento, em quem se inspirou para ser um escritor; no México, com os “Nauas” (indígenas nativos), aprende mais sobre o poder dos sons das palavras; conhece no Canadá, um dos mais conhecidos leitores de lábios do mundo; conversa com chatbots, esses computadores que simulam vozes humanas; empreende um estudo acurado do que seria uma gramática do telefone; cria um ensaio em lipogramas, que são escritos onde se retira vogais para torná-los mais difíceis... Enfim, de maneira que consideramos bela, até alegre e divertida – discordando de Laurent que confere uma certa dureza à escrita de Tammet - ele empreende uma caça a um tesouro de palavras e se aproxima

³⁶ Tammet, D. Every word is a bird we teach to sing.

de seu conteúdo de forma que talvez nenhum linguista (ou até outro ser humano) o tenha feito e faz um bom “encontro com os mistérios e significados da língua” (sub-título do seu livro).

Finalmente, testemunhamos com estas passagens da vida de Tammet, que suas invenções e um bom uso de sua sinestesia - suas ilhas de competência - fizeram dele, um escritor famoso, ensaísta, romancista e tradutor, profissões que lhe deram independência e auto-sustento até a atualidade e lhe deram condições de “avançar no mundo, de fazer sozinho, coisas que a maioria das pessoas autistas considera difícil: viajar de repente, ficar só em um hotel, andar nas ruas animado sem ter o sentimento de ser dominado pelos diferentes olhares, barulhos e odores” em torno dele. (2017, p. 265).

Sua obra é um testemunho perspicaz de que não é possível ter um prognóstico para um autista, logo em sua primeira infância. A dele, tão difícil e conturbada, plena de gritos, choros contínuos, crises, até convulsões; acrescidos depois, de isolamento, movimentos repetitivos, automutilações, solilóquios, ataques de cólera, alimentos seletivos, pesadelos, obsessões... nada disso foi definitivo nem determinante. Apesar de tudo, apesar do seu autismo - ou por causa dele - alicerçar sua vida numa escrita dedicada e em seus estudos de matemática lhe conferiu uma compensação que lhe permitiu expandir sua percepção do mundo, dos outros e dele mesmo.

Certamente, se tivessem dito aos seus pais quando ele era criança, que ele iria ser independente, que teria uma vida amorosa ativa e satisfatória, além de uma profissão que lhe conferisse o sustento e uma vida confortável, eles não acreditariam, afirmação do próprio Tammet. No entanto, ele é na atualidade, considerado um gênio das matemáticas e um expert nas línguas, mas, sobretudo, alguém com quem, a cada palavra, aprendemos a contar e cantar o autismo.

3.2 O Objeto em Temple Grandin

O brete era algo em que acreditava e que construí. Estava aprendendo a me controlar no brete e não, resistir à pressão. Sempre que eu conseguia aceitar a pressão e relaxar, ela me acalmava e reconfortava.

(Temple Grandin)

Temple Grandin, em sua autobiografia, contou “uma história fascinante sobre como as crianças autistas percebem e reagem de forma incomum ao mundo estranho que as cerca” (1999, p. 21). Aos quarenta anos - época em que escreveu o livro - ela era mais uma autista de

alto rendimento que se descreveu como uma “prova viva” (Idem, p. 18) de que características do autismo podem ser modificados e controladas. Para isto, tomou como base, sua história de superação e retificação daquilo que, a princípio, era apenas um caso de “uma menina estranha”, de uma “caxias obcecada” ou “uma maluca que batia na cabeça das outras crianças”, como ela mesma se define (Idem, p. 17).

Em seu livro, ela escreve sobre seus descompassos e desencontros com o “estranho” mundo que a cercava, descrevendo com precisão e suavidade - apesar do peso que era para todos - seus medos, dificuldades de compreender emoções, palavras, rostos, ritmos, afagos, da defasagem entre os lados (esquerdo e direito) do corpo, movimentos bruscos e violentos. Sentia-se desconcertada com as emoções humanas e nunca conseguiu entender o romance de Romeu e Julieta, como confessou em um encontro com Sacks (1995, p. 292). Tampouco se sentia arrebatada com uma música e se dizia incapaz de reagir emocional ou esteticamente a qualquer cena visual, apesar de conseguir descrevê-la em detalhes. Para isto, ela dava uma explicação meramente mecânica e se dizia sem inconsciente, pois “não recalrava memórias e pensamentos como as pessoas normais” (Idem, p. 292).

Como a maioria dos autistas, para Grandin, o estímulo tátil provocava retraimento, “dor e confusão” (1999, p. 38). Sua dificuldade em manter o contato corporal era tamanho que só aos trinta anos de idade conseguiu cumprimentar pessoas com simples apertos de mão e olhar em seus olhos. Apesar disso, sentia muita necessidade de afago, “ansiava por ser tocada - abraçada”, segundo ela (Idem, p. 37). Por este motivo, desde menina - precisamente na segunda série - começou a sonhar com uma “máquina mágica” que substituísse os abraços da mãe que ela recusava, mas que ao mesmo tempo, estivesse a sua disposição para ser utilizado como e quando ela almejasse. Como sempre gostou de “engenhocas”, chegou a sonhar com uma roupa inflável que lhe fizesse pressão no corpo, ideia inspirada nas boias de braço para flutuar na água. Depois disso, chegou a pensar numa caixa na qual pudesse entrar se arrastando por uma das extremidades e inflar um forro de plástico que a envolvesse suavemente. Em seguida, entre seus projetos imaginários, lhe veio a ideia de um recinto de um metro quadrado, aquecido, onde pudesse entrar e fechar-se. Com base nestas invenções, Grandin concluía que se tivesse “uma máquina de reconfortar, poderia ter usado sua pressão e seu calor”, ao invés de entregar-se aos seus frequentes acessos de raiva (Idem, p. 40). Era este o objetivo das geniais engenhocas: acalmar-se e, ao mesmo tempo, suprir a deficiência de “contato carinhoso”. Por este motivo, seus projetos se tornaram uma fixação, uma obsessão, segundo ela, que iam se aperfeiçoando a cada ideia que lhe vinha, embora não se concretizassem a princípio.

Uma temporada de férias na fazenda de sua tia Ann no Arizona foi definitiva para sua formação e para a conseqüente escolha de uma profissão futura. Após observar atenta e insistentemente o gado no curral - até mesmo ali deitar-se e deleitar-se - lhe surgiu a ideia de projetar a máquina de apertar que sempre sonhou. Da mesma maneira que o professor, a tia tentou canalizar sua “tendência à fixação para algo construtivo” (Idem, p. 92), pedindo-lhe que fizesse alguns reparos na fazenda e que “ajudasse com o manejo do gado no brete, um aparelho feito para imobilizar o animal” (Idem, p. 92) a fim de que pudesse ser marcado, vacinado ou castrado. Grandin, de entrada, ficou fascinada pelo brete, pelo seu funcionamento e pelos efeitos de calma que provocava nos animais. Com o consentimento da tia, entrou e o testou, pôde experimentar sua ação.

Primeiro, ajustei a passagem para a cabeça de modo a acomodar a altura de minha cabeça quando eu me pusesse de quatro, e depois entrei na passagem. Ann puxou a corda que fazia os painéis do brete me pressionarem. Logo senti a pressão firme dos lados do corpo. Normalmente, eu teria fugido daquela sensação [...]. Mas, no brete para gado, não havia recuo ou fuga possível. (Grandin, Temple, 1999, p. 93)

A importância da experiência se resumia ao controle exercido por Grandin - que podia dizer à tia até onde ela poderia apertar - e ao alívio que a pressão lhe proporcionava. Não demorou e ela ficou fixada no brete e na sua capacidade de imobilização, o que muito lhe assustou. De volta das férias - a despeito da equipe da escola que achava estranha a sua ideia e tentou desencorajá-la - Grandin não tardou em construir a sua primeira máquina de apertar, baseado no modelo do corredor das vacas que havia visto no rancho da tia, para depois, ao longo dos anos e de sua formação acadêmica, aprimorá-la.

Mesmo após seu ingresso na universidade, Grandin continuou a frequentar o laboratório do antigo professor, que lhe dava pistas por onde seguir com o objetivo de despertar nela o interesse pela ciência e dirigir sua fixação “para um projeto que merecia o esforço” (1999, p. 103). Assim, ela ansiava que seu brete - seu projeto mais audacioso - fosse também utilizado em outras crianças autistas, pois, segundo ela, ele tinha duas funções: fornecia estímulo (uma necessidade para crianças autistas) e criava um ambiente caloroso e confortável, um auxílio para receber e dar afeto. E, assim, com seu brete, Grandin foi longe: fez universidade, mestrado, doutorado e seguiu carreira tornando-se célebre e respeitada - desenvolvendo métodos que amenizassem o sofrimento do gado prestes a ser abatido. Ainda na atualidade é convidada para dar palestras, por empresas do ramo no mundo inteiro, apesar de levar uma vida solitária e longe dos relacionamentos amorosos. Nesse sentido, tomamos de Vieira (2011), sua afirmativa para dizer que Grandin criou uma máquina que tanto a apaziguou quanto lhe promoveu um lugar no Outro.

Diante desse breve histórico da vida de Temple Grandin (1999), a pergunta pertinente no que se refere a este trabalho seria: o brete é um objeto autístico? Qual a sua função para Grandin? Ela cita, além desta máquina, outras manifestações do que ela chamava “obsessões”, como fazer perguntas repetitivamente o tempo todo, o falatório constante, risos incontroláveis. Importante assinalar que ela afirma com veemência, que as obsessões reduzem a excitação e acalmam. Ademais, ela faz um alerta aos terapeutas de todas as áreas que lidam com o autista e que pensam que se for permitido à criança autista se entregar a suas fixações, que os resultados possam ser irreparáveis. Ao contrário, com esta assertiva, ela apontava para os ganhos obtidos justamente a partir das fixações, que, “se devidamente conduzidas”, podem ser “canalizadas para fins construtivos”, “transformar uma fixação numa ação positiva pode ser compensador”, segundo ela (Idem, p. 42). A que ela se refere senão às afinidades, às ilhas de competência que, aliadas aos objetos autísticos - no caso dela, o brete - trariam enormes ganhos e produziram efeitos edificantes e fomentadores para o autista?

Da mesma forma, podemos afirmar, apoiados na teoria dos Lefort (2017, p. 60) que o animal por quem ela tanto se preocupou – a rês – constituiu um dos duplos ao longo da vida. A própria Grandin assume que sua modalidade de pensar em imagens - característica própria do autismo - permite uma relação próxima com os animais, pois possibilita ver o mundo sob o ponto de vista do animal. Esta capacidade lhe conferiu uma intimidade privilegiada suficiente para criar um aparelho que minorasse o sofrimento do gado rumo ao abate. Assim também, ela criou projetos que apresentava de memória e, ao apresenta-los, é como se os visse em funcionamento. Se levarmos em conta que o duplo para o autista cumpre uma função de sustentáculo para o corpo e a voz, como podemos pensar o brete para Grandin? Aproximando o gado do humano, ela lhes atribui uma alma, crença que a aproxima de Deus. Foi uma solução para “apreender abstrações religiosas” (Maleval, 2017, p. 190) e fazer do brete uma Escadaria para o paraíso, como ela o nomeia. Assim, ela passa a ver um sentido para a vida e afastar-se do medo da morte, podendo margear a perda simbólica através do seu duplo animal (Idem, p. 190). Enfim, o seu objeto-borda lhe deu a oportunidade de tratar a castração; ao se amoldar a sua máquina, Grandin pode restaurar uma completude imaginária que lhe conforta.

Importante acentuar, baseados no caso de Grandin, o quanto o incentivo da sua mãe teve efeitos benéficos na sua forma de lidar com o autismo e as dificuldades daí advindas. Mas, ao mesmo tempo, foi fundamental seu acolhimento e recuo em tempo hábil, para dar a Grandin, a oportunidade de fazer a própria vida. Grandin tinha um enorme talento criativo, mas faltava-lhe a capacidade de relacionar-se com as pessoas, que rejeitavam seu comportamento excêntrico, seu modo esquisito de falar, suas ideias estranhas, piadas sem

graça, peças que pregava e, sobretudo, suas péssimas notas, provenientes de muitas disciplinas que ela não conseguia acompanhar. Ainda assim, a mãe a via como “bem dotada” (1999, p. 70) e sempre tinha “planos” para ela. Mudava Grandin de escola, caso ela não fosse bem aceita, fato que se repetiu algumas vezes. Até que a filha teve um bom encontro: um professor que, segundo ela, “não dava atenção a rótulo nenhum, só aos talentos que encontrava” (Idem, p. 89). Foi este professor que canalizou as atenções e obsessões de Grandin para projetos construtivos, não tentou atrai-la para o mundo dele, mas entrou no seu, testemunha ela. Este professor era acolhedor, mas firme, lhe “fazia sermões” quando agredia ou ofendia alguém e lhe passava “atitudes humanistas” que o autismo a impedia de ter, pela própria incapacidade de captá-los: “graças a ele, a outros professores dedicados e à fé que minha mãe sempre teve em mim, comecei a estudar” (Idem, p. 89). Grandin tem a convicção de que sem estas pessoas que ela qualifica de dedicadas e compreensivas, podia ter tido outro destino, “uma escola para retardados”, por exemplo (Idem, p. 89).

Convicta de que, uma vez autista, sempre autista, Grandin, depois de percorrer um longo caminho de sofrimento e de busca por portas que não fossem barreiras, mas que se abrissem para o céu, que representassem um passo à frente, é na atualidade muito bem situada em seu autismo. A certa altura da vida, concluiu que não era diferente dos colegas; eles, sim, que eram diferentes, “Eu era autista. Era um indivíduo especial!” (1999, p. 124) Em entrevista a Sacks, ela contou que ficava alarmada com a ideia de erradicar seu autismo (1995, p. 297): “se pudesse estalar os dedos e deixar de ser autista, não o faria, porque não seria mais eu. O autismo é parte do que eu sou”. Ou seja, longe de se constituir numa patologia, essa é a maneira Grandin de estar no mundo!

3.3 O Objeto em Donna Williams

O hábito que adquiri de guardar e de manipular esses objetos simbólicos me fornecia um ritual sob a forma de receitas mágicas que eu lançava contra os malvados. Eu não devia de modo algum perder ou deixar escapar meus símbolos, sob pena de me deixar invadir pelos malvados.

(Donna Williams)

Diferentemente da mãe de Grandin - acolhedora, compreensiva, que apostava na filha e em seus dotes intelectuais - Williams nasceu em um ambiente extremamente hostil, onde as sutilezas do seu autismo foram tratadas com violência e desprezo, tornando sua vida

particularmente penosa. Ainda assim, ela, a despeito de todos os maus tratos, pôde se apoiar em objetos e em duplos que lhe deram sustentação ao corpo e à existência e que, ao mesmo tempo, lhe serviram de “disjuntor” para regular o gozo. É o que testemunhamos em sua extensa obra, composta de autobiografias, livros sobre autismo, coletâneas de poesia e prosa, documentários para televisão, até mesmo músicas e arte, como pinturas e esculturas.

Perdida numa ecolalia como forma de responder “à voz” que ela não sabia de onde vinha, pelo simples fato de não compreender o que ela dizia, sobrevinham bofetadas, além do apelido de “papagaio”. Durante os primeiros três anos e meio de sua vida, foi assim a linguagem de Williams: repetições “acrescidas das entonações e inflexões vocais daqueles que eu pensava que faziam parte do ‘mundo’!” (1992, p. 29) Ela relata que, por não reagir aos estímulos externos, parecia surda aos familiares, “o mundo jamais conseguia entrar no meu” (Idem, p. 29), traçando uma diferença bem marcada, uma clara distinção entre ‘o mundo’ e ‘seu mundo’. Toda informação para ela necessitava ser repetida e decifrada, pois, como a compreensão vinha aos pedaços, tudo parecia estranho e era como devesse passar por um “procedimento de decodificação muito complicado” (Idem, p. 29).

Williams temia as pessoas, pois as considerava suas inimigas. Daí, passou a amar os objetos ou o que eles evocavam (como o cheiro da avó - das poucas boas lembranças que guardava - que ela, já adulta, quando queria reproduzir, regava seu quarto com eucalipto). Com isto, adquiriu o hábito de manipular o que ela chamou de “objetos simbólicos”, em rituais como se fossem receitas mágicas que evitavam que os malvados lhe invadissem. Era assim que ela se defendia da invasão do Outro violento que lhe feria. Daí sentir-se segura “tornou-se uma ocupação exaustiva” (1992, p. 37).

Após numerosos anos de cenas de violência “em cadeia”, onde um humilhava e injuriava o outro e os atos se disseminavam até chegar em Williams, seus pais se separaram. Com isto, a mãe proibiu o pai de falar com a filha e, nesta ruptura, perdeu-se o elo que eles mantinham através de “pequenos objetos de fantasia e brinquedos brilhantes” (1992, p. 33), fascinação que o pai alimentava, e reforçou-se sua história de solidão e desamparo.

Por medo de dormir e do escuro, Williams dormia de olhos abertos, hábito que escondia por medo de ficar exposta e vulnerável ao Outro. Assim, como forma de se proteger durante o sono, criou seus “filamentos”, criaturas minúsculas, transparentes, suspensos no ar sobre ela, para os quais Williams não olhava diretamente, “para que eles se tornassem muito presentes” (Idem, p. 37). O mesmo mecanismo de proteção era conferido às estrelas. Ambas invenções eram seus anjos de guarda, que a protegiam contra os intrusos, já em idade muito precoce.

Como podemos conferir a partir de seu testemunho, foi precisamente a partir de seu ingresso no mundo dos objetos, que Williams começou a readquirir o gosto pela vida, apesar de tantas intempéries e sofrimentos. Além destas citadas e de outras invenções, foi seu gosto pelas palavras e pelo vocabulário - antes insignificantes e incompreensíveis - e a paixão pelos livros, que a obstinava a compensar seu “caos interior” com uma obcecada organização do mundo externo, relato dela própria (Idem, p. 84). Adorava copiar, criar e organizar; apaixonou-se por classificações e coleções de todo gênero, anuários eletrônicos, indicadores de rua. Com estes objetos, ela “procurava simplesmente um mundo de coerência bem provido de referências fixas” (Idem, p. 90), explorava a seu modo, “os conceitos de uniformidade, de conservação e de coerência” (Idem, p. 89). Mas foi também esta sua afinidade aos livros que lhe guiou para a educação - onde fez carreira universitária - e lhe conferiu uma profissão.

Williams também nos dá testemunho em ato, de seus duplos, a quem se entregou desde os quatro anos, expostos em detalhes em seu primeiro livro (1992)³⁷. É muito interessante a maneira como ela se refere a este universo de “amigos” que estão inscritos numa ordem puramente imaginária, descrevendo-os como sendo

[...] maravilhosos, dignos de confiança, previsíveis e reais como as outras crianças. E, sobretudo, eles chegavam oferecendo as garantias de uma perfeita segurança. Era um mundo que eu havia criado, onde eu não tinha necessidade de me violentar para me dominar. Era um mundo onde os objetos, os animais, a natureza, podiam se contentar de existir em minha presença”. (WILLIAMS, 1992, p. 36).

Entre estes amigos, há uma predominância de Willie e Carol, duas criações antagonicas, que tinham serventias diferentes, de acordo com suas necessidades de conexão com o mundo, mas sobretudo “para dar consciência ao seu eu e a sua fala na presença dos outros” (MALEVAL, 2017, p. 136). Willie - cujo nome derivava-se do sobrenome dela - era sua “encarnação exterior”, o encarregado dos negócios estrangeiros. Este personagem foi construído, segundo ela, com base na sábia mistura dos seus talentos imaginativos e das zombarias provocantes de sua mãe. Era “apenas um par de olhos”, “uma criatura de olhar flamejante de hiena, de boca apertada, de punhos cerrados, ostentando uma postura de rigidez cadavérica” (2017, p. 39), que chutava e cuspiam quando contrariado. Williams o temia, mas, em troca, causava a ele o mesmo temor. Ao decidir tratá-lo como amigo, tentou “se perder nele”: dormia debaixo da cama e se tornava Willie. Para Maleval (2017, p. 136), Willie era o pulsional, sempre estava com raiva, tinha ideias fortes, ficava raciocinando e tentando derrubar o interlocutor com argumentos. Mas, ele não era um porta-voz, era um reproduzidor de

³⁷ Meu mundo misterioso.

palavras que ele estocava e delas se servia para atacar, oportunamente, quando contestado. Sem dúvida, com seus atributos intelectuais, permitiu a Williams um lugar no social, mas lhe distanciou de sua história pessoal, de seu “eu”, como ela nomeia.

De modo simultâneo, inspirada numa garota simpática com uma mãe acolhedora que Williams encontrou certa vez num parque, ela criou Carol. Foi esta estranha que ela só encontrou uma vez e a levou para casa, que mudou sua vida, pois tinha os atributos que ela queria: uma mãe carinhosa, uma casa, comida. “Ela foi a jovem no espelho, esperando que, por minha vez, eu me tornasse Carol” (1992, p. 50), definiu Williams, para falar de como perdeu a sensação de sua própria existência para se tornar o seu duplo. Ela dizia:

Carol era exatamente igual a mim. Apenas o brilho de seu olhar traía a sua identidade. Era exatamente Carol que eu via ali [no espelho]. Eu lhe falava e ela me imitava. Isto me encolerizava e eu lhe explicava que ela não precisava se divertir como isso porque nós éramos uma só. (WILLIAMS, 1992, p. 50).

Lefort (2017, p. 64) descreve este duplo como “imagem especular no real”, ou seja, neste caso, imaginário e real se confundem. Para encontrar Carol, Williams tinha que caminhar em direção ao espelho até se chocar, como se fosse atravessá-lo. Como não conseguia, sentia-se frustrada, tinha raiva e se batia. Mas, ainda assim, não conseguia evitar o movimento, temendo que Carol desaparecesse e, com isso, ela perdesse seu corpo.

Como Carol encarnava tudo que ela queria ser - gostava de rir, tinha amigos, trazia uma porção de coisas para casa e sua mãe aprovava - Williams “desapareceu”. O mundo de Carol passou a predominar sobre o de Williams e, com isso, ela pôde criar para ela, “um eu diferente daquele que estava travado e paralisado pelas emoções” (1992, p. 52). Mas, relegada a ser apenas a “moldura” do espelho, Williams precisou de vinte anos para, à procura de si mesma, “sair da moldura e fechar a porta” (Idem, p. 52).

À medida que o tempo passava, os dois personagens se envolviam, “cada um como a antítese do outro no seio do mesmo invólucro corporal” (1992, p. 187), situação inconveniente que fazia com que cada um desenvolvesse suas capacidades próprias de adaptação, o que, inevitavelmente, desembocava em resultados antagônicos. Essa divisão tão marcada lhe custou um diagnóstico de esquizofrenia e a prescrição de medicamentos, que lhe levaram ao extremo sofrimento com conseqüente tentativa de suicídio. Apavorava-se com a mínima possibilidade de ser louca, mas tinha a exata noção de que havia se refugiado num mundo tão distante, que era difícil alguém alcançá-la. Assim, através da sociologia e da obsessão de ser “como Mary”, sua psiquiatra, Williams tentava estudar seu próprio caso, se

perguntava como ficava sua verdadeira identidade, colada que estava à Willie e Carol. Ela dizia:

Eu estava e não estava ali, ao mesmo tempo. Ou bem era o meu subconsciente que fazia das suas, despertando, então, o que estaria adormecido há longo tempo, ou então era o meu ser consciente que não queria se dar ao inconveniente de ficar desperto. Nos dois casos, eu estava sempre em segundo plano” (WILLIAMS, 1992, p. 227).

Apesar da encarnação de seus personagens - fundamentais por um longo tempo - ela considerava ter uma sensação profunda e tão rica do seu eu interior que “todo o resto me parecia superficial, fabricado, tão plano quanto uma imagem de duas dimensões” (1992, p. 227). Foi daí que um forte esforço de liberação lhe fez ver que precisava aniquilar e expulsar as amigas de Carol e Willie, “emborcando-as e repudiando-as, precisamente, pelo que lhes dera força dogmática”. (Idem, p. 227) Desta decisão, aflorou o poema:

A vida na redoma, é certo,
Torna a existência dos mortos-vivos suportável.
Mas há a obsessão da intimidade do simples contato
Que poderia quebrar o vidro para sempre,
E derrubar repentinamente o malabarista de sua corda
No abismo do desconhecido.
O mundo hoje é apenas um palco
Tirado de um livro secreto de onde uma página foi rasgada.
Um simples toque quebrou o vidro
Que separava os dois mundos,
E o vento gelado da incerteza precipitou-se
No corpo e na alma, abraçados pela primeira vez
Como os ramos de uma videira selvagem. (WILLIAMS, 1992, pp.227-228).

Lembramos que a forclusão do furo tem como consequência a ausência de borda e do corpo no autista. Williams foi capaz de, através de Willie e Carol, inventar duplos que funcionassem como suplência a essa ausência, que pudessem fazer função dessa borda que não existe para o autista, conferir-lhe um corpo que, mesmo que não seja da ordem do imaginário, é o corpo que o autista consegue ter.

E foi assim, entre tantas manobras e invenções que, lançando mão de sua afinidade literária, a dor de Williams se transformou em letra. Dizer adeus, desembaraçar-se de Willie - uma parte dela mesma seguiu pela mesma via:

[...] Nesta multidão de estrelas longínquas.
Digo-te hoje, vai-te,
Preciso seguir meu próprio caminho...
Desaparece no teu passado de sombras evanescentes,
Para que eu possa abrir caminho para a vida
Por uma passagem mais firme. (WILLIAMS, 1992, p. 128).

Objetos terapêuticos eficazes que também lhe deram alento foi o piano, seus discos, suas composições, enfim, a música, que conseguia sempre despertar seus sentidos “eu me precipitei sobre o piano assim que o vi. Em alguns minutos, tirava nele as árias que eu conhecia, depois tentava criar as minhas. Eu tocava com prazer” (1992, p. 137). Assim, diante do que foi apresentado, podemos concluir que Williams se apresenta como um ser emblemático, demonstrativo dos temas que vimos abordando até agora, a saber, os objetos autísticos, os duplos e as ilhas de competência, numa prova concreta e elucidativa de que as questões inicialmente levantadas neste trabalho se confirmam. Quer dizer, o objeto autístico tem uma função pacificadora, pois, frente ao gozo desenfreado que experimenta o autista, este serve de barreira, de limite, de proteção, além de contribuir com a criação e manutenção do laço social. E foi assim, com muito sofrimento, mas também através de suas afinidades, que Williams deslizou de “ninguém em lugar nenhum” para “alguém em algum lugar”³⁸, para contar “a história de como alguém recolhe os restos depois de uma guerra. É uma história de desarmes, tratados de paz e reconciliações” (WILLIAMS, 1994/2015, p. 7).

Concluído este tópico, tecemos algumas considerações sobre o material buscado para irmos ao encontro dos objetos autísticos em si - as autobiografias - detendo-nos atentamente em cada história, na costura que cada autista ensaiava para - num *patchwork* - cerzir seu mundo, alinhar um laço com a vida e com o Outro e manter-se no mundo da forma mais amena possível. São relatos fortes - ao mesmo tempo de uma beleza ímpar - que somente autistas que tiveram a experiência de se utilizar de objetos para depurar o excesso de gozo no corpo, pôde contar. Foi isso que constatamos com nossa pesquisa.

³⁸ Títulos de seus livros: *Nobody nowhere* (1992) e *Somebody somewhere* (1994).

4 OS AUTISTAS E AS ESCRITAS DE SI

“Meu mundo” estava contido nas páginas do manuscrito e, embora a exposição fosse uma espécie de auto-violação à alma, auto-inflingida, eu sabia que após a sua publicação, eu iria ser obrigada a renegar não só parte do “meu mundo”, mas ele todo.

(Donna Williams)

4.1 Autobiografias: a dor de existir

O presente capítulo aponta para a fonte onde fomos beber o néctar para nos inspirarmos - as autobiografias de autistas - como meio de transmissão do caminho traçado e trilhado para atingir os objetivos almejados.

Autobiografia é uma palavra derivada do grego, produto da junção entre *αὐτός-autos* que significa eu, *βίος-bios* (vida) e *γράφειν-graphhein* que significa escrita. Trata-se de um tipo de gênero literário em que uma pessoa narra a história da sua vida, resgata momentos, tece lembranças e pode ser escrita por ela própria ou com a ajuda de outro escritor. Como foi evidenciado, para proceder esta pesquisa com vistas a tornar possível a escrita deste trabalho, recorreremos a algumas autobiografias de autistas. O objetivo principal desta busca foi extrair dessas histórias de vida, possíveis afinidades dos autores a determinados objetos e quais as suas finalidades. Mais além deste objetivo, a ideia foi verificar qual a função do objeto escolhido e se havia uma relação entre este objeto dito autístico por alguns autores e um possível apaziguamento e/ou uma conexão com o mundo e com a vida.

Ao mergulhar a fundo na leitura, pudemos, sobretudo, comprovar quão notória foi a contribuição das autobiografias na ampliação de conhecimentos gerais sobre o fenômeno autístico e suas características, o que pôde incorrer, assim, num maior aprofundamento nas suas formas de tratamento. Subvertendo verdades fixas e destruidoras de prognósticos sombrios de incapacidades, os relatos sobre si e sobre como viver num mundo onde até a própria sombra pode ser ameaçadora, são esclarecedores e jogam pérolas nos caminhos daqueles que convivem com a condição do autista.

Este tipo de literatura - neste percurso, o campo da pesquisa em si - tem demonstrado ser relativamente escasso, pois poucos autistas, até o momento, se empenharam em divulgar seu testemunho de vida e as maneiras como cada um encontrou para amenizar sua angústia e se (re)conectar com o mundo. Não temos convicção acerca dos motivos, mas podemos supor, levando em conta que a diversidade dos autismos - inclusive alguns deles abordados e

tratados como incapacidades, como já foi mencionado - têm influência direta sobre a possibilidade de uma produção escrita. Apesar disso, não consideramos ter sido isto uma dificuldade para o desenvolvimento da investigação, uma vez que o material visado e utilizado já estava publicado.

Com a leitura atenta e cuidadosa destes relatos de vida, pensamos em levar a efeito um debate sobre as dificuldades que um autista enfrenta para estar no mundo - tarefa bastante árdua e complexa - e as maneiras que cada um encontra para se haver com o que o invade, o assusta, o ameaça, assim como a sua solidão, enquanto “horror inigualável”, como tão bem descreve Birger Sellin (BIALER, 2015, pp. 3-8), o pioneiro, aquele que deu o “*start*” neste tipo de literatura.

Assim, consideramos não haver material mais fidedigno e capaz de transmitir de forma mais autêntica e genuína a dor de existir do autista, do que os seus próprios depoimentos, sua “exposição de mundos”, segundo Donna Williams, autista de alto nível ou de alto rendimento ou, ainda, com Síndrome de Asperger, conforme classificação citada anteriormente, que conferiu a estes termos, a condição de sinônimos.

Williams denominava “tubarões” os possíveis leitores de seu manuscrito, por considerá-los ameaçadores, ávidos que se mostravam por adentrarem em sua “gaiola dourada” (Williams, 1994/2012, p. 14), sua camisa de força feita de nós dentro de nós dentro de nós, seu mundo misterioso. Esta exposição, para ela, era o céu e o inferno, seu melhor amigo e seu pior inimigo, a salvava ao mesmo tempo em que a destruía. Afinal, era a história de sua vida e das vidas de sua vida que ela sabia que, “exposta ao inimigo, seu mundo nunca mais seria livre da contaminação, por haver sido exposta” (Idem, p. 13). Ainda assim, em um titubear sofrido, desesperado, ela escreveu e escreve! E, ao conseguir endereçar sua escrita, nos brinda com sua linda produção, à qual tivemos o privilégio de ter acesso e dela nos utilizarmos para compor este trabalho.

Em uma nota de seu livro “Alguém em algum lugar”, Williams descreveu:

Esta é a história de alguém que recolheu os pedaços após a guerra. Esta é a história do desarmamento, do tratado de paz e da reconciliação. Esta é a história do aprendizado de como se constrói um lugar, fora nenhum lugar; alguém fora ninguém. É o conto de uma jornada sobre a busca de castelos no ar e transformá-los em real, sobre a construção de pontes entre o sonho de voar e o de tornar-se capaz de voar. Esta é a história de alguém, algum lugar. (1994, p. 7).

De maneira profunda e bela, ela fala do “estranho (ou estranhos)” dentro de cada um, nas sombras de nosso próprio subconsciente, como se elas soubessem de nós, mas não nos conhecessem, declara Williams.

Também autista de alto nível como Donna Williams, Daniel Tammet, desde uma idade muito precoce aferrou-se aos números, como forma de acalmar-se, como pudemos testemunhar. Segundo ele, “quando o estresse é muito importante e eu mal consigo respirar, eu fecho meus olhos e conto. Pensar nos números me apazigua. Os números são meus amigos, eles jamais estão longe de mim”. (2006, p. 10). Em seu livro “Nascido em um dia azul”, Tammet descreveu o seu autismo de maneira detalhada, além de esmiuçar muito profundamente, sua relação com os números, que ele considera “sua língua materna” (p. 17), através da qual ele pensa e sente. Por intermédio de seu livro, ele explicou suas dificuldades de compreensão e reação às emoções dos outros e a maneira como recorreu aos números para poder alcançá-las, pois, quando conta, os números suscitam imagens e formas sólidas e tranquilizadoras para Tammet. Além disso, ele recorreu às diferentes cores, para diferenciar os nomes, os verbos e os adjetivos, o que lhe deu acesso a uma introdução eficaz à gramática, segundo ele (Idem, p. 275). Essas e outras escolhas fizeram de Tammet um escritor famoso, ensaísta, novelista e tradutor, profissões que lhe deram independência e auto-sustento. Além disso, lhe deram condições de “avançar no mundo, de fazer sozinho, coisas que a maioria das pessoas considera difícil” (Idem, p. 265).

Como os demais autores autistas contemplados nesse trabalho, Tammet relata a importância de ter escrito seus livros, pois com eles, pôde contemplar e compreender todo o caminho que havia percorrido na vida. Uma vez que não lhe era possível dizer como ele teria conseguido chegar aonde chegou, o seu escrito podia narrar por ele (Idem, p. 23). E, assim, ele se aventura em seu mundo, retroativamente, descrevendo sua vida desde a sua concepção, nascimento, infância, adolescência... um sofrido percurso para ele e para os pais, que, mesmo sendo marinheiros de primeira viagem, sabiamente inventaram estratégias para acolher aquele filho, com funcionamento tão difícil e singular.

Tammet é enfático em afirmar que, ao poder escrever o que foi sua experiência do autismo, esperava ajudar outros autistas jovens - como seu irmão Steven, também autista - a viverem seus autismos de alto nível, a se sentirem menos isolados e a terem confiança, sabendo que é possível ter uma vida rica e feliz. Ele se considera uma prova viva disso.

Já Temple Grandin - uma das mais conhecidas autistas de alto rendimento da atualidade - descreve-se a si mesma como “uma bem sucedida desenhista de equipamento de manejo de gado, uma das poucas profissionais do gênero existentes no mundo” (GRANDIN, 1999, p. 18). Em função desta especialidade, ela é convidada frequentemente por empresas de vários países para orientar, dar consultoria e desenhar equipamentos especiais na área de pecuária, pois é graduada em Zootecnia, com doutorado em etologia animal.

Relevamos aqui que, ao nos referirmos ao autista de alto nível ou de alto rendimento, estamos falando do autista referenciado e descrito por Hans Asperger, dotado de aptidões excepcionais que concorrem, certamente, para lhes proporcionar uma vida independente, com autonomia inclusive financeira.

Igualmente a Tammet, Grandin foi diagnosticada com autismo, mas se considera “uma esperança para os pais e profissionais que lidam com autistas”, por ter uma vida normal, independente e livre de inquietações financeiras. Ela também se dedicou em escrever e descrever o autismo, o seu autismo. E, assim como Tammet, ela compartilha igualmente da ideia de que a escrita a partir dos autistas contribui para esclarecer os fenômenos da estrutura autística. Ainda que estejam “desbotados” alguns pontos de sua tapeçaria de memórias infantis, ela destaca incidentes de sua vida que “contam uma história fascinante sobre como as crianças autistas percebem e reagem de forma incomum ao mundo que as cerca, mundo ao qual tentam desesperadamente impor alguma ordem” (Idem, p. 20). Grandin ainda afirma a importância de se investir nas crianças autistas, de forma a ajudá-las a descobrirem seus talentos e desenvolvê-los, mas também a se sentirem menos estranhas, como ela própria se sentia.

O último capítulo de seu livro “Uma menina estranha” é dedicado a demonstrar como ela conseguiu “atravessar suas portas simbólicas e alcançar o mundo real” (Idem, p. 142). Ao relatar sua experiência, ela aproveita para orientar àqueles que cuidam de autistas - pais, professores, cuidadores - como proceder diante de atitudes que para muitos pode parecer loucura. Além disso, Grandin diz que “a meta é observar e encontrar o padrão específico de reação que cada criança exibe e tomar isso como ponto de partida”. Com esta assertiva, ela se refere às fixações, interesses e escolhas que fazem os autistas. É alerta, baseada em seu próprio exemplo, que estas fixações devem ser consideradas e não desprezadas, pois podem detonar outras motivações e interesses.

No caso de Grandin, podemos destacar o brete - já tão mencionado anteriormente - objeto que ela tão precocemente se fixou após excursões à fazenda de sua tia durante férias de verão, ocasiões em que se detinha por horas observando seu funcionamento. Grandin descreve este artefato como “um aparelho feito para imobilizar um animal, a fim de que possa ser marcado, vacinado ou castrado”. Um detalhe lhe chamou a atenção em suas análises: quando os animais eram conduzidos ao brete, mostravam-se “nervosos e de olhos arregalados” (Idem, p. 93), segundo ela os descreve. Mas, após serem pressionados por ele, acalmavam-se. Numa tentativa de experimentar esta “pressão suave que dava conforto e alívio” - sensações que ela tanto almejava para ela própria - Grandin se introduziu no brete e concluiu rapidamente que

este lhe aliviava o que ela chamava de “ataques de nervos”. “Como era se de se esperar, fiquei fixada naquilo” (Idem, p. 93), testemunha Grandin. Fixação que foi acolhida por “várias pessoas dedicadas e compreensivas” (p. 89), incluindo um professor, que dirigiu sua “fixação” para um projeto construtivo. Segundo Grandin, este professor não dava atenção a rótulos atribuídos aos alunos, mas acreditava nas possibilidades de cada um. E foi esse brete, sua “fixação” da adolescência, que lhe orientou para uma profissão e lhe deu notoriedade profissional.

Enfim, como era preciso fazer escolhas para delimitar o universo do trabalho de dissertação, na sua tessitura nos limitamos a destacar recortes contidos nas histórias de vida destes três primeiros autores, por terem sido os primeiros aos quais tivemos acesso, além de serem histórias admiráveis de sujeitos que quebraram barreiras de defesa contra o outro, escalaram muros, ao mesmo tempo em que, com seus escritos, abriram portas para um mundo até então desconhecido, quase intransponível, o mundo do autista. Ademais, são estes depoimentos de autistas que revelam uma relação substantiva com um ou mais objetos, tema que nos interessou sobremaneira para compor este trabalho dissertativo.

Apesar dos motivos elencados para justificar nossa escolha, não podíamos desprezar outras autobiografias (e biografias), tão ricas e complexas quanto estas acima mencionadas, das quais podemos destacar alguns pontos bastante importantes para o que vimos abordando, como veremos a seguir.

Seguindo, então, com a concepção dos livros autobiográficos, damos um realce à obra de Tito Rajarshi Mukhopadhyay que, sob o título “Como eu posso falar se meus lábios não se movem?”³⁹, escreve histórias para quem acha que suas palavras têm importância. São histórias de sua infância de autista “sobre isso e aquilo, agora e depois, aqui ou lá” (2011, p. xv), que compõem seu livro. Ele escreve apesar de achar que suas histórias não foram destinadas para ouvidos humanos, que “não sabem ouvir outra coisa senão sons”. Destacamos com este testemunho, a importância da escrita na vida dos autistas, sobretudo naqueles que apresentam déficits acentuados ou ausência de fala.

Para Tito, são histórias sobre conversas com o espelho, de quem ele também esperava ouvir histórias e com quem mantinha uma relação de paciência recíproca. Histórias de sua sombra, “sua melhor companhia”, (Idem, p. 20) que lhe garantia segurança e, ademais, fazia Tito pular, a fim de que sua sombra pudesse se exercitar. Histórias de silêncios, de obsessões, de movimentos alternados, de dificuldades em decifrar e reconhecer rostos, de perdas e

³⁹ “How can I talk if my lips don’t move?” no original.

conquistas. Suas manifestações autistas não se distanciam das já conhecidas, mas suas histórias - sensíveis, esclarecedoras e muitas vezes divertidas - abrem cortinas e desvelam em minúcias, os propósitos de tantos esforços para se desvencilhar de pessoas e situações que lhe causavam angústia.

Da mesma maneira, ler o livro de Naoki Higashida⁴⁰ permitiu ao pai de um autista entrar em uma nova etapa no relacionamento com o filho, segundo seu depoimento. As respostas em forma de esclarecimento sobre autismo que dá Higashida lhe aproximaram da constatação de que “encerrada no corpo aparentemente incapaz do autista, está uma mente tão curiosa, perspicaz e complexa quanto a de qualquer um” (2014, p. 16). Assim, o contato com a leitura o fez compreender o quanto era dura a vida de seu filho e o maior empenho desse pai, a partir desta conclusão, foi em investir em melhorá-la. A “acuidade intelectual” do autor do livro - segundo seu depoimento - abriu um canal entre os pais e o filho para que estes estivessem mais atentos às suas necessidades, ainda que os indícios dissessem o contrário.

Autista não verbal, ou seja, que não fala, Higashida aprendeu com sua mãe a se comunicar por escrito através de uma prancha de alfabeto onde ele apontava as letras, além de aprender a usar o computador. Para ele, “não conseguir falar significa não compartilhar o que a gente pensa e sente. É como ser um boneco [...]” (2014, p. 27). Baseado em seu próprio exemplo, pensando nas crianças que não tinham meios para se expressarem, foi que, aos 13 anos, ele se empenhou em escrever seu livro, na esperança de que pudesse ajudar “explicando, do meu jeito, o que acontece na mente de pessoas nessa condição” (Idem, p. 22).

Através de perguntas e respostas, Higashida fala em seu livro, de maneira simples, sensível e também divertida, de palavras que “desaparecem” antes de serem pronunciadas; da sua própria voz que ele não consegue modular, pois ela escapa sem que ele possa controlar; de solidão, do pavor de ser tocado; de roupas que ele não gosta de trocar, pois são como uma “segunda pele”; de alinhamento de objetos com a intenção de manter uma certa organização na vida; da ideia de tempo para o autista; da dificuldade de fazer contato visual; de movimentos repetitivos, de descontroles e ataques de pânico. Enfim, Higashida descreve como para os autistas, “viver é uma batalha sem trégua”.

O último capítulo do seu livro dedica-se a um conto que ele diz ter escrito na esperança de que consigamos “entender como é doloroso quando não é possível se expressar para as pessoas amadas”. Ele conclui destacando que a sua narrativa deve, de alguma forma,

⁴⁰ “O que me faz pular” é o título do livro.

tocar o coração de alguém e que, caso isto acontecesse, ele acredita que os leitores conseguirão “tocar o coração das pessoas com autismo”.

4.2 Biografias: escritas de vida

Prosseguindo na direção do que vimos abordando, apresentamos Arthur Fleischmann e sua filha Carly, diagnosticada com autismo grave aos dois anos. Em um harmônico dueto, pai e filha misturaram suas “vozes” no livro “A voz de Carly. Rompendo o autismo”⁴¹ e o dedicaram “àqueles que ainda não encontraram sua voz interior e àqueles que lhes ajudarão a encontrá-la”⁴².

Aos dez anos, quando todos acreditavam que Carly apresentava um déficit intelectual importante e que jamais se comunicaria, ela, num dia em que se encontrava particularmente inquieta e irritada, pois sofria com uma terrível dor de dente, surpreendentemente abriu o computador e ali anunciou “*help teeth hurt*” (2012, p. 112), deixando atônitos todos a sua volta. Ela, que nunca tinha se expressado espontaneamente, nem demonstrado nenhum sentimento, cujas “únicas palavras eram sons truncados” (Idem, p. 113), após anos de isolamento, diante de uma situação de dor extrema, pôde, com o auxílio de um computador, expressar o seu estado de urgência. A partir daí, ela foi incentivada a continuar com esta via de comunicação e “como anos de silêncio morreram, uma *prima donna* nasceu”, esclareceu seu pai (p. 119). Apesar de ser não verbal, ou seja, de não se utilizar da fala para comunicar-se, na atualidade, Carly tem blogs, abriu contas no Facebook e Tweeter, lugares onde compartilha suas experiências como autista ao escancarar as portas do seu silencioso mundo.

Outrossim, o jornalista carioca Luiz Fernando Vianna, que se diz tímido para exercer uma militância em prol de seu filho autista, encontrou uma saída: escreve, escreve, escreve, segundo ele. Graças à leitura de autobiografias e biografias de outros autistas, ele pôde compreender o silêncio de seu filho. E, ao escrever seu próprio livro, ele pôde “desenvolver uma voz que sirva para proteger os que não podem se proteger, brigar por eles” (VIANNA, 2017, p. 161), afirma o autor que também publicou cinco livros sobre música popular brasileira. Desse saber, Vianna se utilizou para conceber ao seu livro uma beleza ímpar, dando-lhe uma singela leveza musical a cada capítulo. “Tornar pública a condição de pai de alguém com autismo é fundamental para botar os pés na rua” (Idem, p. 13), ele afirma, justificando que o autismo do filho lhe concedeu uma ferramenta para sua própria

⁴¹Carly’s voice - Breaking through autism. O livro é um testemunho dos desafios de viver sendo autista e conduz o leitor às veredas de um mundo, dantes tão secreto. Na atualidade, Carly tem mais de 232 mil seguidores no Facebook e outros quase sessenta mil no Tweeter, espaços onde ela partilha sua experiência e desafios e como conseguiu se desvencilhar das dificuldades que o autismo impõe a cada um.

⁴²Tradução nossa (encontra-se na dedicatória do livro, ainda sem numeração de páginas).

socialização: “um assunto e uma persona sob os quais, posso ocultar a timidez e a mediocridade” (p. 13).

Em “Meu menino vadio - histórias de um garoto autista e seu pai estranho”, Vianna relata, de forma extremamente profunda, quase visceral, a experiência de partilhar a guarda do filho em anos alternados, com a mãe que vive em outro país e os prejuízos desse intercâmbio para o filho. Ciente da ausência de cura para o autismo, o autor testemunha o cansaço e o esforço exigidos para melhorar a vida de alguém com autismo, do tempo dispendido, dos avanços e dos recuos e de “como Sísifo, ele empurra a pedra morro acima” (idem, p. 185) a cada dois anos. Outrossim, ele partilha as intensas transformações provocadas pelo autismo nas famílias, sobretudo na sua própria vida, enquanto homem, pai e jornalista, inclusive partilha o medo que tem de morrer antes do filho.

Para finalizar o livro, Vianna fala de amor e de sofrimento de pais de autistas e, “em silêncio, gritando ou escrevendo” (p. 190), oferece sua dor e seu amor para os que, porventura, estejam abertos a aceitar seu filho. Ele conclui exprimindo que não lhe farão um favor, mas “conhecerão mais a si mesmos e talvez se transformem em pessoas melhores. Pode valer o esforço” (p. 190).

Há especialistas em autismo que não veem com bons olhos as autobiografias dos autistas, uma vez que consideram seus depoimentos, um decalque do discurso de seus familiares, discurso contaminado pela ciência. O próprio Sellin, por ter sido o pioneiro nesta abertura de si, teve seus escritos questionados, duvidaram da autenticidade de seus textos (MALEVAL, 2017, p. 72). Ele revelou, surpreendendo a todos, que com a idade de cinco anos, já sabia escrever e até mesmo calcular, mas ninguém notava, porque

[...]eu era tão caótico, mas eu era por medo dos seres humanos/
precisamente porque eu era incapaz de falar, eu não tinha nenhuma dificuldade
para ler /e é por essa razão que eu procurava nos livros importantes, tudo que eu
pudesse encontrar. (MALEVAL, 2017, p. 17).

No entanto, ao percorrermos as páginas de cada história citada, não foi difícil constatar a singularidade com que cada autor descreve o seu autismo, suas vicissitudes e como é viver sendo autista. Ademais, como cada personagem “difunde um saber que vai muito além do que a ciência pode dizer dessas noções” (Idem, p. 350). Eles testemunham um saber que os ultrapassa, acentua Maleval, e conclui dizendo que “é por isso que não se teria como duvidar do fato de que a subjetividade delas esteja engajada ali” (Idem, p. 350).

Para Maleval, “é dever dos psicanalistas debruçar-se atentamente sobre as autobiografias de autistas de alto funcionamento [...] pelos quais buscam dar a conhecer a

lógica do seu funcionamento singular” (Idem, p. 17). Ao levarmos em conta que a psicanálise acolhe a especificidade de cada um, considera que o sujeito possui um saber essencial sobre seu modo de funcionamento, “deve ser levado a sério aquilo que os autistas dizem sobre si mesmos” (Idem, p. 86), ele acrescenta.

Concomitantemente, na busca pelo material bibliográfico consultado para a escrita desta dissertação, tivemos acesso a um livro, fruto de uma tese de doutorado, em que a autora abarca vinte e seis autobiografias de pais de autistas e dez dos próprios autistas⁴³. Porém, percebe-se que todos os relatos recebem a nomenclatura de autobiografias, como o próprio título do livro sugere.

Se levarmos em conta que biografia é também uma palavra que vem do grego *βίος*-*bios* (vida) e *γράφειν-graphhein*, para designar a descrição ou história de uma pessoa, de outrem e não de si próprio, não os consideramos escritos autobiográficos. Por este motivo, julgamos mais significativo, enquanto campo de pesquisa, estes últimos, pelos motivos já expostos, no que se refere à fidelidade das experiências. Nesta amostra que contém biografias assinadas pelos pais, talvez possamos pensar em uma “contaminação” subjetiva, uma vez que se trata de relatos deles sobre os filhos e não - como a própria designação do nome autobiografia aponta - uma escritura dos filhos autistas sobre si mesmos, como as anteriormente mencionadas. Trata-se, no entanto, muito mais da experiência deles enquanto pais, ainda que abordando a difícil lida com seus filhos autistas. Quer dizer, no cenário, desfilam os filhos, mas sob o olhar dos pais. Daí, apesar de não subestimarmos a importância destes depoimentos e sua utilidade, consideramos não ser tão original ou genuíno, como sugere uma autêntica autobiografia. Obviamente, não se pode descartar a importância desses depoimentos de pais sobre suas descobertas e avanços em parceria com seus filhos autistas e como seus efeitos reverberaram sobre estes, mas, como já assinalamos, preferimos nos ater às experiências ímpares que resultaram nos relatos dos próprios autistas.

Assim, seguindo esta noção das biografias, referimo-nos agora a Owen. De um garoto como tantos outros com a idade de três anos, ele passou, de repente, a ser um outro que não falava mais, que perdia suas habilidades motoras, olhava fixo no vazio e se isolava cada vez mais. “Autismo”, diagnosticaram os médicos diante de pais atônitos por nunca terem ouvido falar nada a respeito. Começou, então, uma batalha, uma missão de resgate para entrar na prisão do autismo e tirar o filho de lá. É isso que demonstra “Vida animada: uma história

⁴³ Bialer, Marina. *Autobiografias no autismo*.

sobre autismo, heróis e amizade” (*Life, animated: a story of sidekicks, heroes and autism*⁴⁴), livro de Ron Suskind, jornalista americano, sobre seu filho Owen. O livro também inspirou um documentário sob o mesmo título, que concorreu ao Oscar 2017.

O autor se refere a sua obra, como “um assunto de família” (SUSKIND, 2017, p. 347), mas prevaleceu o desejo de “transformar uma experiência íntima em um manuscrito público”. Através de um material colhido ao longo de vinte anos e transformado em narrativa, o casal - ambos jornalistas - pôde abrir ao mundo, a história que os inspirou: o autismo do filho e as batalhas por ele travadas através dos personagens de Walt Disney, os quais lhe deram suporte para se reconectar com o mundo. O pai comenta que o filho inventou “uma língua que integrava um pensamento simbólico, uma teoria da alma [...] e um aparelho de navegação que lhe permitiu navegar sob os olhos tumultuosos da escola, além de brincadeiras com os outros e interações sociais” (Idem, p. 28). Assim, juntos, o pai e a mãe o ajudaram a “construir um veículo que ele conduziria doravante no mundo externo” (p. 28).

“Vida animada” é uma história de respeito e aprendizagem recíproca. Owen, hoje com 23 anos, acentua o quanto precisou do auxílio de sua família para escavar nele mesmo, respostas que viriam a ajudar seus familiares nesta tarefa de saber quem ele era e, com isso, adquirir mais confiança e conseguir levar a vida de uma maneira mais autônoma. Enquanto isso, seus pais, longe de “enfiarem” para o filho algo que eles mesmos escolheram ou “distorcerem seus interesses em uma recompensa fugidia” - segundo seus depoimentos - respeitaram sua afinidade, “independente de parecer estreita ou hermética para a cultura mais ampla” (Idem, p. 331).

De igual natureza - ou seja, biográfica - Berger escreve “para fazer cessar o olhar que aliena” (2008, p. 18) sobre o autismo. É com esse objetivo que ela coloca o indivíduo, particularmente a criança que sofre de sintomas autísticos, no centro de reflexão de seu livro “*Sortir de l’autisme*” (Sair do autismo). Mãe de duas meninas gêmeas e autistas, ela relata uma longa e difícil peregrinação - dela e de outros pais - nos serviços públicos da França em busca de tratamento.

Dentre outras reflexões, Berger se questiona sobre o predomínio de teorias genéticas no que se refere ao autismo, pois reconhece que “o homem não é e jamais será [...] nem a soma de suas artérias nem a de seus gens, de seus neurônios, de suas células” (p. 7). Após acorrer aos serviços e constatar os modos de funcionamento com autistas, com indignação, ela

⁴⁴ Vida animada - uma história sobre autismo, heróis e amizade.

lembra que “a eficácia da ciência só advém com o custo considerável de uma sutura na subjetividade” (MALEVAL, 2017, p. 30).

Ser e ter são os frequentes verbos que ela utiliza para denunciar uma distorção das sociedades consumistas que avaliam o sujeito pela via do ter em detrimento do ser. Ela declara que seu livro “Sair do autismo” é também sair da questão que sempre lhe fizeram: “o que tem suas filhas?” Ao que ela respondia: “minhas filhas? Elas são. São gêmeas, têm uma história que é delas, feita de muito sofrimento precoce [...], uma experiência, uma constituição, ligadas ao seu nascimento. Uma história, duas vidas singulares. Elas são” (BERGER, 2008, p. 8). Afirmativa profunda que dá a suas filhas um lugar comum, mas ao mesmo tempo, agalmático no mundo e lhes atribui uma subjetividade. Elas são – sujeitos - ainda que autistas.

Continuando a caminhada por essa via de depoimentos, destacamos “uma história de alegria inesperada”, de uma jornalista estudiosa do poeta inglês William Wordsworth (GILMAN, 2015). Ela, que sonhava ser mãe, precocemente percebeu que seu filho não era como ela imaginara. Ela que, em seus estudos, tanto se dedicara ao poeta da infância romantizada, temia que tudo que fizesse e dissesse ao filho seria em vão, porque ele era “inacessível”. Assim, de suas angústias, nasceu seu livro “O filho antirromântico”, uma história “entre a literatura e a vida, entre o ideal e o real, da poesia versus ciência, mágica versus medições, honrar um mistério versus desvendá-lo” (Idem, p. 10). O livro despontou de “uma necessidade pungente” de contato com esse filho e tornou-se uma história de amor, como ela descreve, entre duas pessoas muito diferentes que precisavam aprender a aceitar seus espaços.

Seu filho Benjamin foi diagnosticado com hiperlexia – uma manifestação do autismo caracterizada pela afinidade por letras e números pela criança - aos três anos de idade. A autora enfatiza que suas principais aspirações quanto ao filho era “reconhecer sua singeleza e dar espaço para seus poderes” e “nunca cessar de travar essa batalha pelo eu dele e ensiná-lo a travá-la pelo seu próprio bem” (Idem, p. 322). Apesar de todas as dificuldades e vicissitudes na luta diária com o filho, a autora dá um belo testemunho de ter se tornado “capaz de *ser* em meio a incertezas” (Idem, p. 324), ainda que não houvesse qualquer conclusão definitiva e certa para eles.

Com efeito, foi destas histórias singulares - quer sejam autobiografias ou biografias - cada uma com sua dor e com sua beleza e profundidade, além de se constituírem como fonte de ensinamento profícuo e extremo, que veio a inspiração para buscar o objeto de nossa pesquisa e sustentáculo para chegar a um fim. Ao mesmo tempo, desbravar este território,

atravessar estes lindos testemunhos de força, bravura e determinação que cada história apresenta, nessa luta incerta que é o autismo foi - e tem sido - uma experiência surreal, uma bela aventura, ademais de um reforço no caminho de formação que vimos trilhando até o momento.

O capítulo seguinte será conclusivo, pois que se apresenta como uma oportunidade de tecermos nossas considerações a respeito do que trouxemos como hipótese a princípio e que, com argumentos, teorias e testemunhos de autistas, discorreremos durante todo o nosso trabalho dissertativo, numa tentativa de dar coerência e consistência ao tema escolhido, mas também de responder às questões levantadas na confecção do projeto inicial.

5 AUTISMO, OBJETOS, AUTOBIOGRAFIAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.

(Manoel de Barros)

Servimo-nos de outro *mix* - autismo, objetos e autobiografias - para avaliar o caminho percorrido até aqui. É incontestável o esforço em fazer uma articulação entre os três temas citados para dar contorno ao que foi projetado *a priori*, ou seja, seguir uma linha de trabalho que conferisse importância ao objeto de uma forma geral, em diferentes cenários, para *a posteriori*, afinar e chegar ao objeto autístico.

Tomar como fio condutor o objeto, desfilar por suas veredas nos deu a oportunidade de pesquisá-lo em âmbitos distintos, experiência bastante enriquecedora e norteadora que nos deu recursos para o embasamento teórico de nossa pesquisa. Mas, paralelamente, percorremos belas histórias - autobiografias e biografias de autistas - profundos enredos que nos deram subsídios para seguirmos por um percurso – além de teórico - clínico, buscando nelas, a existência de um (ou mais) objeto do qual o protagonista se utilizava, além de averiguar quais as suas funções em seu autismo.

O primeiro passo dado foi uma leitura cuidadosa, lupar, para ampliar nossa visão quanto ao que pretendíamos elencar, com fins de cumprir nosso objetivo. Assim, tendo como ponto de partida a efetuação de um levantamento bibliográfico, compusemos um material que contemplasse a investigação acerca do objeto proposto em três autobiografias, conforme acima citado. Nosso foco era direcionado para algumas questões: “De quais manobras o autista se utiliza para se desvencilhar do Outro que o ameaça e amenizar sua angústia? Com objetos? Que objeto? Que função - ou funções - teria(m) este(s) objeto(s)? E, finalmente como o analista poderia fazer uso dos recursos escolhidos pelo autista sem incorrer numa demanda de cura improvável, uma vez que o autismo, para a psicanálise, não constitui uma patologia mas trata-se um modo de viver, de estar no mundo? A tentativa de responder estas perguntas nos obrigou a traçar algumas metas preliminares ao trabalho.

Traçadas as metas, começamos por dissecar o objeto, para poder observá-lo e analisá-lo à luz de algumas perspectivas teóricas e clínicas. O objeto do cotidiano através do tempo – ontem e hoje - suas múltiplas formas de utilização, foi o tema por onde iniciamos nossa

pesquisa. Daí, retrocedemos até a era da Mitologia, que nos serviu de inspiração, de campo aonde fomos buscar histórias de heróis e deuses, escolhendo alguns que se faziam representar por objetos que se acoplavam a suas apresentações públicas, lhes conferindo singularidade e uma identidade.

Evidentemente que, uma vez que a psicanálise é o esteio de nossa prática clínica, não podíamos deixar de proceder uma análise do objeto também por essa via, iniciando aonde Freud deu seus primeiros passos, ao trazer o objeto nos moldes de um reencontro. Seguimos a pesquisa com Winnicott e sua teoria do objeto transicional em que ele apregoa que o bebê utilizaria objetos como bichos de pelúcia, cobertores, bonecas ou mesmo uma ponta de lençol ou tecido, um edredon, num intento de independência, ainda que relativa. Enfim, desembocamos em Lacan que, em seu retorno a Freud, marcou uma diferença e instituiu o objeto pequeno *a*, impossível de aceder, nunca reencontrado, por se tratar muito mais de um vazio, por ter o estatuto de uma eterna falta.

Escancarando seu “mundo misterioso”, Donna Williams escreveu em sua primeira autobiografia: “Após ter-me apoiado sobre os objetos para me comunicar, utilizei-os para estabelecer laços afetivos” (2012, p. 89). Foi ao nos apoiarmos em depoimentos como esse – além de outros semelhantes – que ousamos comprovar nossa hipótese relativa ao uso do objeto pelo autista. Tal como Donna, outros autistas testemunham a tentativa de tratamento que constitui o objeto em si mesmo. A forma de utilização comprovada nos demais relatos também não se distancia de uma função terapêutica, o uso de objetos como recurso – às vezes, único – para se agarrar à borda da vida e do mundo, alcançar o outro que foi mantido à margem pelo autista, por ser ameaçador.

E assim, chegamos ao que se supõe um fim da dissertação - não da pesquisa e da escrita - com a certeza de que nosso esforço não foi em vão, mas, estamos certos que esta terá sua utilidade junto àqueles que empreendem um trabalho ou lidam com autistas, contribuindo para o seu bem estar. Longe de termos a pretensão de sermos os únicos a levantar a bandeira do uso da psicanálise para o tratamento do autista, a nossa aposta é que esse trabalho proponha uma intervenção capaz de acompanhar e respeitar o laço que o autista estabelece com um objeto, tirando daí, consequências que a ele retornem, conferindo calma e apaziguamento.

Foi um longo caminho, mas leve! O contato com as autobiografias evidenciou uma extrema beleza a cada relato, mostrou superação - aqui e alhures - conferiu aprendizagem, acrescentou afetos. Cada história descrita nos ensinou conteúdos que ultrapassam teorias, que transcendem o trabalho clínico. Ao mesmo tempo em que constatamos que o universo dos

objetos é vasto e pôde nos conduzir por profícuos, ricos e amplos caminhos, como já testemunhamos.

Diante das estradas que atravessamos, o mais importante foi, sobretudo, o que nos colocou frente a uma escrita. Nunca se sabe porque se escreve - diz Marguerite Duras - mas se escreve. *A posteriori*, pudemos perceber que, por trás dessa nossa escrita, de alguma forma, há também um grito de protesto contra aqueles que, em nome de métodos e práticas educativas que focam na aprendizagem de autistas como única forma de tratamento, querem denegrir a imagem da psicanálise e impedi-la de avançar priorizando o minoramento do sofrimento humano - seja em que estrutura for -, seu objetivo maior. Simultaneamente, foi possível comprovar que o discurso da ciência insiste em engessar o autista em rótulos diagnósticos com consequentes encaminhamentos que o esmagam sob a tirania de táticas e estratégias – muitas vezes violentas – adequadas a submergir e embotar sua subjetividade. Nesta conjunção entre a ciência - que busca freneticamente justificar as causas, além de lançar medicamentos de ponta para “curar” o autismo - e as abordagens que lutam por serem únicas e eficazes em trata-lo, por serem modificadoras de comportamentos “insanos”, aloja-se o autista como objeto de gozo, ali onde o prevalente é o discurso capitalista, visa-se muito mais o lucro mercadológico em detrimento do bem estar do autista.

No entanto, apesar de todas essas manobras, a psicanálise também insiste! Não em rotular, classificar ou curar, mas em “agir para que os autistas não fiquem esquecidos atrás do enigma que encarnam” (Laurent, 2014, p. 176). Insiste em dar-lhes voz, ainda que não haja fala. Insiste em dar-lhes vez, ainda que cheguem ao nosso alcance, destituídos de qualquer valor agalmático, com quadros bastante comprometidos. O analista, funcionando como parceiro, faz da sua presença um encontro, encontro com um saber em espera, com uma invenção, no caso a caso, a partir da contingência. Invenção que implica em uma solução – singular e ímpar - para amenizar o intenso sofrimento no qual está mergulhado o autista, opondo-se radicalmente a práticas pré-estabelecidas, uniformes e determinantes, que prometem resultados concretos.

Com o exposto, percebemos que neste percurso de escrita, ousamos ir além do esperado inicialmente. Ao final, depreendemos que, muito mais que uma escritura, houve inscrição, retificação, deslizamentos. O que a princípio se delimitava como uma dissertação de mestrado, apontou no horizonte para outras possibilidades de escrita e produção, o que muito nos entusiasmou.

Dessa maneira, sem a menor pretensão de sermos conclusivas, não poderíamos encerrar este trabalho senão com uma pergunta que também insiste durante todo o nosso

percurso: há como tratar um autista arrancando dele os poucos recursos que dispõe para tratar sua angústia, a bússola que o orienta para a tranquilidade e sua manutenção em um mundo que se lhe apresenta tão feroz? O autista não é louco, ele é autista... A ele, é inerente um saber que, se bem “escutado” e bem utilizado, fornece pontos cardeais, de referência, de como lidar com eles, num trabalho de suporte, muito mais que de retificação de seus comportamentos ditos “inadequados”. Assim como o pente de pentear de Borges, os objetos - inventados ou desinventados - sem dúvida, contam-se nesse rol. Seja um pente, uma begônia, uma gravanha... Ou, ainda, aquelas palavras que só pertencem ao seu idioma...

BIBLIOGRAFIA

- AFFINITY THERAPY. **Nouvelles recherches sur l'autisme**. Rennes, France : Presses Universitaires de Rennes, 2015.
- ALVARENGA, Elisa e LAIA, Sérgio (Organização). **FÓRUM DE DEBATES. O que é o autismo?** Observatório de Políticas do Autismo da EBP/FAPOL. Belo Horizonte: Editora EBP, 2018.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<https://blogs.sapo.pt/cloud/file/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeeducador/2015/DSM%20V.pdf>>. Acesso em: 14, Março, 2018.
- ANSERMET, François ; GIACOBINO, Ariane. **Autisme. À chacun son genome**. Collection Cahiers de l'Autisme. Navarin. Paris : Le Champ freudien, 2012.
- _____. **La fabrication des enfants**. Un vertige technologique. Paris: Odile Jacob, mai 2015.
- ASSOCIATION DE LA CAUSE FREUDIENNE VAL DE LOIRE. **L'autisme et le traumatisme de la langue**. Cas cliniques et travaux commentés par Éric Laurent. 1 Bretagne. Bureau D'Angers, 2015.
- AUTISME! **Quarto 108**, Revue de psychanalyse publiée en Belgique. Bruxelles: École de la Cause Freudienne, 2014.
- BAIO, Virginio. **Autismo. Opção Lacaniana**. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, Diretor Jacques-Alain Miller, Edição Especial 50, São Paulo, dez. 2007.
- _____. **La pratique à plusieurs en institution**. Preliminaire. Bruxelles: Antenne 10, 1998.
- BERMEJO, Francec Sáinz. **Winnicott y la perspectiva relacional en el psicoanálisis**. Colección Salud Mental. Fundación Vidal i Barraquer. Barcelona: Herder Editorial, 2017.
- BAUMAN, Zigmunt. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- BARNETT, Kristine. **Brilhante: a inspiradora história de uma mãe e seu filho gênio e autista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BERENGUER, Enric. Autismo y psicosis infantil: síntoma y desconexión. **Carretel 3**, Psicoanálisis con niños, Revista de la Diagonal Hispanoblante Nueva Red Cereda, Madrid, 2000.
- BERGER, Jacqueline. **Sortir de l'autisme**. Paris: Éditions Buchet-Chastel, 2007.
- BERMEJO, FRANCESC SÁINZ. **Winnicott y la perspectiva relacional na psicoanálisis**. Barcelona: Herder Editorial, S. L., 2017.
- BIALER, Marina. **A escrita terapêutica no autismo**. In: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. 18 n. 2, São Paulo: junho 2015.
- _____. **Autobiografias no autismo**. São Paulo: Toro Editora, 2017.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega Vol.III**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.
- CABAS, A. G. O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan. In: **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- CARBONEL, Neus. **Corpo de Criança**. In: SCILICET. **O Corpo Falante**. Sobre o inconsciente no século XXI. Rio de Janeiro: AMP/EBP, 2016.
- CASTANET, Hervé. **La famille et ses embrouilles**. Que dit aujourd'hui la psychanalyse de la famille? Textes choisi par Hervé Castanet. Fontenay-le-Comte: Éditions Lussaud, 2012.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- DONVAN, J.; ZUCKER, C. **Outra sintonia**. A história do autismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

- DUNKER, Christian. *Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- EGGE, Maartín. **El tratamiento del niño autista**. tercera edición. Madrid: Editorial Gredos, 2018.
- ELIADE, MIRCEA. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1972.
- EVANS, Dylan. **Diccionario introductorio de psicoanálisis lacaniano**. Buenos Aires: Paidós, 2003.
- FIGUEIREDO, Ana Cristina (Org.). **Psicanálise – Pesquisa e Clínica**. Rio de Janeiro: Editora Ipub, 2001.
- FLEISCHMANN, Arthur (with FLEISCHMANN, Carly). **Carly's voice: breaking through autism**. A Touchstone book, Published by Simon&Schuster. NY, London, Toronto, Sydney, New Delhi, 2012.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950[1895]). In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Ed. Standard Brasileira, vol I. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. A hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896). In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Ed. Standard Brasileira, vol III. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. A etiologia da histeria (1896). In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Ed. Standard Brasileira, vol III. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Ed. Standard Brasileira, vol VII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. Ansiedade e vida instintual. Conferência XXXII (1933[1932]). In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Ed. Standard Brasileira, vol XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FURMAN, Miguel. **Sin agujero: tratamiento posible del autismo y de la psicosis em la infancia y adolescência**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tres Haches, 2018.
- GARCIA- ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução á Metapsicologia 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.
- GILMAN, Priscilla. **O filho antirromântico**. Uma história de alegria inesperada. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- GRANDIN, T.; SCARIANO, M. M. **Uma menina estranha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GRAVES, Robert. **O grande livro dos mitos gregos**. São Paulo: Ediouro, 2008.
- Guia Visual da Mitologia no Mundo. National Geographic. São Paulo: Editora Abril, 2010.
- HIGASHIDA, N. **O que me faz pular**. Trad. Rogério Durst. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- HOFFMAN, Cecília. **Construyendo mundos**. Autismo, atención precoz y psicoanálisis. El caso Dídac. Madrid: Editorial Gredos, 2016.
- KLAUTAU, PERLA. **Encontros e desencontros entre Winnicott e Lacan**. São Paulo : Escuta, 2002.
- KURY, Mário da Gama. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. 3a ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1994.
- LA BIBLIOTHÈQUE LACANIENNE 3. **L'Avenir de l'Autisme avec Rosine et Robert Lefort** – Sous la direction de Judith Miller. Paris : Navarin Editeur, 2010.
- LACADÉE, Philippe. Celui qui s'entend lui-même. In : _____. **Autisme, discours croisés**. Nantes: Psyché Éditions Cécile Defaut, 2013.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 3**. As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1988.
- _____. **O Seminário, livro 4**: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- _____. **O Seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

- _____. **O Seminário, livro 6:** o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- _____. **O Seminário, livro 10:** a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. **O Seminário, livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1988.
- _____. **O Seminário, livro 16:** de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- _____. Conferência em Genebra sobre o sintoma. **Opção Lacaniana**, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, dez. 1998.
- _____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- _____. Nota sobre a criança. In : **Outros Escritos**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2003 (Campo Freudiano do Brasil).
- _____. Alocução sobre as psicoses da criança. In : **Outros Escritos**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2003 (Campo Freudiano do Brasil).
- LA CAUSE Freudienne. **Nouvelle Revue de Psychanalyse 78**. Des autistes et des psychanalystes, 2011.
- LA PETITE GIRAFE 8. **Quelle éthique avec les autistes?** Revue de la Diagonal Francophone du Nouveau Réseau CEREDA, Paris, Novembre 1997.
- LA PETITE GIRAFE 28. **Psychanalyse avec des enfants**. L'enfant et ses objets. Paris: Institut du Champ Freudien, octobre 2008.
- LASNIK-PENOT, M.-C. **Rumo à palavra:** três crianças autistas em psicanálise. São Paulo: Escuta, 1997.
- LAURENT, Éric. A batalha do autismo. Da clínica à política. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- _____. O que nos ensinam os autistas. In: _____. **Autismo(s) e atualidade:** uma leitura lacaniana. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- _____. Sobre algunos problemas de superficie en la psicosis y en el autismo. In: _____. **Hay un fin de análisis para los niños**. 2. ed. Delgado 834, Buenos Aires: Edigraf, Argentina, 1981. (Coleccion Diva).
- _____. Reflexiones sobre el autismo. In: _____. **Hay un fin de análisis para los niños**. 2. ed. Delgado 834, Buenos Aires, Argentina: Edigraf, 1992. (Coleccion Diva).
- _____. **L'autisme et le traumatisme de la langue**. Cas cliniques et travaux commentés par Éric Laurent. Édité par le bureau d'Angers de l'Association de la Cause freudienne Vâl de Loire – Bretagne, 2015.
- LES FEUILLETS du Courtil. **Psychanalyse et institution**. Désirer s'insérer? Numero 21, Décembre 2009.
- LEFORT, R.; LEFORT, R. **Nacimiento del Otro, dos psicoanálisis:** Nadia (13 meses) y Marie-Françoise (30 meses). Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Ediciones Paidós, 1980.
- _____. L'accès de l'enfant à la parole, condition du lien social. In L'autisme, Bulletin du Group Petite Enfance n° 10, janvier 1997.
- _____. A propósito del autismo. **Carretel 3**, Psicoanálisis con niños, Revista de la Diagonal Hispanoblante Nueva Red Cereda, Madrid, 2000.
- _____. **A distinção do autismo**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.
- LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos**. Círculo do Livro S.A. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1990.
- LUCERO, Ariana; VORCARO, Angela. Os objetos e o tratamento da criança autista. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 310-317, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198402922015000300310&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 fev. 2018.
- MALEVAL, Jean-Claude. Sobretudo verbosos os autistas. In: LATUSA 12. **Objetos Soletrados no Corpo**. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2007.

- _____. “Más bien verbosos”, los autistas, in *Psicoanálisis Aplicado: clínica del autismo y las psicosis*. Colección Invenções. Una publicación de la Fundación AVENIR. Córdoba, Argentina, abril de 2008.
- _____. Língua verbosa, língua factual e frases espontâneas nos autistas. In: _____. **Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- _____. **Por que a hipótese de uma estrutura autística?** In *Opção Lacaniana on line nova série*, ano 6, n. 18, novembro/2015.
- _____. **O autista e sua voz**. São Paulo: Blucher, 2017.
- _____. Os objetos autísticos complexos são nocivos? **Psicol. rev.** Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 223-254, ago. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682009000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 set. 2017.
- MANZOTTI, Marita y otros. **Clínica del autismo infantil: el dispositivo soporte**. Olivos: Grama Ediciones, 2018.
- MANUAL DE DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICA DOS TRANSTORNOS MENTAIS, 5ª edição ou DSM-5 (**Manual diagnóstico e estatístico feito pela Associação Americana de Psiquiatria**) publicado em 18.05.2013.
- MASSON, Jeffrey Moussaief (editor). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MAZZUCA, Roberto. El diagnóstico en la psiquiatria y el psicoanálisis. In: _____. **Psicopatología: clínica y ética**. De la psiquiatria al psicoanálisis. Olivos: Grama Ediciones, 2013.
- _____. Los conceptos lacanianos en la enseñanza de la psicopatología. In: _____. **Psicopatología: clínica y ética**. De la psiquiatria al psicoanálisis. Olivos: Grama Ediciones, 2013.
- Mc GREGOR, NEIL. **A história do mundo em 100 objetos**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.
- MILLER, J.-A. **O inconsciente real, Orientação Lacaniana**. Obra inédita, Aula de 15 de novembro de 2006.
- _____. Du désir d’insertion, et autres thèmes. In : Désirer s’insérer. Les feuillets du Courtil 31/décembre 2009.
- _____ y otros. **Desarraigados**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2016.
- _____. Lacan Elucidado. Palestras no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997 (Campo Freudiano no Brasil).
- MIRCEA, Eliade. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 1993, p. 239-262. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2016.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MUKHOPADHYAY, Tito Rajarshi. **How can I talk if my lips don’t move?**. New York: Arcade Publishing, 2008, 2011.
- MURTA, A.; CALMON, A.; ROSA, M. (Org.). **Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana**. Escola Brasileira de Psicanálise. BH: Scriptum Livros, 2012.
- NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **Guia Visual da Mitologia no Mundo**. São Paulo; Editora Abril, 2010.
- OTERO, M.; BRÉMOND, M. **A cielo aberto – Entrevistas**. Courtil, la invención em lo cotidiano. Paris: Buddy Movies, 2014.
- PERRIN, Myrian (direction). **Affinity therapy**. Nouvelles recherches sur l’autisme. Rennes : Presses Universitaires de Rennes. Clinique Psychanalytique et Psychopathologie, 2015.

- PIMENTA, Paula Ramos. **O objeto autístico e sua função no tratamento psicanalítico do autismo**. Disponível em: <<http://almanaquepsicanalise.com.br/o-objeto-autistico-e-sua-funcao-no-tratamento-psicanalitico-do-autismo/>>. Acesso em: 11 dez. 2016.
- _____. Objeto e linguagem em um caso de autismo. In: _____. **Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- PRELIMINAIRE – Publication du champ freudien em belgique. **La pratique à plusieurs**. Antenne 10, 1998.
- _____. **D’une rééducation et ses préliminaires**, n. 16, 2006.
- _____. **Pratique plurielle**. Désir singulier. n. 17, 2008.
- QUEIROZ, Edilene F. **Métodologie de la Recherche en Psychanalyse**. Cours à UFR d’Études psychanalytiques Ecoles Doctorales. Université Paris-Diderot . Le 12.12.2016 et le 16.01.2017. Inédito.
- RIBEIRO, M^a Anita C.; MARTINHO, M. H.; MIRANDA, Elisabeth da R. **O sujeito autista e seus objetos**. A peste, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 77-89, jul./dez. 2012.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- SACKS, Oliver. **Um antropólogo em Marte**. Sete Histórias Paradoxais. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SILVESTRE, Michel. “L’Autisme Infantile”, in L’Autisme, Bulletin 10, Numéro Especial Nouveau Réseau Cereda Diagonale Francophone. Groupe Petite Enfance. Janvier, 1997.
- SCRIPTA DOCUMENTS. **Traumatisme et symptôme dans l’enfance**. Comment les aborder? 4 Conférences. Association de la Cause Freudienne. Champagne, Artois, Picardie, Ardenne, 2010.
- _____. **Le regard et la voix chez l’enfant**. Incidences cliniques. 4 Conférences. Association de la Cause Freudienne. Champagne, Artois, Picardie, Ardenne, 2012.
- SELLIN, BIRGER. **La solitude du déserteur**. Un autiste raconte son combat pour rejoindre notre monde. Traduction française: Éditions Robert Laffont, S.A. Paris, 1998.
- STAVY, Jean-Claude. Autismo generalizado e invenções singulares. In: _____. **Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- STEVENS, Alexandre. Ce que nous enseignent les autistes de haut niveau. In: _____. **Autisme, discours croisés**. Nantes: Psyché Éditions Cécile Defaut, 2013.
- STIGLITZ, Gustavo. Autismo. In: SCILICET. **Os objetos a na experiência analítica**. Associação Mundial de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa Ed., 2008.
- SUAREZ, Esthela Solano. Pas de fumée sans feu. In: _____. **Autisme, discours croisés**. Nantes: Psyché Éditions Cécile Defaut, 2013.
- SUSKIND, R. **Vida animada**. Uma história sobre autismo, heróis e amizade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.
- TAMMET, Daniel. **Je suis né un jour bleu**. À l’intérieur du cerveau extraordinaire d’un savant autiste. Paris: Éditions J’ai Lu, 2006.
- _____. **Every word is a bird we teach to sing**. Encounters with the Mysteries and Meanings of Language. New York, Boston, London: Little, Brown and Company, september 2017.
- TENDLARZ, Silvia Helena. Autismo. In: SCILICET. **A Ordem Simbólica no Século XXI**. Não é mais o que era. Quais as consequências para o tratamento? EBP. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2011.
- TYSZLER, Jean-Jacques. **Da cena freudiana ao objeto em Lacan**. De la scène freudienne à l’objet chez Lacan. Recife : Centro de Estudos Freudianos, 2014.
- VELÁSQUEZ, José Fernando. Autismo y esquizofrenia. **Carretel 3**. Psicoanálisis con niños. Revista de la Diagonal Hispanoblante Nueva Red Cereda, Madrid, 2000.

- VIANNA, Luiz Fernando. **Meu menino vadio**: histórias de um garoto autista e seu pai estranho. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- VIEIRA, M. A. **Uma menina estranha e seu sintoma**. 2011. Disponível em: <http://www.clinicaps.com.br/clinicaps_revista_14_art_03.html>. Acesso em: 21, fev. 2018.
- VILANOVA, A. Clínica e transmissão: o que a morte pode nos ensinar disso? In: FIGUEIREDO, A. C. (Org.). **Psicanálise – Pesquisa e Clínica**. Rio de Janeiro: Editora Ipub, 2001.
- WILLIAMS, Donna. **Meu Mundo Misterioso**: Testemunho excepcional de uma jovem autista. Trad. Terezinha Braga Santos. Brasília: Thesaurus, 2012.
- _____. **Alguién en algún lugar**. Diálogo de una victoria contra el autismo. Barcelona: Nedediciones, 2015.
- _____. Everyday heaven. **Journeys beyond the stereotypes of autism**. London and Philadelphia : Jessica Kingsley Publishers, 2010.
- WINNICOTT, Donald W. **Les objets transicionnels**. Paris: Éditions Payot & Rivages 2010.
- _____. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1971. (Coleção Psicologia Psicanalítica).
- ZUCKER, C.; DONVAN, J. **Outra sintonia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.